ANDREW LANE

intrínseca



O JOVEM SHERLOCK HOLMES

GELO NEGRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ANDREW LANE

O JOVEM SHERLOCK HOLMES

GELO NEGRO

LIVRO 3

Tradução de Débora Isidoro



Copyright © Andrew Lane 2011
Originalmente publicado por Macmillan Children’s Books, Londres
Todos os direitos reservados.
TÍTULO ORIGINAL
Black Ice
ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira
PREPARAçÃO
Larissa Helena
REVISÃO
Letícia Féres
Shirley Lima
REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa
GERAçÃO DE EPUB
Intrínseca
E-ISBN
978-85-8057-271-1
Edição digital: 2012
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


»


»


You
Tube
»


intrínseca
»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Notas históricas
Sobre o autor
Conheça os livros do autor

Dedicado a David Richardson, Justin Richards e Jac Farrow, por terem tolerado meus ataques temperamentais enquanto escrevia este livro; a Ruth Alltimes e Katharine Smales, por cuidarem de mim em Bolonha, e a Louis Alcock, que nasceu mais ou menos na mesma época em que terminei este livro.

E com toda gratidão e reconhecimento a Philip Ardagh, por ter feito perguntas contundentes sobre Jeremy Brett, e aos alunos do curso de mestrado em literatura infantil da Universidade de Lancaster, por não terem feito perguntas contundentes sobre Jeremy Brett.

CAPÍTULO UM

A LUZ DO SOL BRILHAVA na superfície da água, e os reflexos atingiam os olhos de Sherlock como adagas afiadas. Ele não parava de piscar, e tentou manter as pálpebras semicerradas para diminuir o desconforto.

O pequeno barco a remo balançava suavemente no meio do lago. Ao redor, logo além da margem, o gramado se elevava em todas as direções, coberto por arbustos e árvores esparsos. Era como se o lago estivesse no meio de uma tigela verde, com o céu azul sem nuvens formando uma tampa.

Sherlock estava sentado na proa do barco, virado para a popa. Amyus Crowe também, e seu peso fazia seu lado da embarcação afundar um pouco, deixando o lado de Sherlock mais alto. Crowe segurava uma vara de pesca de bambu sobre o lago. Uma linha fina ligava a ponta da vara a um pequeno tufo de penas que flutuava na água: uma isca que, para um peixe faminto, podia parecer uma mosca.

Entre os dois, no fundo do barco, havia um cesto de vime vazio.

— Por que só trouxe uma vara? — perguntou Sherlock aborrecido.

— Porque este não é um dia de pescaria — respondeu Crowe, paciente, os olhos fixos na isca flutuante —, por mais que possa dar essa impressão. Não, isto é uma aula sobre habilidades para a vida.

— Eu devia ter imaginado — resmungou Sherlock.

— Embora também seja uma forma de conseguir o jantar desta noite para mim e para Virginia — reconheceu Crowe. — Sempre que possível, tento fazer com que as lições sirvam a diversos propósitos.

— Então eu só fico aqui sentado? — perguntou Sherlock. — Vendo você pescar o jantar?

— É mais ou menos isso — respondeu Crowe, sorrindo.

— E isso vai demorar?

— Bem, depende.

— Do quê?

— De eu ser ou não um bom pescador.

— E o que faria de você um bom pescador? — quis saber Sherlock, consciente de que fazia o jogo de Crowe, mas incapaz de se conter.

Em vez de responder, Crowe girou a manivela de osso da carretilha, recolhendo a linha com tranquilidade. A isca de penas saiu da água e ficou balançando no ar, pingando gotas brilhantes de volta no lago. Ele jogou a vara

para trás, e a linha passou sobre sua cabeça, a isca parecendo apenas um borrão com o movimento. Crowe fez o arremesso, a isca voou, desenhando um arco no ar, e atingiu outro ponto da superfície do lago, respingando um pouco de água ao redor. Ele sorriu enquanto observava a isca afundar.

— Todo bom pescador — disse Crowe — sabe que os peixes reagem de maneira diferente dependendo da temperatura e da época do ano. No início de uma manhã de primavera, por exemplo, o peixe não morde a isca. A água está fria e aquece pouco porque o sol está baixo e seus raios são refletidos pela superfície da água. Os peixes ficam mais lentos pois seu sangue, que é frio e sofre a influência do ambiente em que está, circula lentamente. Mas é só esperar até o final da manhã ou o início da tarde que tudo começa a mudar. O peixe morde intermitentemente, porque o sol está brilhando na água, aquecendo-a e deixando os peixes mais atentos. É claro, o vento faz tremular a superfície da água e empurra as pequenas migalhas de que os peixes se alimentam, e o pescador tem de seguir esse movimento. Não tem por que você pescar onde a água ainda está fria ou onde não há comida. E tudo isso pode mudar, dependendo da época do ano.

— Eu deveria estar anotando? — perguntou Sherlock.

— Você tem uma cabeça sobre os ombros: use-a. Memorize as informações. — Ele bufou e continuou: — No inverno, por exemplo, a água está fria, talvez até congelada, e os peixes não se movem tão depressa. Eles sobrevivem das reservas que acumularam no outono. Uma boa pescaria é impossível no inverno. Então, o que aprendeu até agora?

— Muito bem. — Sherlock reviu rapidamente os fatos que acabara de registrar na memória. — Na primavera, o ideal é pescar no começo da manhã ou no fim da tarde, e no inverno é melhor ir direto à peixaria.

Crowe riu.

— Um bom resumo dos fatos, mas pense no que está *por trás* deles. Qual é a regra que *explica* os fatos?

Sherlock refletiu por um momento.

— O mais importante é a temperatura da água, e o que altera a temperatura é o ângulo de incidência dos raios do sol na superfície e quão quente eles estão. Pense em onde está o sol, calcule onde a água estará morna, mas não quente, e é lá que você vai encontrar os peixes.

— Exatamente.

A isca se moveu, e Crowe se inclinou para frente, os olhos azuis fixos sob as sobrancelhas grossas e cinzentas.

— Cada peixe prefere uma temperatura diferente — continuou ele, falando baixo. — Um bom pescador combina seu conhecimento sobre a preferência do

peixe em relação à temperatura da água ao conhecimento da época do ano, da hora do dia e do movimento da água para deduzir qual peixe pode ser encontrado naquela parte específica do lago em determinada época do ano.

— Isso tudo é muito interessante — disse Sherlock, cauteloso —, mas não pretendo adotar a pescaria como hobby. Parece consistir de muito tempo sentado, esperando alguma coisa acontecer. Se tenho de ficar um período tão longo de tempo sentado, prefiro ter nas mãos um bom livro a uma vara de pescar.

— O que estou tentando demonstrar — insistiu Crowe com paciência —, de um jeito muito simples e prático, é que, se você está tentando capturar alguma coisa, precisa fazer isso de uma forma estruturada. Precisa conhecer os hábitos de sua presa e precisa saber como esses hábitos mudam dependendo do ambiente e das circunstâncias. A lição aplica-se tanto aos homens quanto aos peixes. Os homens têm suas preferências, lugares favoritos em diferentes horários do dia, e isso pode mudar se estiver sol ou se estiver chovendo, se o homem estiver com fome ou se estiver satisfeito. Você precisa conhecer sua presa para poder antecipar onde ela vai estar. Depois pode usar uma isca, algo como essas belas penas que amarrei, alguma coisa que a presa ache irresistível.

— Entendi a lição — falou Sherlock. — Podemos voltar agora?

— Ainda não. Eu ainda não pesquei meu jantar. — Os olhos de Crowe moviam-se pela superfície do lago à procura de alguma coisa. — Quando conhecer bem a presa e seus hábitos, vai precisar identificar os sinais de sua presença. Ela não vai pular e se apresentar. Não, ela vai se esconder, vai ser cuidadosa, e você precisará procurar os sinais sutis que indicam que ela está ali. — Seu olhar parou em um trecho do lago a cerca de três metros do barco. — Por exemplo, olhe — disse, esticando o pescoço naquela direção. — O que você vê?

Sherlock olhou com atenção.

— Água?

— O que mais?

Ele apertou os olhos por causa da claridade, tentando enxergar o que Crowe via. Por um momento, uma pequena área da superfície do lago afundou ligeiramente, como uma onda ao contrário. Foi só por um momento; depois voltou ao normal. Mas agora que sabia o que estava procurando, Sherlock viu mais depressões, mais pontos nos quais a superfície do lago parecia afundar por instantes.

— O que *é* isso?

— O nome é “rebojo” — respondeu Crowe. — Acontece quando o peixe, a truta, neste caso, fica logo abaixo da superfície da água, esperando pegar algum alimento de passagem. Quando enxerga alguma coisa, ele engole uma porção de água, sugando junto o alimento. Tudo que você vê na superfície é uma leve

depressão quando a água é puxada para baixo e o inseto é sugado. E isso, meu amigo, revela onde está a truta.

Ele puxou a vara de pescar para mover a isca pelo lago, puxando-a pela linha até fazê-la passar pelo local em que Sherlock vira a truta tentando engolir o alimento. Por um momento, nada aconteceu; depois a isca foi repentinamente puxada para baixo. Crowe recolheu a linha, girando a carretilha tão depressa quanto podia. A água explodiu para o alto em gotas prateadas, e no centro da explosão se debatia um peixe. A boca estava presa ao anzol escondido na isca, e as escamas tinham vários tons de marrom. Crowe ergueu a vara com habilidade, e o peixe quase voou para dentro do barco, onde ficou se debatendo freneticamente. Segurando a vara com uma das mãos para impedir que caísse na água, Crowe usou a outra para pegar um bastão de madeira embaixo do banco. Com um golpe rápido, o peixe ficou imóvel.

— Então, o que aprendemos hoje? — perguntou ele, tranquilo, removendo o anzol da boca da truta. — Conhecer os hábitos de sua presa, saber a isca que ela vai preferir e identificar os sinais de que ela está por perto. Faça tudo isso e terá aumentado muito sua chance de uma caçada bem-sucedida.

— Mas quando vou poder caçar alguém ou alguma coisa? — perguntou Sherlock, compreendendo a essência da lição, mas não como algo que se aplicasse a ele. — Sei que você foi caçador de recompensas na América, mas duvido que um dia eu vá seguir essa profissão. É mais provável que me torne banqueiro ou algo assim.

Só por dizer as palavras, seu coração apertou. A última coisa que queria para sua vida era um trabalho tedioso e burocrático, mas não sabia o que mais poderia fazer.

— Ah, a vida é cheia de coisas que você pode querer capturar — disse Crowe, jogando o peixe no cesto e cobrindo-o com a tampa de vime. — Talvez queira convencer investidores a participar de um esquema lucrativo que criou. É possível que em algum momento da vida você queira uma esposa. Pode precisar encontrar um homem que lhe deve dinheiro. Todos são motivos pelos quais uma pessoa poderia caçar alguém. Os princípios básicos permanecem os mesmos. — Olhando para Sherlock por baixo das sobrancelhas grossas, acrescentou: — Com base em experiências prévias, há sempre assassinos e criminosos com os quais você pode cruzar ao longo da vida. — Ele segurou a vara de pesca e jogou novamente a isca na água. — E, no fim das contas, também sempre há um cervo, um porco ou um peixe para capturar.

Então ele relaxou o corpo e, com os olhos semicerrados, dedicou-se à pescaria por mais uma hora, enquanto Sherlock observava.

Quando havia mais dois peixes no cesto, Amyus Crowe deixou a vara no fundo do barco e se espreguiçou.

— Acho que é hora de voltar — anunciou. — A menos que você queira tentar.

— O que eu faria com um peixe? — perguntou Sherlock. — Meus tios têm cozinheira em casa. Café da manhã, almoço e jantar são servidos sem que eu tenha de me preocupar.

— Alguém tem de pegar os animais para fazer a comida — argumentou Crowe. — E um dia você talvez tenha de se preocupar com a próxima refeição. — Ele sorriu. — Ou poderá querer surpreender a adorável Sra. Eglantine com uma bela truta para o jantar.

— Eu poderia deixar o peixe na cama dela — murmurou Sherlock. — O que acha da ideia?

— Tentadora. — Crowe riu. — Mas, não, acho melhor não.

Crowe pegou os remos e levou o barco até a margem. Depois de amarrá-lo a uma estaca no chão, ele e Sherlock se puseram a caminho do chalé.

A trilha seguia pela encosta inclinada da depressão em que ficava o lago. Crowe carregava o cesto de vime e andava com firmeza; fazia pouco barulho ao se mover, o que era surpreendente, considerando seu tamanho. Sherlock o seguia, agora cansado, além de entediado.

Eles chegaram ao topo da encosta, onde o terreno tornava-se plano. Crowe parou para esperar Sherlock.

— Um comentário — disse, apontando para a superfície azul do lago lá embaixo. — Se algum dia sair para caçar, não ceda à tentação de parar em um lugar como este, seja para apreciar a paisagem, seja para ter uma visão melhor do terreno. Imagine como somos vistos agora por um animal na floresta, recortados como estamos contra a luz. Dá para nos ver a quilômetros.

Antes que Sherlock tivesse tempo de dizer alguma coisa, Crowe retomou a caminhada, forçando a passagem pela vegetação alta. Por um instante, Sherlock perguntou-se como o homem sabia aonde ir sem uma bússola. Quase chegou a fazer a pergunta, mas, em vez disso, decidiu descobrir sozinho. Tudo o que Crowe tinha para se orientar era a natureza. O sol nasce no leste e se põe no oeste, mas isso não ajuda muito ao meio-dia, quando o sol está a pino. Ou estava enganado? Após um instante de reflexão, Sherlock percebeu que o sol só estaria realmente a pino ao meio-dia em lugares na linha do equador. Para um país no hemisfério norte, como a Inglaterra, o equador se localizava ao sul, e assim, mesmo ao meio-dia, o sol estaria mais baixo no céu. Devia ser desse modo que Crowe se orientava.

— E o musgo costuma crescer mais no lado norte das árvores — falou Crowe por cima do ombro. — Onde há mais sombra e mais umidade.

— Como você faz isso? — gritou Sherlock.

— Isso o quê?

— Como você descobre o que as pessoas estão pensando e as interrompe no momento certo.

— Ah. — Crowe riu. — É um truque que eu explico outra hora.

Sherlock perdeu a noção do tempo enquanto caminhavam pela floresta, e, de repente, Crowe parou e se abaixou, colocando o cesto no chão.

— O que você deduz? — perguntou.

O garoto abaixou-se ao lado dele. No solo macio à sombra de uma árvore, viu a marca de uma pata, uma pegada pequena e em forma de coração.

— Um cervo passou por aqui? — arriscou, tentando conectar o que via com o que podia deduzir.

— Sim, mas para onde foi e que idade tem?

Sherlock examinou a pegada com mais atenção, tentando imaginar a pata de um cervo, mas sem sucesso.

— Por ali? — perguntou ele, apontando na direção da parte mais arredondada da pegada.

— Para o outro lado — corrigiu Crowe. — Você está pensando nas patas de um cavalo, que têm a parte arredondada na frente. A parte mais pontiaguda dos cascos de um cervo sempre aponta na direção em que ele se movimenta. E esse animal é jovem. Você pode perceber pelas pequenas formas ovais atrás da pegada. São deixadas pelos dedos residuais. — Ele olhou em volta. — Olhe aquilo ali — disse, inclinando a cabeça para o lado. — Você consegue ver o rastro passando por entre os arbustos e a relva?

Sherlock olhou na direção indicada, e Crowe estava certo: *havia* uma trilha muito sutil marcada pela vegetação rasteira e pelos arbustos afastados para os lados. O caminho não tinha mais do que dez ou doze centímetros de largura, calculou.

— Os cervos se movem durante o dia entre a área onde dormem e sua fonte de água favorita, à procura de comida — continuou Crowe, sem se levantar. — Quando encontram uma rota segura, usam-na até se assustarem com alguma coisa. E que conclusão você tira disso?

— A presa mantém os mesmos hábitos, a menos que seja incomodada? — respondeu Sherlock, cauteloso.

— Exatamente. Lembre-se disso. Se está procurando por um homem que gosta de bebida, visite os bares. Se está atrás de um homem que gosta de apostas, vá ao jóquei-clube. E além disso, todo mundo tem de se locomover de algum

jeito, então converse com condutores e fiscais, verifique se eles se lembram do homem que está procurando.

Ele se levantou, pegou o cesto e continuou andando pelo bosque. Sherlock o seguiu, olhando em volta com atenção. Agora que Crowe havia indicado o que procurar, conseguia ver diferentes marcas no chão: pegadas de cervos de tamanhos variados e outras que evidentemente haviam sido deixadas por animais diferentes, talvez porcos-do-mato, raposas ou texugos. Ele também conseguia ver trilhas no meio da vegetação rasteira, onde os arbustos haviam sido afastados por animais que passavam. O que antes era invisível agora se tornava evidente. A mesma cena ganhara muito mais componentes a serem observados.

Eles levaram mais meia hora para chegar ao portão da mansão Holmes.

— Aqui eu me despeço — disse Crowe. — Amanhã continuamos. Tenho mais coisas para ensinar sobre rastreamento e caçada.

— Não quer entrar um pouco? — perguntou Sherlock. — Posso pedir para prepararem um bule de chá e uma das criadas pode limpar os peixes para você.

— Muita gentileza — disse Crowe. — Acho que vou aceitar sua oferta.

Juntos, eles subiram a alameda de cascalhos que se estendia até a mansão Holmes. Desta vez Sherlock seguia à frente.

Sem bater, ele abriu a porta da frente.

— Sra. Eglantine! — chamou em voz alta.

Uma silhueta negra surgiu das sombras sob a escada e se aproximou.

— Jovem senhor Sherlock — respondeu a governanta, com sua voz seca como folhas de outono. — O senhor parece tratar esta casa mais como um hotel do que como a residência de sua família.

— E você age como se fosse membro da família, e não uma serviçal — retrucou ele com frieza, embora seu coração palpitasse. — O Sr. Crowe vai tomar o chá da tarde comigo. Por favor, providencie.

Ele ficou onde estava, sem saber se a governanta cumpriria as ordens ou se faria um comentário cortante de recusa. Tinha a sensação de que ela também não estava certa de como reagir, mas, depois de um momento, a governanta se virou e caminhou para a cozinha sem dizer nada.

Sherlock sentiu uma vontade repentina e irresistível de ousar um pouco mais, de provocar a mulher que tanto se esforçara para tornar sua vida desconfortável no último ano.

— Ah — acrescentou o garoto, apontando para o cesto de vime aos pés de Amyus —, o Sr. Crowe pescou alguns peixes. Tenha a bondade de mandar alguém limpá-los para ele.

A Sra. Eglantine olhou para trás, e a expressão em seu rosto seria capaz de azedar o leite. Seus lábios se apertaram no esforço para conter uma resposta.

— É claro — disse a mulher finalmente, por entre os dentes. — Vou mandar alguém vir buscar o cesto. Tenham a bondade de deixá-lo aqui e dirijam-se à sala de visitas.

Ela desapareceu nas sombras como se fizesse parte delas.

— É bom ficar atento a essa mulher — aconselhou Amyus Crowe em voz baixa. — Vejo violência em seus olhos quando ela o encara.

— Não entendo por que meus tios toleram a presença dela — observou Sherlock. — Nem ao menos é uma governanta particularmente eficiente. Os outros empregados têm tanto medo dela que quase não conseguem cuidar de suas tarefas direito. As ajudantes de cozinha derrubam os pratos quando ela está por perto, de tanto que suas mãos tremem.

— Esse assunto merece ser investigado — murmurou Crowe. — Se, como você diz, ela não é uma governanta eficiente, deve haver algum outro motivo para que continue trabalhando na casa, apesar de sua personalidade amarga. Talvez seus tios tenham algum tipo de dívida com ela ou com a família dela e a mantenham aqui como forma de pagamento. Ou talvez ela conheça algum segredo de sua família e faça chantagem para garantir sua permanência em um trabalho fácil.

— Acho que Mycroft sabe — disse Sherlock, lembrando-se da carta que recebera do irmão quando chegou à mansão Holmes. — Creio que ele tenha me prevenido sobre ela.

— Seu irmão sabe muitas coisas — concordou Crowe, sorrindo. — E o que ele não sabe geralmente é o que não vale a pena.

— Você foi tutor dele também, não é? — perguntou Sherlock.

Crowe assentiu.

— Também o levou para pescar?

Uma gargalhada alterou a expressão em geral calma de Crowe.

— Só uma vez — admitiu, rindo. — Seu irmão não se dá muito bem com a natureza. Aquela foi a primeira e a última vez que vi um homem tentar pegar um peixe perseguindo-o em seu ambiente natural.

— Mycroft mergulhou atrás do peixe? — perguntou Sherlock, tentando imaginar a cena.

— Ele caiu quando tentava puxar o peixe para o barco. E, quando o peguei de volta, ele jurou que nunca mais deixaria a segurança da terra firme, e que seria ainda melhor se essa terra firme fosse a rua pavimentada de uma grande cidade. — Crowe fez uma pausa. — Mas, se perguntar a ele, seu irmão saberá dizer quais são os hábitos alimentares e os hábitats de todos os peixes da Europa. Ele pode ter pouco jeito com exercícios físicos, mas seu raciocínio é afiado como a tesoura de uma costureira.

Sherlock riu.

— Venha, vamos para a sala — disse. — O chá será servido em um momento.

A sala de visitas ficava logo depois do saguão, na frente da casa. Sherlock se jogou em uma poltrona confortável, enquanto Crowe instalou-se em um sofá grande o bastante para acomodar seu corpo avantajado. O assento rangeu com o peso. Amyus Crowe provavelmente era, calculou Sherlock, tão pesado quanto Mycroft Holmes, mas, no caso de Crowe, o volume era constituído por puro músculo.

Batidas suaves à porta anunciaram a chegada da criada, que carregava uma bandeja de prata na qual havia um bule de chá, duas xícaras com pires, uma pequena jarra de leite e um prato com fatias de bolo. Ou a Sra. Eglantine fora de uma generosidade incomum ou um dos empregados decidira tratar o visitante com cortesia.

Havia também um envelope branco e estreito na bandeja.

— Uma carta para o senhor — avisou a criada sem fazer contato visual com Sherlock. Ela deixou a bandeja na mesa. — Precisam de mais alguma coisa?

— Não, obrigado.

Assim que a criada saiu, Sherlock estendeu a mão para o envelope com evidente ansiedade. Não recebia muitas cartas na mansão Holmes, e quando elas chegavam quase sempre eram de...

— Mycroft!

— Isso é um fato ou uma dedução? — perguntou Crowe.

Sherlock brandiu o envelope.

— Reconheço a caligrafia e o selo postal é de Westminster, onde ficam o escritório, a casa e o clube que Mycroft frequenta.

Sherlock abriu o envelope, puxando a aba para romper a cera que o mantinha lacrado.

— Veja! — disse ele, já com a folha de papel na mão. — A carta foi escrita no papel timbrado do Diogenes Club.

— Verifique o selo no envelope — murmurou Crowe. — Qual foi a hora da postagem?

— Ontem, às três e meia da tarde — respondeu Sherlock, confuso. — Por quê?

Crowe o encarou imperturbável.

— No meio da tarde de um dia de semana e ele estava no clube escrevendo cartas, e não no escritório trabalhando? Acha que essa é uma atitude habitual de seu irmão?

Sherlock pensou por um momento.

— Certa vez ele me disse que costuma almoçar no clube — respondeu o menino depois de uma pausa. — Mycroft deve ter escrito a carta enquanto almoçava, e pediu ao criado do clube para postá-la. A correspondência deve ter sido recolhida no início da tarde, a carta deve ter chegado ao posto do correio por volta das três da tarde e foi selada meia hora depois. Não há nada de suspeito nisso, certo?

Crowe sorriu.

— Absolutamente nada. Eu só estava tentando demonstrar que muitos fatos podem ser deduzidos a partir de uma simples carta. Se o selo postal fosse de Salisbury, em vez de Westminster, teríamos muitas questões e dúvidas por se tratar de uma ocorrência incomum. Se soubéssemos que seu irmão nunca sai do escritório durante o dia, nem mesmo para almoçar, o que seria uma ocorrência improvável, devo admitir, e ainda assim a carta tivesse sido redigida no papel timbrado do clube que ele frequenta, isso também seria incomum. Poderíamos ter deduzido que seu irmão perdeu o emprego ou que estava suficientemente perturbado para faltar ao trabalho, ou sair dele mais cedo.

— Ou ele simplesmente estava no escritório usando as folhas de papel que pegara no Diogenes Club — sugeriu Sherlock.

Crowe pareceu desconcertado.

— Acho que sempre existe uma explicação alternativa — resmungou.

Sherlock leu a carta rapidamente, sentindo-se mais animado a cada parágrafo. Quando terminou, estava quase eufórico.

Meu querido Sherlock,

Escrevo apressado porque espero a chegada de uma torta de bife e rins, e desejo apreciá-la com toda a justiça merecida antes de voltar ao escritório.

Espero que esteja bem, e que os diversos ferimentos de suas recentes aventuras tenham cicatrizado. Espero também que nossos tios estejam bem e que a Sra. Eglantine não esteja se mostrando excessivamente desagradável.

Você ficará satisfeito em saber, tenho certeza, que providências foram tomadas para que continue

estudando na mansão Holmes. A notícia de que nunca mais terá de voltar à Escola Deepdene não será exatamente um grande choque, presumo.

Amyus Crowe seguirá sendo seu tutor para os aspectos mais práticos e experimentais da vida, e tio Sherrinford aceitou assumir a responsabilidade por sua educação religiosa e literária, ficando de fora apenas a matemática. Ainda vou pensar sobre isso, e mandarei notícias quando tomar uma decisão. O objetivo, é claro, será preparar você para ir à universidade em alguns anos. Podemos discutir posteriormente se prefere Oxford ou Cambridge.

A propósito, hoje de manhã recebi uma carta de nosso pai. Ele deve tê-la postado na Índia no momento em que chegou, já que a missiva resume tudo o que lhe aconteceu durante a viagem. Tenho certeza de que você prefere ler a carta a me ouvir relatá-la, por isso o convido para almoçar comigo (no clube, naturalmente) amanhã.

Por favor, estenda o convite ao Sr. Crowe: tenho alguns detalhes que gostaria de discutir com ele sobre sua educação. O trem que parte de Farnham pela manhã, às nove e meia, os deixará em Waterloo em tempo de me encontrarem ao meio-dia em ponto.

Aguardo ansiosamente para vê-lo amanhã e ouvir tudo o que tem para me contar sobre os ocorridos desde nosso último encontro.

Seu querido irmão,
Mycroft.

— Alguma coisa interessante? — perguntou Amyus Crowe.
— Nós vamos a Londres — respondeu Sherlock, sorridente.

CAPÍTULO DOIS

SHERLOCK CHEGOU A FARNHAM NAQUELA tarde sob uma chuva fina que empoçava as ruas e escorria pela sua nuca, por mais que ele levantasse ou dobrasse a gola do casaco. Ele ia montado no cavalo que "libertara" do barão Maupertuis — o animal para o qual ainda precisava encontrar um nome, se é que um dia aquilo aconteceria.

Na verdade, não conseguia entender por que as pessoas davam nomes aos animais. Os bichos não se importavam com aquilo, não fazia diferença se tinham nomes ou números, ou qualquer coisa que os identificasse, e implicava um nível de empatia e igualdade que não deveria existir. Animais eram animais e humanos eram humanos.

Enquanto o cavalo seguia pelas ruas molhadas na direção do mercado da cidade, Sherlock descobriu-se refletindo sobre a estranha diferença entre animais de estimação e os outros. Se era possível comer bifes de vaca, por que ninguém comia cavalos? Não parecia haver uma razão lógica para não fazê-lo. Até onde sabia, a carne de cavalo não era venenosa ou coisa parecida. Da mesma forma, se cachorros e gatos não constavam no cardápio, por que coelhos não estavam a salvo dos caldeirões? Não fazia sentido. Alguém estabelecera limites arbitrários no reino animal, traçando linhas como se dissesse: "Tudo bem, os que estão do lado de cá podem ser comidos à vontade, mas os do outro lado devem ser levados para passear, afagados, cuidados com carinho e enterrados quando morrem."

Ele ia se perguntando, enquanto a água se infiltrava por todas as brechas de suas roupas, se outros países tinham as mesmas regras ilógicas. Havia lugares no mundo cujos habitantes comiam cavalos e cachorros, mas talvez considerassem as vacas sagradas? Se havia, aquilo indicava que todas as normas eram subjetivas, se não aleatórias; se todos os países adotavam as mesmas distinções, porém, então podia haver algo nos humanos que os levava a considerar vacas como alimento e cavalos como amigos.

Ele afagou distraidamente o pescoço do cavalo em que estava montado. *Seria capaz* de comê-lo um dia? Poderia sentar-se para saborear um filé suculento, sabendo que poucas horas antes estivera cavalgando o animal de onde a carne viera? De um ponto de vista lógico, não conseguia encontrar nenhuma justificativa para não fazê-lo, mas, na prática, era capaz de detectar a repulsa provocada pela ideia. Talvez se estivesse morrendo de fome. Talvez se ele e o

cavalo fossem surpreendidos por uma nevasca, e sua única chance de sobrevivência fosse cozinhar e comer a carne do cavalo. Aquilo faria sentido.

Enquanto o animal trotava pela periferia de Farnham, um pensamento perturbador passou pela cabeça de Sherlock. Se acreditava que poderia, em tese, comer seu cavalo, por que não os amigos? Se ele e *Matty* fossem surpreendidos por uma nevasca...

Pensar nisso foi o suficiente para deixá-lo enjoado, e ele afastou rapidamente a ideia, mas restava ainda uma dúvida persistente. É lógico que há uma escala progressiva entre, por exemplo, insetos e humanos, em termos de inteligência e desenvolvimento geral. Peixes e sapos são mais próximos dos insetos, enquanto cachorros e gatos ficam mais perto dos humanos. Não fora aquilo que o Sr. Charles Darwin escrevera recentemente em seu livro *A Origem das Espécies* — um livro sobre o qual ouvira seu tio Sherrinford reclamar à mesa do jantar algumas semanas antes? Humanos eram apenas outro tipo de animal, de acordo com Darwin, sem nada de especial, nenhuma característica conferida por Deus. Mas, se excluirmos a religião da discussão, se aceitarmos que humanos são apenas animais que conseguem produzir ferramentas e falar, então por que não é permitido comer pessoas como comemos vacas?

Eram muitas perguntas, e a lógica não parecia ajudar muito. A lógica dizia a ele que, se *isso* era permitido, *aquilo* também devia ser, mas instintivamente sabia que havia uma diferença. Havia limites. O problema era não saber de onde vinham ou como refletir sobre eles de forma apropriada.

E tudo porque não dera um nome ao cavalo.

— Vou chamar você de Philadelphia — murmurou ele, afagando novamente o pescoço do animal.

Sherlock sorriu. Nomes possuíam muitos significados. Virginia — a filha de Amyus Crowe — dera à sua égua o nome de Sandia, como uma cadeia de montanhas nos Estados Unidos. Então, podia dar ao seu cavalo o nome de uma cidade americana também.

— Está decidido, Philadelphia — declarou ele.

O cavalo relinchou como se entendesse e aprovasse. Mas aquilo, é claro, era apenas sua imaginação.

Agora estavam no centro da cidade, e Sherlock deixou o cavalo — *Philadelphia* — amarrado ao lado do mercado de grãos e seguiu a pé, passando por baixo da colunata de tijolos para procurar Matty. Agora conhecia os hábitos dele e sabia onde encontrá-lo a qualquer hora do dia ou da noite. O menino parecia ter estabelecido uma rotina. Em vez de viajar em seu barquinho, à procura de novas cidades e oportunidades, ele se estabelecera em Farnham, pelo menos por ora. Sherlock tinha a secreta esperança de o motivo para aquela

decisão ser ele e a amizade entre os dois. Gostava de Matty e sentiria falta do amigo quando ele fosse embora — se fosse embora.

Matty estava sentado à margem do rio, aparentemente olhando para o nada, mas Sherlock sabia que ele estava à espera da chegada da balsa vinda da costa que em geral transportava caixas cheias de peixes cobertos de gelo picado. O garoto descobriu que, se uma das caixas caísse e quebrasse, conseguia roubar um ou dois peixes antes que alguém o impedisse. Sherlock às vezes se perguntava se Matty não se colocava no caminho dos carregadores de propósito, fazendo-os tropeçar e derrubar as caixas, mas nunca perguntou a ele. Era melhor não saber.

— Oi — cumprimentou Matty. — Estava aqui pensando se você ia aparecer.

— Vou a Londres amanhã — disse Sherlock. Havia planejado jogar um pouco de conversa fora antes, descobrir onde Matty estivera e o que fizera recentemente, mas era inútil. Não era bom em jogar conversa fora. — Preciso ir à estação comprar as passagens.

— Boa sorte — resmungou Matty.

— Você podia ir também — sugeriu Sherlock, não muito seguro, sem saber se o convite de Mycroft poderia incluí-lo também.

— Para a estação? Obrigado, mas já fui.

— Para Londres! — corrigiu Sherlock, irritado.

— Não vai me levar de volta àquele lugar cheio de fumaça. — Matty balançou a cabeça. — Ainda lembro o que aconteceu na última vez. Depois que você e Ginnie foram raptados por aquele capanga do barão Maupertuis, tive que voltar para Farnham com o pai dela. Ele tentou me ensinar a ler! — A voz dele ganhou um tom ofendido. — Eu disse que não *queria* ler, mas o homem insistia em me falar sobre como "antes de *p* e *b* só se usa *m*, nunca *n*", e outros trecos. E depois tivemos que ir de navio até a França para procurar vocês dois, e ele insistia nessa história. Não desistia nunca.

— Acho que ele gosta de ensinar, só isso — opinou Sherlock. — E você era o único aluno disponível.

— Pois bem, não vou cometer esse erro novamente.

— Você tem visto Virginia? — perguntou Sherlock.

— Não a vejo há alguns dias.

— Quer ir comigo procurá-la?

Matty balançou a cabeça e continuou olhando para o canal.

— Não, prefiro comer.

— Posso comprar um empadão para você — ofereceu Sherlock.

Matty pareceu tentado, mas balançou novamente a cabeça.

— Você não tá por perto o tempo todo — disse. — Não posso contar com outra pessoa para me dar comida. Tenho que me arranjar sozinho, e para isso

preciso continuar esperto. Tenho que conseguir pegar uma couve-flor ou um pedaço de presunto sem ninguém notar.

— Não tem problema — insistiu Sherlock em voz baixa. — Não é caridade, é amizade.

— Parece caridade — murmurou Matty. — E eu não aceito isso. Nunca.

Sherlock assentiu.

— Entendo. — Ele olhou em volta. — Vou até a estação. Vejo você mais tarde?

— Depende de quando o almoço aparecer — respondeu Matty, rabugento.

Sherlock se afastou, sem saber ao certo para onde ia. Estava tenso. Queria ir logo para Londres, mas sabia que tinha de esperar até o dia seguinte. Mycroft havia sido bem claro.

Ele caminhou pela High Street por um tempo, passando por tavernas que já estavam bem movimentadas embora fosse pouco depois de meio-dia, por padarias com vitrines cheias de pães trançados e cobertos por sementes, por lojas que vendiam vegetais e frutas, ou ferramentas e grãos, ou roupas feitas do tecido mais áspero ou do mais delicado. Sherlock andava por entre os inúmeros habitantes locais que compravam, ou vendiam, ou apenas se reuniam para conversar e passar o tempo.

— Sherlock! — chamou uma voz.

Ele se virou, surpreso. Por um momento, não reconheceu o homem alto e magro, com longos cabelos negros, que sorria para ele do outro lado da rua. Ou melhor, sabia que o *conhecia*, mas não se lembrava de onde. Seus olhos analisaram as roupas e as mãos, como Amyus Crowe havia ensinado, à procura de sinais que pudessem indicar sua profissão, mas, com exceção de uma área desgastada no ombro esquerdo do paletó e do pó alaranjado sob suas unhas, não havia outras pistas.

Exceto...

— Sr. Stone! — gritou Sherlock, no mesmo instante em que o cérebro forneceu a informação de que o homem era um violinista sem muita sorte, a julgar pelo estado de suas roupas.

O sorriso de Rufus Stone tornou-se mais largo, revelando o dente de ouro que Sherlock lembrava ter visto nas viagens de ida e volta a Nova York, quando o homem lhe dera aulas de violino para passar o tempo.

— Já disse várias vezes — gritou Stone enquanto começava a atravessar a rua, desviando das carruagens e carroças que passavam e evitando pisar nos montes de esterco deixados pelos cavalos — que só os empregados me chamam de “Sr. Stone”, e nos últimos meses há menos empregados que dentes no bico de uma galinha.

— O que aconteceu com você depois que aportamos em Southampton?

Sherlock tentou banir da voz a nota de superioridade e formular a pergunta como se fosse qualquer outra, mas ele havia imaginado que o violinista seguiria para Farnham depois que atracassem e se instalaria como tutor.

Stone estremeceu.

— Ah, preciso fazer uma confissão. Eu estava decidido a me instalar nesta área do mundo, mas em vez disso me desviei e segui para Salisbury, onde passei algumas semanas. Acho que basta dizer que conheci uma atriz, e que havia uma vaga na orquestra do teatro de Salisbury, em que eu poderia olhar aquele lindo rosto todas as noites enquanto tocava e vê-la atuar com tanto sentimento.

— O que aconteceu? — Sherlock quis saber.

— Ela resolveu compartilhar esse sentimento todo com o ator principal da peça, é claro — respondeu ele, com uma careta. — Como sempre fazem, é claro, apoiadas pelos olhares de admiração dos músicos no fosso. Posteriormente descobri que quase todos entraram na orquestra por causa dela, e que recebíamos salários inferiores à média pelo privilégio de estar ali. — Ele soltou um suspiro bem teatral. — Tudo bem! Vivendo e aprendendo. Então... acha que ainda há boas chances para um professor de violino nesta região de Hampshire?

— Creio que sim — respondeu Sherlock. — Há boas escolas por aqui, e algumas famílias bem importantes, também.

— E você? — perguntou Stone. — Tem praticado?

— Estive procurando um violino barato — admitiu Sherlock. — O que me faz pensar... Onde está o seu?

— Tenho um lugar seguro perto daqui. Deixei minhas posses, poucas que são, e o violino no quarto. O que *me* faz lembrar que, vim fazer um favor à dona do estabelecimento e preciso garantir sua simpatia. Se não levar uma galinha dentro de uma hora, suspeito que vou parar na rua de novo. Diga-me, onde posso encontrá-lo para continuarmos com as aulas?

— Na mansão Holmes — respondeu Sherlock. — Preciso de um ou dois dias para discutir esse assunto com meu irmão e meu tio, mas acho que vão concordar.

Stone sorriu e estendeu a mão.

— É um prazer revê-lo, Sr. Holmes — disse ao apertar a mão de Sherlock. Sua mão estava quente e seca, e Sherlock notou que ele não aplicava muita força no cumprimento. Talvez temesse machucar os dedos. — Vejo você em breve.

Ele se virou e, momentos depois, desapareceu na multidão.

Muitíssimo satisfeito por ter reencontrado Rufus Stone, Sherlock se afastou para buscar seu cavalo.

A estação ficava nos arredores da cidade. Não havia trens com partidas previstas para o início da tarde, por isso o lugar estava deserto quando ele desmontou do cavalo e se dirigiu à bilheteria.

— Duas passagens para Londres para amanhã — pediu ele ao idoso atrás do balcão. — Trem das nove e meia da manhã. Um adulto e uma criança, segunda classe.

O vendedor levantou uma sobrancelha.

— E você pode pagar por duas passagens de segunda classe, é? — resmungou ele. — Ou vai me dizer que paga amanhã, depois de receber sua mesada?

O garoto colocou um punhado de moedas no balcão. Mycroft sempre lhe enviava dinheiro pelo correio e, como não gastava muito, Sherlock tinha conseguido economizar uma quantia bem razoável. Seu irmão não dera nenhuma orientação sobre como ele deveria pagar pelas passagens nem enviara dinheiro extra no envelope, por isso Sherlock presumiu que Mycroft esperava que ele pagasse com as próprias economias. Mais um pequeno passo rumo às responsabilidades da vida adulta.

— Duas passagens — repetiu o vendedor, carrancudo. — Um adulto e uma criança, segunda classe. — Ele passou dois tíquetes pelo balcão, junto com algumas moedas. — E o troco.

— Obrigado.

Sherlock guardou as passagens em um bolso e o dinheiro no outro, e se virou. Foi então que viu alguém com roupas escuras entrando em uma viela paralela à estação. Parecia uma mulher.

Um arrepio percorreu suas costas. Será que a Sra. Eglantine o estava seguindo, espionando-o? Ele a humilhara a ponto de despertar na mulher o desejo de vingança? Sherlock desceu rapidamente a ladeira na direção do hotel, seguindo pela rua principal em vez de atravessar a viela, caso houvesse alguém esperando por ele ali, mas, quando passou pela esquina do prédio, viu que o lugar estava deserto. Sherlock examinou as paredes, mas não encontrou portas por onde a pessoa pudesse ter passado. Era como se houvesse desaparecido.

Será que tinha sido sua imaginação? O cérebro projetara a imagem do nada? Ou havia uma explicação mais simples, como uma moradora usando um atalho para chegar mais depressa a qualquer que fosse seu destino?

Sherlock entrou na viela e agachou-se para observar o chão. Havia pegadas se afastando. Bico fino e calcanhares pequenos, a julgar pelas impressões que via na lama. Não viu marcas de remendos ou buracos nos rastros das solas, o que indicava que os sapatos eram novos ou bem conservados, ou ambos.

Ele continuou analisando o solo e caminhou mais um pouco na viela, mas não havia nada além daquilo para ver.

Intrigado, ele montou em Philadelphia e partiu para a casa de Amyus Crowe com a intenção de entregar a ele a passagem.

Quando chegou, Sherlock notou que havia movimento no interior do chalé. A égua de Virginia estava na área cercada ao lado da casa, pastando tranquilamente. Ele se sentiu mais relaxado ao desmontar e dirigir-se à porta da frente.

Virginia não estava na sala, mas Amyus Crowe lia um livro sentado em uma poltrona. Ele levantou os olhos da página quando Sherlock entrou, olhando para o menino por cima dos óculos de leitura.

— Comprou as passagens?

— Sim. — Sherlock fez uma pausa. — Encontrei Rufus Stone — acrescentou. — Ele estava em Farnham.

— Evidentemente. — Crowe comprimiu os lábios. — Estranho que ele tenha aparecido aqui, exatamente onde você mora.

— Eu disse a ele onde moro. E sugeri que viesse a Farnham para dar aulas de violino.

— Muito generoso de sua parte — reconheceu Crowe, seus olhos azul-claros estudando Sherlock. — Posso compreender que proveito *você* tiraria disso, mas não vejo qual é a vantagem para o Sr. Stone.

— Ele tem de morar em algum lugar — respondeu Sherlock, desconfortável com o evidente descontentamento de Crowe por saber que Rufus Stone estava na região. — E é melhor que ele se instale onde haja pessoas que queiram aprender a tocar violino.

— Como você.

— Como eu.

Crowe deixou o livro sobre as pernas e tirou os óculos.

— Música é uma distração, Sherlock — disse ele em tom ameno. — Não é um bom passatempo para um homem que está tentando preencher a mente com coisas úteis. Pense quanto espaço do seu cérebro será ocupado com o aprendizado de todas as notas de uma música qualquer. Esse espaço poderia ser usado para memorizar as pegadas deixadas por animais, ou o formato da orelha das pessoas, ou os rastros deixados em suas mãos e roupas pelas atividades que praticaram ao longo do dia. Nada de música, filho. Música não tem utilidade para ninguém.

— Não concordo — disse Sherlock, sentindo-se estranhamente desapontado pela atitude desdenhosa de Amyus Crowe com relação a uma coisa pela qual ele se interessava cada vez mais. Lembrou-se dos pensamentos que tivera quando

estava a caminho da cidade, sobre as diferenças, ou as similaridades, entre animais e humanos. — Sim, eu poderia memorizar todas essas coisas... poderia aprender quais cogumelos são comestíveis e determinar as condições do casamento de um homem pelas manchas em seu chapéu, mas para quê? Para que serviria tudo isso? Apenas me transformaria em uma espécie de superpredador capaz de rastrear minha presa seguindo sinais quase invisíveis. Sem dúvida, isso deve *significar* alguma coisa? Imagino que a vida tenha algo mais do que ser apenas uma espécie de animal melhor que as outras.

— E a música é o que nos separa dos animais? — perguntou Crowe, com um olhar cauteloso.

— É uma das coisas.

Crowe deu de ombros.

— Nunca tive muito tempo para isso. Para mim, ser humano significa cuidar das pessoas ao meu redor e de mim mesmo, e tentar garantir que as pessoas cuidem umas das outras. Se isso me faz ser só mais um animal, então é exatamente o que sou.

— Mas para que serve tudo isso? — Sherlock se ouviu perguntar. — Se não há nada que nos faça sentir... — ele se esforçou para escolher a palavra certa — *elevados*, qual é o propósito de fazer qualquer coisa?

— Sobrevivência — respondeu Crowe simplesmente. — Vivemos para sobreviver.

— E é isso? — perguntou Sherlock, desapontado. — Seguimos em frente para poder seguir em frente? Vivemos para sobreviver e sobrevivemos para viver?

— É mais ou menos por aí — confirmou Crowe. — Como filosofia não fica muito bonito, mas tem a vantagem de não enrolar e ser basicamente inegável. Agora, vai ficar para almoçar ou vai voltar para o *seu* pessoal?

Sherlock reprimiu os argumentos que estivera reunindo, decepcionado por Crowe ter mudado de assunto tão repentinamente, mas feliz por não ter de entrar em um confronto com o tutor. Gostava de Amyus Crowe e não queria prejudicar o relacionamento com ele por um assunto tão simples quanto aulas de música.

— Virginia está em casa?

— Está lá atrás, pegando água para Sandia. Vá procurá-la, se quiser.

Quando Sherlock virou-se para a porta, a voz de Crowe ecoou firme pela sala.

— Talvez seja de seu interesse saber que Rufus Stone é também o nome de um vilarejo perto de Southampton. Pode ser coincidência... ou talvez ele tenha precisado usar um nome qualquer em algum momento e acabou se contentando

com o primeiro que passou pela cabeça, porque o viu em uma placa na estrada em algum lugar. Só um comentário.

Um comentário que Sherlock considerou inquietante. Achou também que havia sido mesquinho da parte de Amyus Crowe tocar nesse assunto.

Ele encontrou Virginia fora do chalé. Ela havia levado um balde com água para Sandia, que bebia com entusiasmo.

— O que seu pai tem contra Rufus Stone? — perguntou ele.

— E olá para você também. — Virginia o olhou de soslaio. — Está mesmo dizendo que não sabe?

— Realmente não sei — admitiu Sherlock.

Ela balançou a cabeça.

— Já disse isso antes e vou repetir: para um garoto esperto, você às vezes consegue ser bem estúpido.

— Mas não faz sentido! — protestou ele. — Pensei que seu pai ficaria *contente* por eu ter novos amigos e novos interesses.

Virginia o encarou e pôs as mãos na cintura.

— Vou lhe fazer uma pergunta: se seu pai ainda estivesse neste país, e não na Índia, o que ele pensaria do meu pai? Eles se dariam bem?

Sherlock franziu o cenho e pensou um pouco.

— Duvido — respondeu finalmente. — Eles são de classes sociais diferentes, para começar, e...

Sherlock parou, sem saber como traduzir o pensamento em palavras.

— E o quê? — pressionou Virginia.

— E, de certa forma, seu pai está fazendo o que meu pai faria se estivesse aqui. — Era estranho fazer essa afirmação. — Ensinando coisas para mim, levando-me a lugares, dando-me conselhos.

— Certo. Ele está agindo como um pai para você.

Sherlock lançou a ela um sorriso inseguro.

— E você não se incomoda com isso?

Virginia também sorriu.

— É bom ter você por perto. — Ela desviou os olhos por um instante antes de encará-lo outra vez. — E tem razão, seu pai ficaria enciumado se você passasse tanto tempo com alguém que o tratasse como um filho. Especialmente se essa pessoa ensinasse a você coisas que *ele* não poderia ensinar.

A luz da compreensão pareceu explodir como uma estrela na cabeça de Sherlock.

— E *seu* pai está com ciúme de Rufus Stone porque acha que Rufus está agindo como um pai para mim? — Esse pensamento era tão grandioso, tão impressionante, que parecia preencher sua mente. — Mas isso é uma *estupidez*!

— Por quê?

— Porque Rufus não tem nenhuma semelhança com um pai. Ele parece mais um irmão bem mais velho, ou um tio ainda jovem, ou algo assim. Além do mais, estudar violino com Rufus não significa que aprecio menos as aulas com seu pai. São duas coisas completamente distintas. Isso é... ilógico!

Ela o fitou e balançou a cabeça.

— As emoções não são lógicas, Sherlock. Não seguem regras.

— Então não gosto de emoções — declarou ele, com rebeldia. — Elas só causam confusão e sofrimento.

As palavras pairaram no ar entre eles por um longo instante, vibrando como um sino.

— Algumas emoções valem a pena — disse ela com a voz suave enquanto se virava. Depois se abaixou e pegou o balde. — Pelo menos *eu* acho que sim, mesmo que você pense diferente.

Virginia se afastou, seguindo para o terreno atrás da casa. Sherlock a observou até ela desaparecer atrás do chalé. Tinha a sensação de que algo importante acabara de acontecer, mas não sabia ao certo o quê.

Depois de um tempo, foi buscar seu cavalo. Ainda nem havia contado a Virginia que batizara o animal de Philadelphia, pensou desanimado. Talvez não fosse muito bom com emoções, mas sabia o suficiente para suspeitar que esse não era o melhor momento para voltar e contar a ela.

Ele voltou à mansão Holmes, a cabeça girando com ideias sobre Amyus Crowe, Virginia, Rufus Stone e seu pai, agora tão longe. Não gostava dessas conjecturas. Eram complicadas, adultas e ilógicas. Emocionais.

Quando chegou, Sherlock foi procurar seu tio Sherrinford e contou a ele sobre a carta de Mycroft. Não pediu permissão para ir a Londres, mas também não disse com todas as letras que iria independentemente do que o tio dissesse. Apenas deixou a impressão de que já era um fato consumado. Felizmente, o tio estava ocupado redigindo mais um dos sermões religiosos que vendia a vigários de todo o país por alguns centavos, e sua distração significava que não se importava em deixar Sherlock fazer o que quisesse, desde que fosse o que Mycroft quisesse também.

Na manhã seguinte, quando acordou, o sol brilhava pouco acima da copa das árvores e o céu estava completamente azul. As preocupações da noite anterior pareciam sem importância sob aquele sol radiante. Ele se vestiu depressa e, depois de um desjejum apressado com mingau e torradas, perguntou se uma das carroças poderia levá-lo até a estação. Era melhor do que deixar o cavalo amarrado por horas enquanto estivesse em Londres.

Amyus Crowe esperava por ele na plataforma, impressionante e quase monumental em seu terno e chapéu brancos. Ele assentiu para Sherlock.

— Acho que ontem à tarde nos despedimos de maneira meio tensa — observou ele. — Peço desculpas se pareci um pouco ríspido e irascível.

— Está tudo bem — respondeu Sherlock. — Se você acredita em alguma coisa, é melhor falar o que pensa. Não fazer isso é hipocrisia.

Crowe pigarreou.

— A mãe de Ginnie gostava de ópera — disse ele em voz baixa. — Adorava um alemão chamado Wagner. Depois que ela morreu, nunca mais consegui ouvir uma orquestra nem a voz de um cantor.

— Entendo — disse Sherlock baixinho.

— Então, você é mais sábio que eu.

Felizmente, o trem chegou antes que a conversa pudesse ficar ainda mais desconfortável.

Os dois viajaram sozinhos em um compartimento bastante razoável. Os assentos eram estofados e confortáveis. A fumaça da locomotiva passava pela janela como se fosse uma nuvem, e Sherlock vislumbrava a intervalos a área rural que passava do lado de fora.

Um coletor verificou os bilhetes pouco depois de Woking. Quando ele saiu do compartimento e fechou a porta de correr, Crowe indagou:

— O que achou do homem que acabou de sair?

Sherlock sabia como a mente de Crowe funcionava, por isso já esperava uma pergunta como essa.

— Os sapatos dele foram engraxados recentemente — disse —, e a camisa foi passada. Ou ele tem uma criada ou é casado, e como não acredito que um coletor de passagens tenha dinheiro para manter uma criada, presumo que seja casado.

— Muito bem — aprovou Crowe.

— A esposa é mais velha que ele — arriscou Sherlock.

— Como chegou a essa conclusão?

— Ele tem trinta e poucos anos, mas usa colarinhos antiquados. Como os de meu tio. E o colarinho não está puído, então não é como se o usasse há anos. A pessoa que cuida de suas roupas deve preferir um estilo antigo, logo, se é a esposa dele que cuida da casa, deve ser mais velha que ele.

— Você se esqueceu de considerar a possibilidade de ele ser casado com uma mulher mais jovem educada de forma antiquada, mas sua explicação é a mais provável — admitiu Crowe.

— E ele é meio cego do olho direito — concluiu Sherlock, triunfante.

Crowe assentiu.

— Realmente. Como percebeu?

— Ele barbeou o lado esquerdo do rosto e do pescoço com cuidado, mas o lado direito ainda tem alguns pelos visíveis. Deduzi que ele tem dificuldade para enxergar com o olho direito.

— Excelente. Está desenvolvendo muito bem a habilidade de observação.

— Perdi alguma coisa? — perguntou Sherlock, sorrindo.

Crowe deu de ombros.

— Várias coisas, na verdade. O homem já foi casado antes, mas a esposa morreu. Casou novamente, mas não tem filhos do casamento atual, o que perturba a esposa. Ah, e acredito que ele esteja desviando dinheiro da companhia ferroviária, mas isso já é um palpite.

Sherlock não conteve o riso.

— De onde tirou tudo isso?

— Prática — respondeu Crowe, sorrindo. — Isso e talento natural. Um dia você também vai conseguir.

Sherlock balançou a cabeça.

— Duvido — disse, com uma gargalhada. — Duvido muito.

CAPÍTULO TRÊS

A VIAGEM ATÉ WATERLOO PARECEU mais curta do que Sherlock se lembrava. Crowe manteve-se afiado o tempo todo, fazendo deduções sobre as diversas pessoas que entravam e saíam do vagão e nas estações por onde passavam. Às vezes, só para provocar, ele puxava conversa com elas e as induzia a falar sobre as coisas que ele já deduzira. O desconforto entre os dois relativo à conversa sobre Rufus Stone parecia ter desaparecido.

Quando o trem reduziu a velocidade e parou na plataforma de Waterloo, os dois desembarcaram e atravessaram o saguão até a saída da estação, para conseguir uma charrete de aluguel.

Sherlock já havia enfrentado o intenso movimento da estação de Waterloo antes, mas, quando ele e Amyus Crowe passaram por uma área particularmente agitada e cheia de homens usando cartola, ele se imaginou atravessando uma paisagem ameaçadora de chaminés industriais brotando de fábricas sombrias. A fumaça dos trens que passavam pela estação só tornava a comparação ainda pior. Irritado, ele tentou se livrar da imagem. Nem sempre tinha esses lampejos de imaginação, e não gostava nada quando isso acontecia. Não havia uma explicação lógica para transformar cartolas em fumacentas paisagens industriais. Essa era uma comparação poética, não analítica. Amyus Crowe não aprovaria.

Por outro lado, Rufus Stone adoraria. Pensar nisso o deixou desconfortável.

Crowe chamou a carruagem do lado de fora da estação. Eles não tinham bagagem, já que passariam apenas um dia, então embarcaram e partiram.

A charrete era pouco mais que uma caixa sobre duas rodas, com o condutor sentado no topo e o cavalo preso por arreios e rédeas de couro. Ela sacudia e balançava terrivelmente pelas ruas esburacadas de Londres.

— Diogenes Club — informou Crowe ao condutor.

— Onde fica isso, senhor? — gritou o condutor de volta.

— Vá para o Almirantado — respondeu Crowe. — De lá eu indico o caminho. — Recostando-se no assento quando o veículo partiu, ele disse em tom casual: — O clube existe há um ano, mais ou menos. Pelo que entendi, seu irmão foi um dos fundadores, ou pelo menos foi o que ele me contou. O nome vem do filósofo grego Diógenes de Sínope. Diógenes foi um dos fundadores da filosofia cínica, ou cinismo, como se tornou conhecida.

— Já ouvi a palavra “cínico” — disse Sherlock —, mas não sei ao certo o que significa.

— Os cínicos sugeriam que o propósito da vida é ter uma existência de virtude em consonância com a natureza, o que, na prática, significa rejeitar todos os desejos convencionais de riqueza, poder, saúde e fama, e levar uma vida simples livre de todas as posses. Não se pode criticá-los por isso, embora essa filosofia inviabilize, de certa forma, todo e qualquer progresso industrial na sociedade. Os cínicos também acreditavam que o mundo pertencia a todos igualmente, e que o sofrimento era causado por falsos julgamentos do que era valioso e por costumes e convenções inúteis que cercavam a sociedade. — Ele fez uma pausa. — Não sei bem como isso se aplica ao seu irmão, ou ao clube, mas você precisa saber que o Diogenes Club tem uma regra muito rigorosa. Ninguém pode falar lá dentro. Nem uma palavra. A única exceção é a Sala dos Visitantes, onde, presumo, seu irmão vai nos receber. Caso contrário, devemos nos preparar para um dia desconfortável.

A charrete seguiu aos solavancos pela ponte de Westminster, e Sherlock notou vários barcos a remo que deslizavam pela correnteza turva do rio.

— Diógenes e Platão viveram na mesma época? — perguntou ele, lembrando-se do livro que o irmão lhe dera de presente para sua viagem de navio aos Estados Unidos, *A República*, de Platão.

— Sim — respondeu Crowe —, e eles não se davam bem. Qualquer dia eu conto a história.

Do lado norte do rio, a charrete virou à esquerda, depois à direita e entrou em uma grande avenida de três faixas. No fim dela, Sherlock reconheceu a Trafalgar Square com seu memorial a Lorde Nelson. Estivera ali em sua visita anterior a Londres.

Alguns segundos mais tarde, o transporte parou. Os dois passageiros saltaram, e Crowe pagou pela corrida.

Eles ainda estavam na calçada da larga avenida, mas já no fim, onde a via pública descrevia uma curva e se transformava em outra estrada. Havia uma pequena porta no muro diante deles. Uma placa de bronze ao lado da porta identificava *The Diogenes Club* em letras cursivas elegantes.

Crowe usou a bengala para bater à porta, e momentos depois ela se abriu. Crowe entrou primeiro, abaixando a cabeça para evitar o batente baixo. Sherlock o seguiu.

Estavam em um corredor estreito com paredes revestidas de painéis de carvalho e piso de mármore. Uma escada levava ao primeiro andar, e uma porta aberta em um dos lados dava acesso ao que parecia ser um grande salão cheio de poltronas de couro verde. O silêncio era tão opressor que Sherlock quase podia senti-lo pressionando seus ouvidos. O tique-taque de algum relógio ecoava pelo salão.

O homem que abriu a porta era franzino, com rosto fino e pontudo. Vestia um impecável uniforme azul e tinha o porte de um ex-militar. Sherlock não era especialista no assunto, mas o homem se mantinha rígido e ereto, e suas botas brilhavam tanto que Sherlock provavelmente poderia ver seu reflexo nelas. Crowe entregou um cartão ao criado. Depois de lê-lo, o homem assentiu e convidou Crowe e Sherlock a segui-lo para o salão de poltronas verdes no fim do corredor. Os assentos estavam ocupados por homens que liam jornal, e o criado foi, desviando-se das poltronas, até os fundos do aposento, onde havia uma porta. Ele bateu.

Algumas pessoas levantaram os olhos de suas leituras e lançaram olhares aborrecidos para a origem do barulho.

Sherlock escutou com atenção, mas não houve resposta. Ele se censurou mentalmente: se ninguém podia falar no clube, era de se esperar que ninguém gritasse: “Entre!” O criado estava esperando alguém abrir a porta.

Nada aconteceu. O criado bateu outra vez.

Então houve movimento do outro lado. Algo se chocou na porta. O ferrolho foi destrancado e a porta se abriu.

Mycroft Holmes estava na soleira, bloqueando a entrada com seu corpo largo. Parecia confuso.

Ele levantou a mão como se pretendesse tocar a testa e pareceu tão surpreso quanto Sherlock, Crowe e o criado ao perceber que segurava uma faca.

Mycroft olhou para a faca em sua mão como se nunca a houvesse visto antes. Depois olhou para trás, para a sala. Ao se virar, acabou dando um passo para o lado, permitindo que Sherlock enxergasse o interior do cômodo.

A sala era revestida por painéis de madeira, como o restante do clube, mas não tinha janelas. No centro havia uma grande mesa. Cadeiras estofadas estavam posicionadas em torno dela de forma simétrica.

Um homem ocupava uma das cadeiras. A julgar pela mancha de sangue que se espalhava por sua camisa e pelo olhar vidrado, fixo no lustre que pendia do teto alto, ele estava morto.

— Mycroft? — chamou Sherlock.

Uma onda de surpresa vibrou pela sala, seguida por sussurros de desaprovação pelo evidente desrespeito às regras, mas ele não se importava. Só queria saber o que tinha acontecido.

O criado deu um passo para trás, com os olhos arregalados. Crowe estalou os dedos diante de seu rosto e imitou um gesto de soprar um apito. O homem assentiu, virou-se e correu.

Crowe agarrou Sherlock pelo braço e o empurrou para a Sala dos Visitantes, fechando a porta ao passar. O garoto notou que a parte interna da porta era

revestida com um material espesso, certamente para impedir que o som das conversas vazasse para as outras dependências do clube. Mycroft recuou, com o olhar confuso e ainda segurando a faca.

— Eu não... entendo — ele falou, hesitante.

— Sr. Holmes — disparou Crowe —, você precisa se concentrar. O que aconteceu? Conte-nos tudo.

— Eu estava... esperando por vocês — respondeu Mycroft. Sua voz adquiria força à medida que ele falava. — Havia calculado a hora em que chegariam com base nos horários do trem e no tráfego habitual entre a estação de Waterloo e o clube a esta hora do dia. Alguém bateu à porta. O criado, Brinnell, entregou-me um cartão em uma bandeja. Aparentemente, um homem desejava me ver. Eu não sabia quem ele era e já me preparava para dizer que não o receberia quando notei algumas palavras rabiscadas no verso do cartão. Eram palavras com... com as quais já havia deparado outras vezes durante o exercício da minha função. Palavras de importante significado. Pedi a Brinnell que trouxesse o homem aqui, à Sala dos Visitantes.

Ele parou e franziu o cenho, dando a impressão de que tentava lembrar-se de algo que lhe escapava.

— Esperei aqui — continuou Mycroft. — Ouvi alguém bater à porta. Em vez de autorizar a entrada, fui abrir a porta pessoalmente. Este é o costume aqui no Diogenes Club. Serve para evitar conversas desnecessárias, algo que a maioria dos membros considera desagradável. Havia um homem do lado de fora...

— Aquele homem? — perguntou Crowe, apontando para o corpo imóvel na cadeira.

— Sim — Mycroft confirmou, estremecendo. — Aquele homem. Convidei-o a entrar com um gesto, e assim ele fez. Fechei a porta em seguida, e...

Ele se calou. Sua mão — a que não segurava a faca — ergueu-se como se quisesse tocar a própria cabeça.

— Isso é tudo de que me lembro até ouvir alguém bater à porta novamente. Pensei estar vivendo um daqueles momentos que os franceses chamam de *déjà-vu*, quando se acredita que o que está acontecendo já aconteceu antes. Abri a porta esperando encontrar Brinnell e o visitante, mas eram vocês. Fiquei confuso. Virei, esperando encontrar o visitante atrás de mim. — Mycroft apontou o corpo sem vida na cadeira. — E encontrei — acrescentou, com um tom de voz seco que Sherlock conhecia muito bem. — Mas não como imaginava.

— Sr. Holmes — disse Crowe —, para não deixarmos nada de fora e porque esta é, evidentemente, uma pergunta que a polícia fará: você matou aquele homem?

— Não tenho nenhuma lembrança de tê-lo matado — respondeu Mycroft, com cautela.

— Sugiro que na próxima vez que ouvir essa pergunta responda apenas com um simples “não”. Não que isso vá adiantar alguma coisa. — Crowe suspirou. — Conhece um bom advogado?

— Há um contratado pelo Diogenes — respondeu Mycroft. — Brinnell pode lhe dar os contatos do homem.

— Então, o que quer que aconteça no futuro próximo, tenha certeza de que vamos procurar o advogado do Diogenes e fazer de tudo para libertá-lo.

Mycroft virou-se para olhar o corpo.

— Isso talvez seja difícil — disse ele em um tom pesaroso. — Há poucas evidências, e as poucas que existem parecem estar contra mim.

— Você não matou esse homem — afirmou Sherlock com segurança. — Não sei o que aconteceu aqui, mas tenho certeza disso.

Mycroft sorriu fracamente e deu um tapinha no ombro de Sherlock.

— Obrigado — disse. — Acho que precisava ouvir isso.

Uma comoção do lado de fora os alertou para a chegada da polícia.

— Sugiro que deixe a faca sobre a mesa — disse Crowe. — Não é muito aconselhável estar armado quando a polícia chega.

Mycroft aproximou-se da mesa e deixou a faca nela no mesmo instante em que a porta se abriu. Um grupo de homens vestindo uniformes azuis entrou no local. Crowe deu um passo à frente, encobrindo o movimento de Mycroft.

— Houve um assassinato — disse ele. — O corpo está perto da mesa, assim como a faca que provavelmente foi usada no crime.

— E quem é você? — quis saber o chefe do grupo.

— Meu nome é Amyus Crowe. E você, quem é?

— Um estrangeiro — comentou o policial, olhando com ar significativo para os companheiros. — Onde estava quando o crime aconteceu?

— Perguntei seu nome — insistiu Crowe, educado, mas firme.

— Sou o sargento Coleman — respondeu o policial, estufando o peito. — Talvez agora você possa responder à *minha* pergunta. — Ele fez uma pausa. — Senhor.

— Estava do lado de fora — respondeu Crowe —, com o rapaz aqui. O criado é testemunha disso.

— E quem é o jovem?

— Sherlock Holmes — respondeu o próprio.

— Então, quem estava *no* aposento? — quis saber o sargento.

Crowe hesitou, revelando algum desconforto.

— Creio que aquele cavalheiro estava lá — disse ele, indicando Mycroft com um movimento de cabeça.

O sargento deu um passo à frente.

— Isso é verdade, senhor? — perguntou ele.

Mycroft assentiu.

— Sim, eu estava no salão — afirmou com clareza.

— Qual é seu nome?

— Mycroft Siger Holmes.

— Matou esse homem, senhor?

— Não, eu não matei esse homem.

Sherlock notou que um dos cantos dos lábios de Crowe ergueu-se ligeiramente, como se aprovasse a firmeza da resposta de Mycroft. O sargento pareceu surpreso.

— Creio que terei de prendê-lo, senhor. Será levado à Scotland Yard, onde será interrogado sob juramento. — Ele olhou para o cadáver, depois para um de seus subordinados. — Mande alguém buscar o legista. O velho Murdoch está de plantão hoje. Traga-o para vir buscar o corpo. E pegue aquela faca, vamos mostrá-la ao juiz.

As palavras eram como o badalar dissonante de um grande sino aos ouvidos de Sherlock. Horrorizado, ele viu Mycroft ser conduzido para fora da Sala dos Visitantes, passando pelo salão principal do clube até o corredor. Um dos policiais pegou com cuidado a faca pelo cabo e a levou.

— Sr. Crowe... — começou Sherlock.

— Agora não — interrompeu Crowe. — Compreendo que esteja nervoso. É a reação esperada. O problema é que, se quisermos limpar o nome de seu irmão e livrá-lo da prisão, temos de agir depressa, com total precisão e eficiência. Neste momento, emoções só vão servir para nos atrasar e prejudicar nosso discernimento. Entende o que estou dizendo?

— Sim — sussurrou Sherlock.

— Suprima qualquer tristeza ou choque que esteja sentindo. Imagine que está envolvendo esses sentimentos em um cobertor, amarrando-os com firmeza e guardando-o no fundo da mente. Não peço que esqueça definitivamente essas emoções; é só por enquanto. Vai poder recuperá-las mais tarde, quando for seguro, e dedicar-se a elas pelo tempo que quiser. Mas não *agora*.

— Sim. Tudo bem. — Sherlock fechou os olhos e tentou fazer o que Crowe sugeria. Tentou imaginar a mistura de sentimentos como uma esfera inflamável pairando em sua cabeça, e depois pensou em um tecido à prova de fogo, negro como a noite, envolvendo aquela esfera. Cordas e correntes surgiram da escuridão e envolveram o conjunto, apertando-o até deixá-lo bem pequeno.

Depois, imaginou tudo isso mergulhando nas sombras até chegar ao fundo da mente, em um armário empoeirado no porão das lembranças. E então fechou a porta.

Abriu os olhos e respirou fundo. Sentia-se melhor. Menos apavorado. Sabia que os sentimentos ainda estavam ali, no armário, mas não os *sentia*. Podia tirá-los de lá quando quisesse, mas nesse momento não sabia se *desejaria* fazer isso algum dia.

— Tudo bem?

— Sim, estou bem. O que temos que fazer?

— Precisamos revistar o corpo e o cômodo também. Eu cuido do cadáver, você olha a sala.

— Certo. — Ele refletiu por um momento. — Por que a polícia nos deixou aqui sozinhos com... o corpo?

Crowe fez uma expressão de impaciência.

— O problema dos profissionais que lutam contra o crime é que gostam de respostas simples e diretas. Encontram duas pessoas em uma sala fechada, uma delas morta, a outra, viva. Para eles, a resposta é simples e tenho de admitir que, se não conhecesse seu irmão como conheço, a situação também me pareceria assim. Então, até onde sabem, já pegaram o culpado. A faca é mais como um troféu para eles, porque podem exibi-la no julgamento e assustar o júri. O cadáver... Bem, o homem está morto, não vai a lugar nenhum enquanto o legista não chegar para levá-lo. E isso vai nos dar tempo suficiente para ver o que eles poderiam ter encontrado se tivessem se incomodado em procurar. Agora chega de conversa. Vamos trabalhar!

Enquanto Crowe se ocupava do corpo, Sherlock começou a revista em um canto da sala e foi prosseguindo metodicamente, centímetro por centímetro. Ele não sabia o que estava procurando, por isso olhava tudo que parecesse ser fora do comum. Checou os painéis de madeira e os quadros pendurados, e também pegou uma das cadeiras em torno da mesa e arrastou-a até a parede para inspecionar os ganchos que seguravam as molduras, posicionados pouco abaixo do teto. Depois dedicou-se ao chão, analisando o carpete em busca de coisas que pudessem ter caído da mão ou do bolso de alguém e ficado preso entre as fibras.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Crowe depois de um tempo.

— Nada até agora — respondeu ele, desanimado.

Sherlock continuou se movendo pela sala, olhando para toda e qualquer coisa. Quando chegou ao canto da mesa, percebeu que havia algo no chão: uma pequena caixa revestida de couro deixada atrás de um dos pés da mesa, como se alguém houvesse tentado se livrar dela rapidamente.

— Encontrei alguma coisa — anunciou Sherlock, pegando a caixa e colocando-a sobre a mesa.

Crowe se aproximou para ver o que era e examinou o objeto de forma crítica.

— Estrutura simples de madeira, revestimento de couro, dobradiças, fechadura e pés de latão — murmurou. — Nada especial ou incomum. Não há marcas de uso nos pés nem desgaste na fechadura, o que indica que a caixa é nova. Ah, veja o puxador... Percebe o fio amarrado nele? A etiqueta de preço devia estar presa aqui. Esse homem, ou quem quer que seja, removeu a etiqueta, mas se esqueceu de tirar o fio também. Foi um erro. — Ele abriu a fechadura. — Destrancada, o que é bom para nós.

Crowe levantou a tampa para que pudessem ver o interior da caixa.

Era forrada por um tecido vermelho, provavelmente seda ou cetim. O tecido era bastante acolchoado, de forma que qualquer coisa ali guardada ficasse bem presa quando a tampa fosse fechada.

— Duas depressões no acolchoado, está vendo? — Crowe apontou para as duas áreas onde o tecido estava afundado, sugerindo que a caixa havia guardado dois itens, mas Sherlock já havia notado. — É impreciso demais para sabermos a forma dos objetos, mas parece que eram diferentes.

— O acolchoado em torno de uma das depressões é de cor diferente — comentou Sherlock. — Um pouco mais escuro.

— Pode ser apenas desgaste — resmungou Crowe.

— Mas a caixa é nova, acaba de ser comprada.

— Tem razão. — Crowe tocou a superfície do tecido vermelho. — Está meio úmido. Isso é estranho. Havia alguma coisa molhada aqui dentro, talvez uma garrafa contendo um líquido que vazou.

Sherlock olhou em volta, procurando pela sala.

— Uma garrafa de quê?

— Ainda não sei ao certo. Vamos apenas guardar a informação para voltar a ela mais tarde. — Ele fechou a caixa e olhou em volta. — E aqueles painéis na parede? Encontrou alguma porta oculta? Algum sinal de que possa haver uma janela ou passagem sob o revestimento? Alguém deve ter entrado e saído desta sala sem ser visto.

— Pensei nisso, mas não há sinais de dobradiças ou emendas. Bati nas paredes, mas nenhuma delas soou oca.

— Tudo bem.

— Quer verificar?

— Por que deveria? — Crowe soava surpreso. — Você tem bons olhos em uma cabeça boa. E o carpete? Parece que é limpo todos os dias, e não encontrei nada que pudesse ter caído no chão hoje.

— Então, não há nada — resumiu Crowe, taciturno.

— Exceto... — começou Sherlock.

— Exceto o quê?

— Exceto uma mancha de umidade que acabei de notar no carpete, bem aqui. E está fria.

Crowe virou-se e olhou para Sherlock.

— Uma o quê?

— Uma mancha de umidade. Talvez alguém tenha derrubado um copo de água.

Crowe levantou as sobrancelhas.

— Interessante. Temos uma caixa que pode ter contido uma garrafa de alguma coisa e uma mancha de umidade onde a mesma garrafa pode ter derrubado seu conteúdo, mas não temos a garrafa, nem o que havia na caixa além dela. Isso é uma anomalia e é exatamente o que precisávamos encontrar agora. Coisas que não se encaixam.

Sherlock não estava tão confiante.

— Então, o que isso significa?

O tutor deu de ombros.

— Ainda não sei, mas vou arquivar todas essas informações para análise posterior e sugiro que faça o mesmo. Agora, continue procurando. O fato de ter encontrado uma coisa não significa que não há mais a ser encontrado.

Sherlock passou os dez minutos seguintes vasculhando o restante da sala, mas, quando voltou ao canto onde começara a revista, parou. Amyus Crowe também parecia ter terminado de examinar o cadáver; estava de pé, olhando em volta com interesse.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Sherlock.

Crowe deu de ombros.

— Alguns detalhes que podem ser interessantes. Para começar, esse homem não estava saudável. Emagreceu demais recentemente e recebia cuidados médicos. Encontrei isto aqui — apontou ele, segurando um pequeno frasco de vidro com uma válvula spray. — Acho que é algum tipo de medicamento, mas vou precisar mandar para análise.

— Posso ver? — pediu Sherlock.

Crowe entregou o recipiente, que era do tamanho do polegar de Sherlock, e cuja válvula parecia ser usada para borrifar seu conteúdo. O garoto cheirou o bocal do frasco e se encolheu. Havia algo de familiar no cheiro forte, mas ele não conseguia identificar o que era.

— As roupas indicam que ele era um cavalheiro — continuou Crowe —, mas as tatuagens nos braços sugerem o contrário.

Sherlock guardou o frasco de vidro no bolso e parou ao lado de Crowe. O homem era magro, e veias finas e avermelhadas podiam ser vistas em suas bochechas. A cabeça estava inclinada para trás, e os olhos arregalados e injetados encaravam o teto. A pele era muito branca, mas Sherlock não sabia se a palidez era natural ou resultado da morte recente.

A frente da camisa branca agora estava completamente marrom-avermelhada por causa do sangue seco. Havia um rasgo na altura do coração: fora ali que a lâmina havia acertado, Sherlock pensou.

Mas quem empunhara a faca?

Ele se aproximou. Havia alguma coisa naquele rasgo que chamava sua atenção, mas não sabia o que era.

— Viu alguma coisa? — perguntou Crowe.

Sherlock hesitou.

— Estava apenas tentando lembrar como era a faca... A que estava na mão de Mycroft.

— Devo confessar que não cheguei a vê-la de perto — admitiu o tutor.

— Mas eu, sim — respondeu Sherlock. — Era fina, como um abridor de cartas, e o rasgo na camisa do morto é bem grande. Maior do que a faca que vi quando chegamos.

— Interessante. — Crowe refletiu. — Também examinei rapidamente o ferimento. É bem grande. Sugere uma faca de lâmina larga, mas se você está dizendo que a faca que foi levada pela polícia tem a lâmina fina... Bem, essa é outra anomalia que precisa de explicação.

— O homem pode ter resistido? — sugeriu Sherlock. — Os movimentos poderiam ter causado um rasgo maior na camisa e... na pele?

— É possível. — Crowe pensou por um momento. — Esse é o tipo de coisa que exige um experimento.

— O quê? — reagiu Sherlock, assustado. — Está falando em esfaquear alguém e esperar que a pessoa resista?

Crowe riu.

— Não, estou sugerindo que encontremos um porco morto e então podemos vesti-lo com uma camisa, um de nós o esfaqueia com um abridor de cartas enquanto o outro sacode um pouco o animal. Vamos ver se conseguimos reproduzir o rasgo na camisa e o ferimento no peito desse pobre coitado. Deduções só podem nos levar até determinado ponto, depois disso precisamos de provas. — Ele apontou para a porta. — Vá procurar o criado que nos recebeu, Brinnell. Traga-o aqui. Quero fazer algumas perguntas a ele.

Sherlock foi para o salão do clube. Os frequentadores acompanhavam sua passagem com olhares irritados; haviam visto a polícia, e obviamente sabiam

que algo incomum estava acontecendo, mas pareciam determinados a fingir que tudo permanecia calmo como sempre no clube. Sherlock tentou passar despercebido, sem fazer barulho. Enquanto se desviava das poltronas de couro verde, tentava entender por que o irmão se interessava pelo clube. Excetuando-se o assassinato, aquele era o lugar mais chato que ele já havia visitado, e suspeitava que o Diogenes Club não tinha o hábito de acolher assassinos.

Ele encontrou Brinnell no saguão. O criado parecia preocupado. Sherlock se preparava para convidá-lo a voltar à Sala dos Visitantes quando Brinnell levou o dedo aos lábios pedindo silêncio. Sherlock apontou para Brinnell, depois para a Sala dos Visitantes. O criado assentiu, passou por Sherlock e pela escada e desapareceu por uma porta que devia levar a uma área restrita aos empregados. Momentos depois ele voltou com outro criado uniformizado, mais velho e mais calvo. Deixando o homem no saguão para atender à porta e impedir a entrada de desconhecidos barulhentos, Brinnell seguiu Sherlock de volta à sala onde o crime havia acontecido.

Crowe estava exatamente no mesmo lugar onde Sherlock o deixara.

— Agradeço por ter aceitado falar conosco — disse ele ao empregado do clube quando Sherlock fechou a porta. — Entendo que esteja muito ocupado no momento, com toda a agitação provocada pelo assassinato.

— É chocante — desabafou Brinnell. — Chocante. — Ele olhou para o cadáver. — E é claro que nós teremos de limpar tudo isso.

— Você trouxe o cavalheiro até aqui, certo?

— Sim, senhor. Fui eu.

— Como ele chegou ao clube?

Brinnell pensou por um momento.

— Ele chegou pela porta da frente, como vocês dois. Entregou-me um cartão. No verso, ele havia anotado o nome do Sr. Holmes e mais algumas palavras que não reconheci de imediato.

— Que palavras eram essas?

Brinnell franziu o cenho, tentando lembrar.

— Creio que era o nome de outro clube — respondeu —, mas não sei dizer qual. Por um momento, pensei que o cavalheiro estivesse no lugar errado, mas então vi o nome do Sr. Holmes.

Outro clube. Por algum motivo, as palavras chamaram a atenção de Sherlock. Outro clube... Ele arquivou a informação para poder analisá-la mais tarde, quando tivesse mais detalhes.

— Então, ele conhecia o funcionamento do Diogenes Club, evidentemente — apontou Crowe. — Sabia o suficiente para ficar em silêncio.

— Suponho que soubesse, senhor. Suponho que sim.

— O que você fez, então?

— Pus o cartão em uma bandeja e o levei ao Sr. Holmes. Ele já esperava aqui nesta sala. Parecia nervoso, como se não esperasse esse homem, mas outra pessoa. Sim, nervoso, era como parecia estar. Creio que pretendia dispensar o recém-chegado, mas virou o cartão e leu a anotação no verso, e então tive a impressão de que mudou de ideia. Falou: “Traga o camarada aqui, Brinnell”, então fui buscá-lo e o conduzi até esta sala.

— Quanto tempo se passou entre esse momento e o de nossa chegada?

O criado pensou por um momento.

— Não pode ter sido mais do que cinco minutos — disse em seguida. — Ou dez, talvez.

— Algum barulho ou agitação?

— Nada, senhor.

Crowe assentiu.

— E qual foi sua impressão desse visitante? Qual foi sua opinião?

Brinnell balançou a cabeça.

— Não cabe a mim dizer, senhor — resmungou ele.

Crowe levantou a mão. Uma moeda de ouro brilhou entre seus dedos.

— Eu valorizo sua opinião — disse ele. — Ninguém mais vai saber. Só nós.

Brinnell considerou a proposta por um momento.

— Não é necessário — respondeu ele, finalmente. — Gosto do Sr. Holmes. Ele sempre foi bom para mim. Sempre foi. Se está tentando ajudá-lo, pode contar comigo.

— Fico feliz em saber — aprovou Crowe, e a moeda de ouro desapareceu em sua enorme mão.

— Acho que o homem que veio visitar o Sr. Holmes vestia-se com certo exagero para sua posição social, se entende o que quero dizer — declarou o criado.

— Entendo perfeitamente, e aprecio sua honestidade.

— O homem estava carregando alguma coisa? — perguntou Sherlock de repente.

Amyus Crowe assentiu.

— Boa pergunta.

Brinnell franziu o cenho, tentando lembrar.

— Sim, creio que ele carregava uma caixa pequena. Lembro-me de ter tentado convencê-lo a deixá-la na chapelaria, mas ele a agarrou como se fosse muito valiosa. Deduzi que precisava daquilo para a reunião com o Sr. Holmes.

— Muito esclarecedor — disse Crowe.

A porta se abriu de repente, e um dos policiais voltou.

— O Sargento Coleman quer que vá até a Scotland Yard prestar depoimento — anunciou ele.

— Com prazer — respondeu Crowe. — Vai ser interessante verificar como a investigação está sendo conduzida.

— Investigação? — repetiu o policial com um sorriso. — Não vai ser necessário. Já pegamos nosso homem, com certeza.

O policial os seguiu da Sala dos Visitantes até a saída do clube. Quando estavam saindo, Brinnell pareceu que ia dizer alguma coisa, mas, em vez disso, se aproximou de Sherlock e entregou-lhe um pedaço de papel. Nele, Sherlock leu as palavras: *Orville Jenkinson, Advogado*, e um endereço. Devia ser o advogado que Mycroft mencionara — o contratado pelo Diogenes Club. Ele sorriu para Brinnell e assentiu em agradecimento.

Do lado de fora, com o policial caminhando a passos largos pela calçada, Sherlock virou-se para Amyus Crowe e formulou a pergunta que ocupava seus pensamentos há meia hora.

— Sr. Crowe, se não conseguirmos provar a inocência de meu irmão, o que vai acontecer?

— Haverá um julgamento — respondeu Crowe, sombrio —, e se ele for considerado culpado, receio que o pendurem pelo pescoço até a morte.

CAPÍTULO QUATRO

O COMANDO CENTRAL DA POLÍCIA e a Corte dos Magistrados de Bow Street ficavam em um prédio monolítico branco situado em uma esquina próxima ao bairro de Covent Garden. Quando se aproximaram, Sherlock observou o prédio, registrando todos os detalhes na memória. Tinha a estranha sensação de que aquele edifício se tornaria importante para ele, e esperava que não fosse por ser o local onde seu irmão seria sentenciado à forca.

As paredes eram revestidas por pedras de diferentes relevos, enquanto o telhado de ameias lembrava mais um castelo medieval do que um prédio oficial. Olhando para as pedras, Sherlock sorriu. Se Matty Arnatt estivesse ali, poderia tê-las escalado como se fossem uma escada até o telhado.

As portas na esquina ficavam no nível da rua, sem degraus separando-as da calçada. Havia lâmpadas brancas do lado de fora. Amyus Crowe mudou a fisionomia ao vê-las e virou-se para o policial.

— Tem certeza de que nos trouxe ao lugar certo? — perguntou ele. — Fui levado a acreditar que as delegacias neste país tinham lâmpadas azuis do lado de fora, não brancas.

— Essa era a regra — confidenciou o policial. — Mas uns sete anos atrás Sua Majestade, a rainha, se opôs às lâmpadas azuis que haviam colocado neste prédio. Aparentemente, o príncipe-regente, que Deus guarde sua alma, morreu em um quarto azul, e desde então ela não suporta essa cor. A rainha vinha muito à Opera House, do outro lado da rua, e passar pelas lâmpadas azuis sempre a incomodava. Então ela pediu para que fossem substituídas. Bem, eu digo que ela "pediu", mas creio que a rainha ordenou que o comissário de polícia substituísse as lâmpadas, ou ela o substituiria.

— É interessante — respondeu Crowe — que uma mulher tenha tanto poder em um país que nega a suas mulheres o direito de voto e a oportunidade de ter propriedades em seu nome.

O policial os fez entrar no prédio, passando pela grande mesa no saguão de entrada em direção aos fundos do edifício. Homens vestindo uniformes e ternos passavam apressados, cada qual cuidando de algum importante serviço. Seguiram por um corredor, viraram em uma curva e subiram uma escada; depois o policial apontou para uma sala onde havia uma mesa com três cadeiras: duas de um lado, uma do outro. As paredes eram de tijolos, pintadas de um tom de verde deprimente.

— Esperem aqui — ordenou ele. — O sargento virá em um momento. Não saiam da sala.

Assim que ele se retirou, Crowe se deixou cair em uma cadeira. Ela rangeu sob seu peso.

— É melhor ficar à vontade — falou ele. — É capaz de termos de ficar aqui por algum tempo. Ele vai nos fazer esperar, provavelmente contando com a possibilidade de ficarmos incomodados e mais propensos a responder a suas perguntas. — Ele riu com desdém. — É claro que, no lugar do sargento, eu teria nos separado e interrogado individualmente.

— Por quê? — perguntou Sherlock, sentando-se ao lado de Crowe.

— Se nos interrogar individualmente, ele pode verificar se nossas respostas às suas perguntas coincidem. Se apresentarmos versões diferentes, ele vai saber que um de nós pode estar mentindo. Porém, se nos interrogar juntos, você vai ouvir minhas respostas e mudar sua história de acordo com elas, e vice-versa.

Ele se recostou na cadeira, fechou os olhos e puxou o chapéu para bloquear a luz.

Sherlock olhou em volta, mas não havia nada de interessante na sala. O espaço era propositalmente desprovido de decoração e enfeites.

Ele se pegou pensando em Mycroft novamente. Seu irmão podia estar por perto nesse momento, mas devia estar em um lugar bem menos confortável que a sala onde Sherlock e Amyus Crowe eram mantidos.

Depois de uns quinze minutos, a porta se abriu, e o sargento que eles haviam encontrado antes, Coleman, entrou. O oficial carregava um bloco de anotações e um lápis.

— Só temos alguns detalhes a esclarecer — disse ele, antes mesmo de se sentar. — Não acho que seja um caso particularmente difícil. Parece bastante claro para mim.

Amyus Crowe tirou o chapéu e levantou uma sobrancelha.

— Pode se surpreender — disse ele.

— Os fatos são inegáveis — declarou o sargento. — Corrija-me se eu estiver errado, mas a sala estava fechada e havia apenas uma saída, a porta. Havia dois homens lá dentro. Quando a porta foi aberta, um homem estava morto e o outro segurava uma faca. Esqueci alguma coisa?

— Não havia sangue na faca — lembrou Sherlock.

— O sangue foi limpo na camisa da vítima quando a faca foi removida.

— Os senhores verificaram a camisa em busca de evidências de que a faca tenha sido limpa, ou só estão supondo? — quis saber Crowe.

— Não pode negar que havia sangue na camisa — protestou o sargento.

— Sangue que jorrou do ferimento, sim, mas havia algum indício de que a lâmina tenha sido proposital ou acidentalmente *enxugada* no tecido? Sangue deixado por uma faca e sangue saído do ferimento deixam manchas bem diferentes.

— Irrelevante — cortou Coleman. — Sangue é sangue, e só havia uma faca na sala. O que preciso saber de vocês, cavalheiros, é por que foram visitar o acusado.

— Ele é meu irmão — respondeu Sherlock em voz baixa. — O Sr. Crowe é um amigo da família. Fomos encontrar Mycroft para almoçar.

— O que me faz concluir que o assassinato não foi premeditado — disse Coleman, fazendo uma anotação no bloco. — Ninguém mata um homem sabendo que alguém vai aparecer para almoçar a qualquer momento. Foi uma reação momentânea.

— Por que motivo? — perguntou Crowe.

O sargento levantou os olhos do bloco.

— Uma transação comercial que não deu certo, uma discussão por causa de uma mulher... Pode ter sido qualquer coisa. No fim, isso é só um detalhe. O importante é que temos um assassinato e um assassino. Isso é tudo que interessa ao juiz. — Ele fez uma pausa. — Agora, se me disserem seus nomes completos e endereços, vou anotar os dados para arquivar.

Crowe forneceu a informação, e Coleman fez as anotações. A julgar pela maneira como apoiava as mãos sobre a mesa, pronto para se levantar, Sherlock deduziu que o interrogatório já chegava ao fim. Sentiu-se como se viajasse em um trem que percorria trilhos predeterminados, e não havia como parar ou mudar de direção.

— Podemos ver Mycroft? — pediu ele. — Só por alguns minutos?

Coleman hesitou.

— Que mal haveria nisso? — perguntou Crowe em um tom calmo. — Eles são irmãos, afinal. E talvez seu prisioneiro se torne mais razoável depois de ver o jovem Sherlock aqui. Mais propenso a confessar.

Sherlock olhou de soslaio para Crowe, chocado, mas o americano grandalhão piscou para ele de forma que Coleman não pudesse ver.

O policial pensou por um momento, obviamente relutante.

— Ah, muito bem — disse ele afinal, sem esconder a má vontade. — Não creio que possa haver algum mal nisso.

Ele foi até a porta e a abriu. Um policial, o mesmo que os acompanhara do Diogenes Club até ali, montava guarda do lado de fora.

— Leve os dois cavalheiros para ver o acusado — Coleman falou. — Dê a eles dez minutos com o detento, depois os conduza à saída. — Ele olhou para

Crowe e Sherlock. — Agradeço por seu tempo, cavalheiros. O assunto é desagradável, claro, mas, por favor, lembrem que, se ninguém cometesse crimes, vocês não precisariam de nós, e eu poderia me juntar a meu pai e trabalhar no armarinho da família.

Coleman saiu, e o oficial fez um gesto para que eles o seguissem. O homem os fez atravessar o verdadeiro labirinto de corredores que era o interior do prédio, e desceram vários lances de escada até o porão, onde as paredes eram de tijolos aparentes e poças de água brilhavam sombrias no chão de ladrilhos. Havia portas de metal fechadas ao longo do corredor. O policial caminhou até aproximadamente o primeiro terço do corredor, parou em frente a uma porta, tirou um molho de chaves do cinto e usou uma delas. Ele fez um gesto para que entrassem.

— Dez minutos, nem um segundo a mais. Se houver algum problema, estarei aqui fora.

Crowe fez um gesto indicando que Sherlock entrasse na frente e o seguiu.

Mycroft estava sentado muito ereto em um banco encostado a uma das paredes da sala, as mãos unidas no colo. Seus olhos estavam fechados, mas ele os abriu e ergueu o rosto quando Sherlock entrou. A luz entrava por uma janela basculante de vidro protegida por grades no alto da parede oposta, presumivelmente dando para a rua. A cela era tão pequena que os três ocupavam quase todo o espaço. Não havia lugar para Sherlock e Crowe sentarem, por isso permaneceram de pé.

— Muita gentileza de vocês me visitarem — disse Mycroft. — Peço desculpas pelo recinto.

Crowe olhou em volta.

— Aconchegante — disse ele. — Fiquei em acomodações piores quando vim pela primeira vez para a Inglaterra.

— Sim — concordou Mycroft —, mas teve a oportunidade de deixá-las quando o navio aportou.

— Bom argumento — reconheceu Crowe —, mas você não paga nada pela hospedagem. Eu tive de pagar pela cabine.

— Parem com isso! — Sherlock ficou irritado. — Isto é sério.

Mycroft assentiu.

— Sim, eu sei. Estava apenas tentando deixar a situação um pouco mais amena.

— Como você está? — perguntou Sherlock.

— Minha cabeça está latejando, e me sinto meio atordoado. Pode ser resultado do estresse de ter sido arrastado pelas ruas por um grupo de policiais truculentos. — Ele deu de ombros. — Raramente me afasto mais que cem

metros do Diogenes Club. Meu escritório e minha habitação estão nesse raio. — Ele olhou para Crowe. — Teve algum progresso investigando as circunstâncias nas quais o assassinato foi cometido? Construí sete teorias distintas, mas não tenho evidências para sustentar nenhuma delas.

Sherlock franziu o cenho. Sete possíveis teorias? Não conseguia pensar nem mesmo em uma.

— O homem que o visitou tinha uma caixa — comentou Crowe.

— Eu lembro.

— A parte interna da caixa tinha um forro de tecido. Dois objetos haviam sido guardados nela. Pelo menos um deles estava úmido ou deixou vazar algum líquido na caixa.

Mycroft franziu o cenho.

— Esse líquido tinha algum cheiro específico? Era pegajoso ao toque?

Crowe balançou a cabeça.

— Cheiro e textura de água.

— E havia alguma poça na sala?

— Sim. Sherlock a encontrou.

— Elucidativo. — Mycroft assentiu. — Isso reduz a solução a uma possibilidade.

— De fato — Crowe concordou com um aceno da cabeça —, mas a evidência desapareceu.

Sherlock cerrou os punhos.

— De que diabos vocês dois estão falando? Que solução?

Os dois se entreolharam. Mycroft fez um gesto indicando que Crowe deveria explicar.

— Vamos estabelecer que não havia maneira de outro homem entrar naquela sala — começou o tutor. — Não havia janelas nem esconderijos, e teríamos visto outra pessoa quando seu irmão abriu a porta.

— Concordo — respondeu Sherlock.

— E seu irmão não matou a vítima.

— É claro que não.

— Portanto, o homem se matou.

Sherlock teve a sensação de que o chão se abriu sob seus pés.

— Ele *o quê*?

— Ele se matou. Dois homens em uma sala, um deles é assassinado, e sabemos que o outro não o matou. Portanto, ele mesmo se matou.

— Mas... — A voz de Sherlock sumiu por um momento. — Mas Mycroft estava segurando a faca.

— Ele segurava *uma* faca — corrigiu Crowe. — A vítima entrou na sala com uma caixa que continha dois objetos. Um deles era a faca que seu irmão segurava quando o encontramos. Não havia sangue na lâmina porque não foi ela que causou a morte.

— Mas não havia outra faca! — protestou Sherlock.

— Mas — interrompeu Mycroft — havia uma mancha de umidade na caixa e outra no tapete.

Crowe olhou para Mycroft, que deu de ombros.

— Peço desculpas — acrescentou ele. — Não posso evitar me manifestar. — Ele olhou de novo para Sherlock. — Diga-me, a mancha de umidade no tapete por acaso estava fria?

— Sim, estava — lembrou Sherlock, e depois entendeu. — *Gelo*? A faca era feita de *gelo*?

— Sem dúvida — confirmou Crowe. — O segundo objeto na caixa era uma faca feita de gelo. O forro impediu que ela derretesse, embora um pouco de água tenha penetrado no cetim. A caixa deve ter sido mantida resfriada antes do uso para garantir que a faca não derretesse.

— O visitante me incapacitou — disse Mycroft, aborrecido. — *Como* fez isso teremos de deixar para mais tarde. Depois de me deixar sem ação, ele pôs a faca de verdade em minha mão. Depois, sentou-se e esfaqueou a si mesmo com a faca de gelo. Com a força que ainda restava, tirou a faca do peito e a jogou no chão, onde ela derreteu por conta do calor da sala.

— Havia o risco de ele morrer depressa demais e não conseguir tirar a faca — acrescentou Crowe —, mas, nesse caso, o calor residual do cadáver também a teria feito derreter.

— Mas por que usar duas facas? — insistiu Sherlock. — Por que não se matar com a faca de verdade e deixá-la no lugar?

Crowe olhou para Mycroft com expressão solidária.

— Quem arranjou tudo isso queria deixar seu irmão sem saída. Se fosse encontrado na mesma sala que um cadáver com uma faca no peito, poderia alegar que havia encontrado o corpo ali e que ia pedir ajuda. Mas, se fosse encontrado com uma faca na mão, e não houvesse nenhuma outra evidência no cadáver, não conseguiria pensar em uma explicação convincente.

— Um toque de mestre — admitiu Mycroft. — Estou impressionado com quem criou esse cenário.

— Então, por que o homem se matou? — perguntou Sherlock, irritado. — Quais eram seus motivos?

— Isso é algo que só podemos especular — respondeu Crowe —, mas você deve se lembrar do que eu disse: o homem parecia doente. Ele estava magro e

pálido, e recebia cuidados médicos. Vamos supor que fosse pobre e estivesse morrendo de alguma doença, como tuberculose ou câncer. Vamos supor que alguém, que no momento não sabemos quem é, o procurou e fez uma proposta. Esse desconhecido pagaria à família uma grande soma em dinheiro se o homem antecipasse a própria morte em algumas semanas, se cometesse suicídio segundo as ordens desse desconhecido. O moribundo concorda e recebe um terno decente, uma caixa contendo uma faca de verdade e outra de gelo e as instruções sobre o que deve fazer.

— O que levanta a questão — interrompeu Mycroft — de como ele me deixou temporariamente inconsciente para colocar a faca na minha mão.

— Do que você se lembra? — perguntou Crowe.

Mycroft fechou os olhos para recordar.

— O homem entrou e pousou a caixa na mesa. Ele tossia. Perguntei se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Ele disse que não e explicou que tinha um remédio que o ajudaria a respirar melhor. Então levou a mão ao bolso do paletó e tirou um pequeno frasco. O fecho tinha uma forma estranha, mais como um botão do que como uma tampa. Ele me pediu para ajudá-lo. Fui até ele e... nada. Minha lembrança seguinte é de ouvir vocês batendo à porta. — Ele parou e logo continuou: — E um cheiro. Eu me lembro de um cheiro. Forte e muito amargo.

— Meu palpite — anunciou Crowe — é que a embalagem de remédio era, na verdade, um spray de morfina dissolvida em álcool. Ele espirrou a substância em seu rosto, deixando-o inconsciente por alguns momentos. Sua perda de memória pode ser um efeito desse tipo de droga. Depois disso, ele teve tempo suficiente para criar aquela cena.

Morfina dissolvida em álcool, também conhecida como láudano — a mesma substância que o barão Maupertuis usara para drogar Sherlock e levá-lo da Inglaterra para a França. Sherlock ainda se lembrava da profunda inconsciência, dos sonhos e da perda de memória provocados pela droga. E a estranha, quase agradável, sensação de indolência. Sherlock afastou as recordações. Não era um bom momento para reminiscências.

Crowe continuou:

— Se a polícia ou legista encontrassem o frasco, deduziriam que o homem morto carregava a substância para uso próprio. Talvez para amenizar a dor provocada pela doença que o matava.

— O que aconteceu com esse recipiente? — perguntou Mycroft.

— Sherlock o pegou. — Crowe deu de ombros. — Melhor isso do que a polícia perdê-lo.

Mycroft concordou com um aceno e pensou por um instante.

— Um spray que pode deixar as pessoas momentaneamente inconscientes. Interessante. Consigo pensar em várias utilidades oficiais e extraoficiais para isso.

— Tudo bem. — Sherlock parou, tentando organizar os pensamentos. — Sabemos como a situação talvez tenha se desenrolado. Temos uma teoria que acomoda todos os fatos. A pergunta agora é: *por quê*? *Por que* fizeram isso?

Mycroft sacudiu os ombros mais uma vez.

— Quanto a isso, estou envolvido em várias negociações complicadas com governos estrangeiros. Talvez um deles queira me tirar do caminho para obter vantagens. Ou talvez se refira a trabalhos que desenvolvi anteriormente, que muitas vezes terminaram com tratados assinados com determinado país, não com outro. É possível que algum país preterido tenha se aborrecido com minha decisão e decidido se vingar. — Uma ideia lhe ocorreu. Uma ideia importante, a julgar pela expressão em seu rosto. — A não ser que...

— A não ser que o quê? — perguntou Crowe.

Em vez de responder, Mycroft levou a mão ao bolso do paletó.

— Ainda tenho o cartão que o homem morto entregou a Brinnell. Havia algo escrito nele. Algo que despertou meu interesse.

Ele tirou o cartão do bolso interno.

— John Robertshaw — leu Mycroft —, e um endereço em Chelsea, na Glassblowers' Road. Deve ser falso, inventado apenas para conferir autenticidade ao cartão.

— Mas, mesmo assim, vale a pena verificar — insistiu Crowe.

— Sem dúvida. Não quero perder uma pista porque a consideramos indigna de atenção. — Ele virou o cartão. — Meu nome, manuscrito, para Brinnell saber quem deveria procurar. E duas palavras.

Ele levantou a cabeça. Seus olhos encontraram os de Sherlock.

— Câmara Paradol — disse ele em tom austero.

Em choque, a mente de Sherlock voltou para o tempo que havia passado em poder do barão Maupertuis. O barão mencionara esse local. Ele não dissera o que era, mas se referia ao lugar como se trabalhasse para lá, ou seguisse suas ordens. Como se fosse alguma coisa importante e secreta.

— Agora eu lembro — continuou Mycroft. — Vi as palavras e pensei no que você disse sobre ter ouvido o barão Maupertuis usando a mesma expressão. Mandei Brinnell levar o homem à minha presença com a intenção de interrogá-lo. Mas este cartão foi a isca da armadilha.

— E você caiu nela — observou Crowe com tranquilidade.

— Devo dizer em minha defesa — protestou Mycroft — que estava em território familiar e não esperava um ataque.

— Mas o ataque aconteceu. — Crowe acenou com a mão. — Não importa. Temos que seguir em frente. Vou providenciar um advogado para você. Sherlock, você ainda tem o nome e o endereço fornecidos pelo criado do Diogenes?

Sherlock assentiu e entregou o pedaço de papel que havia guardado no bolso da camisa.

— E você, Sherlock — continuou Crowe —, vai investigar o cartão de visitas.

Ele lhe entregou o cartão que Mycroft havia tirado do bolso do paletó. Sherlock o virou de um lado para o outro e leu as sinistras palavras, *Câmara Paradol*, com um arrepio.

— Como devo fazer isso? — perguntou Sherlock.

— Cheire o cartão — instruiu Crowe.

Sherlock o levou ao nariz. Havia um odor leve e singular.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Tinta de impressão — respondeu Crowe. — O cartão foi feito há pouco tempo; somente um, é mais provável, só para fazer com que o homem conseguisse entrar no clube. Nenhum clube de respeito admitiria um homem sem cartão, afinal. Ele não tinha cartões próprios, considerando as condições em que vivia, e seu misterioso empregador não forneceria um dos seus. Não, o cartão foi impresso recentemente, o que significa que o serviço foi feito por aqui. — Ele olhou para o irmão de Sherlock. — Sr. Holmes, quantas gráficas existem na vizinhança?

Mycroft pensou por um momento.

— Consigo pensar em quatro, todas na área de Chancery Lane. Vou lhe dar os endereços.

Ele pegou um pedaço de papel e uma caneta no bolso e começou a escrever.

— Verifique cada uma das gráficas — instruiu Crowe. — Veja se reconhecem o cartão. Veja o que podem dizer sobre o homem que encomendou a impressão.

— Certo.

— E me encontre, hum, na porta do Hotel Sarbonnier, daqui a duas horas. Lembra-se de onde fica o hotel?

— É aquele onde nos hospedamos na última vez que viemos a Londres? Sim, eu lembro.

— Ótimo.

A porta se abriu enquanto Crowe falava.

— O tempo acabou — anunciou o policial. — Os cavalheiros precisam ir embora.

— Não se preocupe, Mycroft — disse Crowe. — Vamos tirar você daqui.

— Só espero que isso aconteça antes do jantar — respondeu Mycroft com um sorriso fraco. — Perdi o almoço, mas não estou certo de que a comida daqui estará à altura dos meus padrões.

Ele estendeu a mão para Sherlock.

— Tente não pensar em mim desse jeito — disse.

— Aqui, no clube ou em qualquer outro lugar — observou Sherlock, apertando a mão de Mycroft —, você é meu irmão. Você cuida de mim. Agora é minha vez de cuidar de você... se eu puder.

— Você pode — falou Mycroft. — E vai. Sei que, quando você decide fazer alguma coisa, não desiste até tê-la feito. Essa é uma característica que nós dois herdamos de nosso pai.

O policial tossiu, e Sherlock, relutante, seguiu Amyus Crowe para fora da cela.

O som da porta de metal se fechando atrás dele fez Sherlock se encolher. Odiava pensar no que aquele mesmo ruído provocava em Mycroft.

— Para onde agora? — perguntou ele quando chegaram ao ar livre em Covent Garden.

— Você vai para Chancery Lane, que fica naquela direção — Crowe acenou vagamente. — E eu vou para... — ele parou e leu o cartão — Glassblowers' Road, Chelsea. Voltaremos a nos encontrar mais tarde.

Crowe se virou e partiu sem olhar para trás, e Sherlock ficou onde estava, observando-o, inquieto. Estava sozinho em Londres — de novo. Não podia deixar de pensar no que acontecera na última vez.

Depois de um tempo, ele começou a caminhar na direção que Crowe havia indicado. Passou por tavernas e lojas, barracas de feira e esquinas nas quais se vendiam mercadorias em tabuleiros. E passou por muitas pessoas — pessoas de todo o tipo, de cavalheiros em finos trajes a moleques de rua maltrapilhos. Londres era realmente um caldeirão fervilhante de gente.

Ele estava quase perguntando a alguém o caminho para Chancery Lane quando viu uma placa na rua em que estava. Ele entrou no local indicado. A área era mais agradável; a julgar pelas placas de latão nos prédios, tratava-se de um bairro ocupado principalmente por escritórios de advocacia e consultórios médicos.

Depois de aproximadamente cinco minutos, encontrou a primeira gráfica. A localização fazia sentido agora: os advogados da área com certeza precisavam muito de serviços de impressão. Nervoso, ele empurrou a porta e entrou.

O cheiro no interior da loja era uma versão mais intensa do que sentira no cartão: seco, bolorento e penetrante. O que Sherlock não esperava era o barulho.

O tumulto de várias impressoras funcionando no fundo da loja tornava quase impossível ouvir a própria voz ao dizer:

— Com licença!

Um homem se virou e olhou para Sherlock. Ele vestia camisa de mangas curtas, mas usava um chapéu-coco. Tinha um bigode abundante que cobria não apenas a boca, mas também boa parte do queixo.

— Não temos vagas — disse ele. — Já tenho todos os aprendizes de tipógrafos de que preciso. Fora daqui!

— Preciso fazer uma pergunta — falou Sherlock.

O homem o encarou com desconfiança.

— O que é?

Sherlock entregou-lhe o cartão de visitas.

— Você imprimiu isto?

Ele o examinou de maneira crítica.

— Não. Agora fora.

Sherlock recuou enquanto o homem voltava ao trabalho. Se todos os tipógrafos fossem grosseiros como esse, a tarefa estaria terminada em poucos minutos, e sabe-se lá como passaria o tempo até a hora de encontrar Amyus Crowe outra vez.

O segundo tipógrafo era mais simpático. Dessa vez Sherlock conseguiu ver os fundos da loja, onde cilindros cobertos por pequenas letras de metal eram girados por garotos mais novos que ele, que empurravam com toda a força grandes alavancas. Os cilindros pressionavam longas tiras de papel que eram puxadas para trás, e assim surgiam letras impressas no papel. Os meninos também estavam cobertos de manchas de tinta, a pele branca pintada de preto.

Sherlock fez a mesma pergunta, mostrou o mesmo cartão, mas, apesar da simpatia e da prestabilidade do tipógrafo, a impressão também não havia sido feita ali.

Sherlock acertou na terceira gráfica.

O homem era alto e magro, com suíças que pendiam como fitas de suas faces magras. Olhando para ele e pensando no que Amyus Crowe dissera no trem sobre cada homem exibir as marcas de sua profissão, Sherlock começou a ver os sinais típicos de um tipógrafo: a tinta sob as unhas e nas articulações das mãos, os sulcos nas pontas dos dedos criados pelo esforço de remover os tipos das máquinas, os longos cortes retos nas palmas deixados pelas bobinas de papel. Todos os sinais estavam ali para quem quisesse ver.

— Ah, sim — disse o homem, assentindo. — Eu me lembro disso. Trabalho esquisito. Normalmente as pessoas pedem quatrocentos ou quinhentos cartões, porque eles são para se deixar com os outros, certo? Quero dizer, você não

entrega seu cartão para alguém e depois pega o negócio de volta, não é? Mas esse camarada queria um cartão só. Ele me entregou um pedaço de papel com as informações anotadas. — O homem deu de ombros. — Liguei a máquina e imprimi esse único cartão. Disse que poderia fazer um cento por mais um xelim, mas ele disse que não queria. — O homem pensou por um momento. — Na verdade, ele não disse que não; saiu para falar com outro camarada lá fora, *depois* voltou e disse que não.

— Esse outro homem... Pode descrevê-lo?

— O engraçado — disse o tipógrafo — é que eu o reconheci. Ele não me reconheceu. As pessoas não se lembram de quem trabalha para elas.

— Eu não sou assim — garantiu Sherlock. — Eu *vou lembrar*.

— Então você é um homem melhor do que os outros. Eu trabalhava em uma gráfica na Drury Lane antes de comprar esta loja. Fazia muitos trabalhos para os teatros: programas, cartazes, pôsteres, esse tipo de coisa. Esse sujeito, o que ficou do lado de fora, aparecia às vezes. Tinha ligações com uma das tavernas da área. Trabalhava como segurança, jogava na rua as pessoas que bebiam demais ou que não tinham dinheiro para pagar a conta, ou quem brigava no teatro. Acho que era a Shaftesbury. Nós imprimíamos os cardápios, cartazes e coisas assim para eles.

— Pode descrever esse homem? — pediu Sherlock, prendendo a respiração.

O gráfico deu de ombros.

— Pequeno, como um cachorro whippet. Cabelos compridos e oleosos. Barba preta. Usava um casaco felpudo. De astracã, acho que é o nome. Não lembro como o sujeito se chama.

— Obrigado — respondeu Sherlock. — Se algum dia precisar de uma gráfica, vou me lembrar de você.

Ele se retirou triunfante. Consultou o relógio e viu que ainda faltava uma hora e meia para o encontro com Amyus Crowe. Haveria tempo suficiente para visitar a taverna Shaftesbury, talvez? Assim pelo menos poderia dizer a Crowe que, além de identificar o homem que havia contratado o morto, também o localizara.

Sherlock perguntou a uma mulher que passava onde ficava a Drury Lane, para então seguir na direção indicada. A caminhada levou apenas dez minutos.

A Drury Lane era uma rua cheia de teatros e tavernas. Alguns teatros eram obviamente mais baratos, oferecendo diversos números de variedades, como malabaristas, cantores e ilusionistas. Outros eram mais elegantes e exibiam peças clássicas. Alguns poucos apresentavam recitais de música, e Sherlock pensou em como sentia falta de tocar violino quando viu que uma mulher chamada Wilma Norman-Neruda (uma violinista!) estava em cartaz em um dos teatros.

Ele encontrou a taverna Shaftesbury descendo a rua, ao lado de um teatro que anunciava uma ópera cômica de F. C. Burnand e A. Sullivan chamada *Cox and Box*. Não parecia muito convidativo.

Sherlock sentou-se na soleira da porta de uma taverna do outro lado da rua e se preparou para esperar. Curvou o corpo para o lado e apoiou a cabeça no batente para dar a impressão de que dormia, mas o tempo todo atento a um homem pequenino com cabelos longos e oleosos.

Aproximadamente quarenta e cinco minutos depois, um homem que correspondia àquela descrição saiu da porta da frente da taverna Shaftesbury. Vestia-se exatamente como na descrição do tipógrafo. O homem olhou para os dois lados da rua e depois seguiu para o lado direito.

Sherlock o seguiu. Talvez o homem o levasse ao local onde morava. Seria algo a dizer para Amyus Crowe!

O garoto seguiu-o descendo a Drury Lane, passou por um lugar chamado Seven Dials e continuou na direção da Trafalgar Square. Sherlock agora começava a reconhecer partes de Londres e tentava registrar na memória o maior número possível de informações. O homem virou à esquerda quando chegou à Trafalgar Square, passando pela ornamentada fachada marrom da estação de Charing Cross e pelo hotel Charing Cross. Ele andava depressa, e Sherlock tinha de correr para acompanhá-lo.

Em Aldwych, ele virou à direita, e Sherlock percebeu que seguiam em direção ao Tâmisa, para a ponte Waterloo. O homem parou em um guichê na extremidade da ponte e entregou algumas moedas. Sherlock pensou depressa: deveria segui-lo ou seria melhor voltar e encontrar Amyus Crowe? Mas o que diria ao mentor? Que encontrara o homem que procuravam e então o perdera outra vez? Não, precisava continuar, tinha de ir pelo menos até o outro lado da ponte e ver em que direção ele seguiria.

Sherlock vasculhou os bolsos, à procura de algumas moedas. A passagem custava apenas um penny. Ele pagou e passou correndo pelo cobrador, aproximando-se de sua presa.

O homenzinho continuava andando sem olhar para trás ou para os lados.

Do outro lado da ponte, ele continuou na direção da estação de Waterloo, mas, em vez de entrar, virou à esquerda. Sherlock o seguiu, tentando esconder-se atrás de outras pessoas para não ser visto caso o homem se virasse.

Ele não se virou, mas fez uma curva repentina para a direita, entrando em uma passagem arqueada.

Quando Sherlock alcançou a arcada, parou e espiou com cautela pela abertura no dilapidado muro de tijolos. Estava escuro do outro lado, e ele não conseguia ver o homem.

Sherlock deu um passo adiante, depois outro, até estar com meio corpo nas sombras e a outra metade ainda sob o sol. Não havia nenhum sinal do homem.

Sherlock virou-se, pronto para voltar e encontrar Amyus Crowe.

O homenzinho com longos cabelos oleosos estava parado atrás dele.

— Você estava me seguindo — disse ele. — Quero ouvir você dizer por quê. E depois, só para me divertir, quero ouvir você gritar.

CAPÍTULO CINCO

— TEM UMA MOEDA, SENHOR? — choramingou Sherlock, tentando parecer menor do que era. — Não como há dias. Só queria uma moedinha para comprar um pão.

— Não banque o caçador de coelhinho — rosnou o homem. — Não vai me convencer.

— Tudo bem — falou Sherlock com sua voz normal, ajeitando-se. — Mas o que é um caçador de coelhinho?

O homem sorriu. Seus dentes eram tocos pretos.

— Você quer saber? Bem, um coelhinho é um animal manso, especialmente se for criado para acabar na panela, porque assim não vai tentar fugir quando você pegá-lo para quebrar seu pescoço. Um caçador de coelhinho é um homem que finge caçar um coelho manso: alguém que faz algo fácil parecer difícil.

— Ah, um trapaceiro — concluiu Sherlock.

— Exatamente. E, agora que já esclarecemos essa dúvida, por que está me seguindo?

— Eu não estava seguindo você! — protestou Sherlock.

O homem levantou uma sobrancelha grossa.

— Lembre, sou capaz de descobrir qualquer invencionice ou fingimento que possa imaginar, garoto. Você começou a me seguir na porta do teatro, e está atrás de mim desde então. O que quero saber é por quê. — Ele mediu Sherlock da cabeça aos pés. — Você não é um trombadinha. — Ele notou a expressão confusa de Sherlock. — Um ladrão de carteira — esclareceu. — Então, está atrás do quê?

— Não estou atrás de nada.

— Você me seguiu pela cidade inteira, passou pela ponte Waterloo e veio até aqui, até os túneis.

— Coincidência — disse Sherlock.

— Não existe isso. — O homem deu de ombros. — Não precisa me dizer agora, se não quiser. Posso arrancar a verdade de você. Eu adoraria. Já faz tempo que não faço um bom estrago em alguém. Tenho seguido ordens, sido discreto. Não vejo o bordô há algumas semanas e estou com saudade.

— Bordô? — perguntou Sherlock, sabendo que não iria gostar da resposta.

— Sangue, garoto. Sangue. — Ele pôs a mão no bolso. Quando a tirou, estava segurando dois objetos de metal que se encaixavam. — Na minha

opinião, ou você trabalha para uma das gangues daqui e eles querem saber o que está acontecendo no teatro, ou viu alguma coisa estranha no teatro e espera ter algum papo para vender aos tiras por alguns cobres. — O homem enfiou os dedos da mão direita em um dos objetos de metal. Sherlock teve a impressão de que eram vários anéis grudados e cobertos de espetos que pareciam brotar dos nós dos dedos. — De qualquer maneira, sua curiosidade vai lhe custar caro.

Ele encaixou o outro objeto na mão esquerda, e ergueu os punhos para que Sherlock pudesse ver. A luz fraca brilhava nas pontas afiadas. As mãos dele se haviam transformado em armas mortais que poderiam fatiar o rosto de Sherlock caso se aproximassem.

— Agora, vamos começar, está bem? Não tenho muito tempo. Tenho coisas para fazer, pessoas para ver.

Sherlock começou a recuar, o coração batendo mais depressa. O homem bloqueava a saída sob o arco, mas devia haver outro caminho, alguma passagem atrás dele, na escuridão. Sherlock só precisava encontrá-la.

O homem sorriu com frieza. Ele enfiou a mão no bolso do casaco, e as pontas de metal enroscaram no tecido. Em sua mão, veio um punhado de moedas de prata seguro entre os dedos.

— Meia coroa para o primeiro que me trouxer o garoto — disse ele em voz alta. — Ouviram? Vão poder viver como lordes por um mês com isso, se quiserem. Meia coroa, e nem me importo se alguma coisa estiver quebrada. Basta que ele consiga responder às minhas perguntas.

O ar em torno de Sherlock pareceu farfalhar, como se tivesse vida própria. O garoto havia pensado que ele e o homem barbudo estavam sozinhos nas arcadas sob a estação de Waterloo, mas a escuridão se modificou, dividindo-se em cinco, seis, dez pequenas silhuetas. Pareciam brotar das paredes e do chão lamacento. Eram pequenas — menores que Sherlock, menores que seu amigo Matty —, e a pele, visível sob as roupas que tinham mais rasgos que tecido, era cinzenta de sujeira e gordura, uma imundície entranhada há tanto tempo que se tornara parte delas. Crianças. Habitantes dos túneis, gente sem família e sem meio de sobreviver além de revirar o lixo procurando pelo que os passageiros deixavam para trás. Seus olhos eram grandes e escuros, como os de ratos, e as unhas das mãos e do que podia ver dos pés eram afiadas e compridas, incrustadas de sujeira. Suas bocas haviam sido destruídas: lábios cortados e cheios de feridas se esticavam por cima de gengivas doentes. Os poucos dentes que restavam eram pretos e rachados, como montanhas antigas. As crianças nem mesmo conseguiam se manter em pé: passavam tanto tempo encolhidas, rastejando pelos túneis estreitos e procurando moedas na lama do chão, que eram corcundas e encurvadas. Os braços e as pernas eram finos e tortos como galhos, mas a

barriga era estranhamente inchada. Cabelos imundos emolduravam seus rostos. Ele não conseguia determinar quais eram meninos e quais eram meninas: a sujeira e a fome os tornavam todos iguais. E o cheiro: céus, o cheiro de podre que emanava deles, um cheiro tão intenso que Sherlock quase podia ver o ar tremulando em torno das crianças.

Como pessoas podiam *viver* desse jeito?, ele pensou ao se afastar. Não havia nada nos olhos daquelas crianças que se moviam em sua direção, nada além de uma fome voraz. Para elas, Sherlock não passava de um meio de assegurar a próxima refeição.

Sua percepção da situação continuava a se alterar. Por um ou dois segundos, eram monstros, criaturas da noite prontas para atacá-lo e destruí-lo, e depois, de repente, eram crianças induzidas a atos desesperados pela fome. Sherlock sentia as emoções oscilando freneticamente entre o horror e a compaixão. Como se deixavam pessoas — *crianças* — viverem desse jeito? Era *errado*.

— Não precisam fazer isso — disse ele, ainda recuando. As crianças selvagens inclinaram a cabeça ao ouvirem as palavras, mas Sherlock não sabia com certeza se haviam entendido. Ou, caso tivessem entendido, se estavam interessadas. Tudo que sabiam era que o homem barbudo pagaria caro por Sherlock e, se tivessem de quebrar seus braços e suas pernas para impedi-lo de fugir, por elas tudo bem.

Sherlock tinha a sensação de que eles já haviam feitos coisas piores ali, na escuridão.

Virou-se para correr, mas havia quatro, não — *cinco* — crianças atrás dele. Haviam surgido sem fazer barulho, saídas das sombras.

A mão de uma delas agarrou a manga de sua camisa. Ele se sobressaltou, puxou o tecido dos dedos magros e ouviu o ruído do pano sendo rasgado pelas unhas afiadas.

Estava cercado.

Com a ajuda da luz que vinha da rua, Sherlock conseguiu ver a silhueta do homem barbudo. E ouviu sua risada.

Desesperado, tentou sufocar o pânico que borbulhava em seu peito. Precisava pensar, e depressa.

Outra mão segurou seu cotovelo. O garoto a empurrou. A pele em que tocou parecia *flácida*. Em uma reação inconsciente, ele limpou a mão no casaco.

Em segundos, eles o atacariam. Sherlock olhou em volta, procurando alguma coisa, *qualquer coisa* que pudesse usar para escapar.

A parede. Sua única esperança era a parede com os arcos à esquerda. As crianças selvagens agora o cercavam, mas o caminho para a parede estava aberto.

Ele correu para lá e pulou quando estava bem perto. Os pés procuravam vãos nos locais onde os tijolos haviam esfarelado, e os dedos conseguiram se agarrar aos vãos na parede acima. Sherlock continuou a escalar a parede, sentindo o ângulo da curva do túnel aumentar. Ele subiu tão alto quanto conseguiu. A gravidade o puxava para baixo. No chão, as crianças tentavam escalar a parede atrás dele, mas a curvatura do túnel indicava que agora estava mais perto do centro.

Ele empurrou a parede para dar impulso, meio caindo, meio saltando por cima da cabeça das crianças. Sherlock caiu no terreno enlameado no meio do túnel e cambaleou, mas conseguiu continuar de pé. Antes que as crianças pudessem entender o que havia acontecido, Sherlock se virou e correu para a escuridão — a única direção em que podia ir.

Em poucos momentos, ele foi tragado pelas sombras. Longe, atrás dele, era possível ouvir o *barulho* de pés descalços batendo o chão úmido. As crianças o perseguiam.

Ele continuou correndo, confiando na sorte para não bater na parede do túnel. Ou seus olhos estavam se acostumando com a escuridão, ou havia alguma fonte de luz em algum lugar lá em cima, ou ainda um musgo fosforescente recobria as paredes do túnel, porque ele percebeu que conseguia vislumbrar os tijolos enquanto corria.

Sherlock viu a forma de um segundo arco de um dos lados — um túnel que se juntava àquele por onde corria. Ele fez a curva, seguindo pelo entroncamento. A única chance de escapar dos perseguidores era confundi-los, fazê-los escolher dentre os variados trajetos possíveis. Se continuasse fugindo em linha reta, certamente seria alcançado e então... Bem, não estava inteiramente certo de que a promessa de meia coroa seria suficiente para controlar a fome do bando ou seu desejo de vasculhar os bolsos de Sherlock em busca de moedas.

O túnel terminava em uma parede preta, e Sherlock quase colidiu com ela. Só uma mudança repentina no ar fétido o fez perceber que havia uma obstrução à frente. Ele parou de pronto e estendeu a mão com cautela. A parede estava a meio metro de seu rosto. Se não tivesse percebido a tempo, teria batido nela e desmaiado, tornando-se uma presa fácil para os selvagens perseguidores.

Teria de voltar e tentar encontrar alguma forma de passar por eles?

Uma brisa soprou em seu rosto, o ar morno e estagnado, mas definitivamente uma brisa. Talvez aquele não fosse um caminho sem saída, afinal. Podia ser uma junção na qual um túnel desembocava em outro.

Ele virou à esquerda e começou a correr, mantendo os braços estendidos à frente para o caso de se chocar com uma parede. Nada. O túnel continuava na direção do novo inferno que o esperava, qualquer que fosse.

Um estrondo repentino acima dele o surpreendeu. Parecia que o som duraria para sempre. Gotas rançosas caíram em sua cabeça. Seria um trem, talvez? Devia estar sob os trilhos que saíam da estação de Waterloo.

Talvez fosse um trem a caminho de Farnham, onde estavam seus amigos. Ele os veria novamente, ou morreria ali, na escuridão, sem nunca ser encontrado?

Ele se engasgou. Em algum lugar lá em cima havia um mundo calmo e organizado em que pessoas bem-vestidas iam de um lado para outro cheias de propósito. Lá havia o céu azul, sólidos muros de cimento, pisos de mármore e lampiões a gás. Lá em cima era o paraíso. Ali embaixo havia construções de tijolos caindo aos pedaços e gotejando água, o chão era mais líquido do que sólido, o ar cheirava à pior combinação possível de piche, excrementos humanos e plantas em decomposição, e crianças desesperadas eram pouco mais que animais. Aquilo era definitivamente o inferno.

Ele sentia que não conseguia mais seguir em frente. Queria sentar, ficar encolhido e torcer para conseguir acordar daquele pesadelo. Porque devia ser um pesadelo, não? Não podiam realmente existir lugares como aquele no mundo organizado em que ele vivia.

Mas era real. Sabia que era real. Não podia desistir. Precisava encontrar uma saída.

Mycroft contava com ele.

Lá em cima, um raio de luz atravessava o túnel na diagonal, até o chão. Devia ser apenas uma rachadura na parede de tijolos, uma fenda pela qual a luz fraca do sol entrava, mas, para seus olhos acostumados à escuridão, era como uma coluna de ouro. Ele cambaleou na direção da luz, esperando que talvez a rachadura fosse grande o bastante para escalar e chegar à estação. Chegar até a segurança e a sanidade.

Não era. A fenda mal e mal acomodava seus dedos, e a luz era apenas um reflexo provocado por um fio de água que escorria. Furioso, ele cavou os tijolos na tentativa de alargar a abertura. Por um momento, a parede resistiu, mas logo se esfarelou, caindo no chão do túnel.

Atrás do tijolo, ele percebeu alguma coisa se movendo: algo duro, preto e brilhante. Sherlock olhou com mais atenção, perguntando-se o que diabos era aquilo, e recuou horrorizado ao perceber que olhava para uma quantidade enorme de besouros, ou talvez baratas, fugindo da luz e do ar, agora que ele havia destruído as paredes de seu esconderijo, seu covil. Em segundos, as criaturas desapareceram, deixando para trás um buraco irregular. Sherlock olhou em volta e sentiu um arrepio. Encontraria a mesma coisa atrás de cada parede, de cada tijolo do túnel? Havia um mundo oculto de besouros cegos vivendo em

cada cavidade e em cada canal, alimentando-se do que quer que as crianças selvagens deixassem para trás?

Ouvindo com atenção, ele teve a impressão de escutar o ruído dos besouros se movendo à sua volta. Cercando-o. Enterrando-o.

Com um grito inútil de medo genuíno, ele começou a correr.

Dez passos depois, alguma coisa caiu, vinda da escuridão, em cima dele.

Sherlock gritou, tentando arrancar aquela coisa que se agarrava ao seu rosto. Já imaginava uma multidão de besouros trabalhando em conjunto, ou talvez uma barata gigante, do tamanho de sua cabeça, mas, quando seus dedos conseguiram segurar quem o atacava, ele descobriu que segurava farrapos e pele grudenta. A pessoa tentou agarrar seu pescoço embaixo do queixo. Era uma menina! Uma das crianças selvagens que o perseguiam nos túneis! De algum jeito, ela conseguira ultrapassá-lo e ficou à sua espera, colando o corpo à parede de tijolos para pular em Sherlock quando ele passasse. O garoto a segurou pelo pescoço no mesmo instante em que sentiu que a boca com os restos de dentes tentava morder seu rosto. Ela era pequena e fraca, e apesar de se debater e contorcer, Sherlock conseguiu segurá-la também pela perna, ou talvez fosse o braço. Hesitou por um momento, lembrando que aquela era uma *criança*, uma *menina*, consciente de que pessoas civilizadas não machucavam meninas, mas as unhas dela arranhavam dolorosamente sua pele. Não tinha escolha. Com um movimento repentino, Sherlock a afastou e a jogou do outro lado do túnel. A garota caiu no chão enlameado e rolou para longe. Na luz fraca do túnel, ainda era possível ver seus olhos brilhando. Ela sibilou e voltou rapidamente para as sombras, mas Sherlock sabia que não fora muito longe. A garota ainda estava ali, observando e esperando por outra chance.

Sua razão vacilou outra vez, ele sentiu o estômago se contrair e pensou em Matty, sobrevivendo com sua esperteza e nunca tendo certeza da próxima refeição. O que seria necessário para forçar Matty a uma vida como aquela? Não muito, ele desconfiava. Eram *crianças*, pelo amor de Deus! Não vampiros!

Sherlock seguiu em frente, ouvindo um barulho nas sombras quando a garota o acompanhou. Lá atrás, em algum lugar, ele ouviu um grito sem palavras das outras crianças que o procuravam.

Crianças ou vampiros, não fazia diferença. Ele iria morrer. Não havia como escapar. Sentia o coração batendo com força, os pulmões desesperados para recuperar o fôlego, os músculos das pernas ardendo ao se mover com dificuldade. Não iria conseguir.

— Um centavo por sua vida — cochichou uma voz ao lado dele.

— Tudo bem — respondeu ele, ofegante. — Um centavo.

— Preciso ver o dinheiro agora — insistiu a voz.

Sherlock procurou no bolso e tirou um punhado de moedas.

— Pode ficar com tudo isso se me tirar daqui vivo.

A criança na escuridão respirou fundo.

— Nunca vi tantas antes! — sussurrou ela. — Você deve ser rico!

— Não que isso vá me servir de muita coisa se eu morrer aqui embaixo — disse Sherlock com urgência, consciente dos sons de pessoas à sua procura na escuridão. — Leve-me de volta ao local por onde entrei!

— Não posso. Eles estão olhando e esperando. Tem que ser pelo outro caminho.

Sherlock engoliu em seco.

— Por onde?

— Vem comigo.

Uma sombra apareceu ao lado dele, como se houvesse se destacado da parede. A criança — um menino? — mal alcançava a altura do peito de Sherlock, mas alguma coisa nos olhos dele o fazia parecer muito mais velho. Aquela criança vira coisas que Sherlock esperava jamais ver.

— Qual é seu nome? — perguntou Sherlock, vendo o menino deslizar como um peixe pela escuridão.

— Não tenho nome — sussurrou ele.

— Todo mundo tem um nome — insistiu Sherlock.

— Aqui embaixo, não. Nomes não ajudam em nada.

Sherlock percebeu vagamente que a criança voltava à câmara curva de onde ele viera. O menino se aproximou da parede de tijolos, onde havia uma fenda que ia do chão até a altura de sua cabeça: não era uma rachadura, e sim um espaço regular, aberto artificialmente. Talvez fosse um canal de ventilação ou uma abertura com algum outro propósito. Sherlock ouviu um arrastar lá dentro. Respirando fundo, ele seguiu o menino.

Os cinco minutos seguintes foram os piores da vida de Sherlock. Apertado entre dois paredões verticais de tijolos úmidos e velhos, ele conseguia ouvir, ou talvez *sentir*, os insetos cegos que rastejavam pelas paredes a alguns centímetros de seu rosto, e foi se embrenhando mais e mais no desconhecido. Os tijolos ásperos arranhavam seu rosto e suas mãos. Teias de aranha, estendidas de lado a lado, prendiam-se no cabelo. Coisas caíam das teias dentro de sua camisa, e Sherlock precisava conter o impulso quase incontrolável de bater nas próprias roupas para matar as criaturas que procuravam um lugar para se esconder. De vez em quando, ao tatear o caminho, encontrava alguma coisa úmida escorrendo pelas paredes. Imaginava que fosse água, mas, no escuro, não podia ver o que era, e se *fosse* água, nunca tinha sentido um cheiro como aquele antes. Mais parecia algo pegajoso e vivo, como se seguisse mais e mais profundamente na

garganta de um grande e antigo dragão, e estivesse sentindo sua saliva corrosiva. Percebia que o chão — se fosse chão aquilo em que pisava, e não uma língua — cedia enquanto caminhava e tinha a horrível sensação de que, se parasse, submergiria lentamente na lama, afundando até os joelhos, depois o quadril, o pescoço, e então, se os pés ainda não tivessem encontrado nada sólido, o lodo cobriria sua cabeça e o sufocaria.

O menino selvagem diante dele parecia estar escalando, não caminhando. Dedos das mãos e dos pés encontravam rachaduras na parede, e ele seguia por cima do chão lamacento. As unhas raspavam os tijolos e faziam um ruído áspero que fazia Sherlock querer gritar. Era evidente que o garoto havia aprendido a se movimentar pelos túneis e arcos de um jeito que Sherlock não era capaz.

De repente, o corredor ficou tão estreito que Sherlock precisou virar de lado para passar, e as paredes apertavam seu peito e suas costas. Ele expirou, tentando reduzir a circunferência do tórax. Foi se espremendo até onde conseguiu, mas, em determinado trecho, um tijolo saliente comprimiu suas costelas, e ele soube que não conseguiria continuar.

Não conseguia respirar. Não adequadamente, pelo menos. O vão era tão pequeno que não conseguia inspirar mais que uma pequena porção de ar.

O pânico cresceu dentro dele, sombrio e corrosivo. Ele tentou voltar, mas alguma coisa na estreita passagem havia mudado. Talvez eles tivessem deslocado alguns tijolos ao passarem. O que quer fosse, era como se o corredor tivesse ficado mais estreito. Quando tentou voltar, Sherlock descobriu que algo comprimia sua coluna. Não conseguia ir para a frente nem para trás. Estava preso!

Queria gritar, mas não conseguia inspirar ar suficiente para tanto. Uma névoa vermelha pareceu encobrir seus olhos. O coração disparou, batendo com força e descompassado, como se tentasse escapar do peito tão desesperadamente quanto ele tentava escapar da fresta.

Alguém agarrou seu pulso e puxou com força. Os tijolos esfolaram a pele das costas e do peito, mas a argila começou a esfarelar, provocando uma chuva de areia e insetos que voavam em desespero. Sherlock disparou como uma rolha de uma garrafa, passando para uma área maior.

O menino selvagem agora estava diante dele. Fora ele quem libertara Sherlock.

— Você podia ter me deixado lá — comentou Sherlock, ofegante. — Podia ter me deixado sufocar e tirado todo o dinheiro dos meus bolsos.

— Ah... — murmurou o garoto, com uma expressão indecifrável. — É. Acho que podia ter feito isso. — Ele se virou, depois olhou para Sherlock por cima do ombro. — A gente tem que continuar andando. Eles não estão longe.

Alguns metros adiante, o corredor terminava em uma escadaria estreita. Sherlock subiu os degraus atrás do menino até chegar a um espaço cavernoso, e o que ele viu o fez ofegar, incrédulo.

Estavam no que parecia um enorme depósito, tão cheio de caixas empilhadas que Sherlock não conseguia ver as paredes. Mas podia ver o teto. Era feito de vidraças sujas presas a uma moldura de ferro, e a bendita luz do sol passava por elas, uma luz tão brilhante que ele, habituado à escuridão, teve de franzir os olhos para enxergar alguma coisa. Grandes vigas de ferro cruzavam o espaço. Em algum lugar lá em cima, ele ouviu o bater de asas de pássaros.

Mas foram as caixas que chamaram sua atenção. Eram compridas, com mais ou menos dois metros de um extremo ao outro, e estreitas, mas as laterais não eram retas. Elas se alargavam, chegando à largura máxima em um quarto do comprimento, depois voltavam a ficar estreitas. Por alguns segundos, Sherlock olhou para as caixas sem reação, tentando entender o que eram, e depois percebeu. Na verdade, sabia desde o primeiro momento em que pusera os olhos nas caixas, mas sua mente se recusara a aceitar a horrível verdade.

Eram caixões.

— Que lugar é este? — perguntou Sherlock, chocado.

— É onde eles guardam os corpos prontos para mandar para a Necrops.

— Necrops?

Sherlock nunca ouvira essa palavra antes.

— É, você sabe, para onde são levadas as pessoas mortas.

Sherlock pensou depressa.

— Está falando do cemitério? — E de repente tudo fez sentido. — Você quis dizer *necrópole*.

As aulas de grego que tivera na Escola Deepdene ainda não haviam sido esquecidas: uma necrópole, uma cidade dos mortos.

— Sim. Lá em Brookwood. É para lá que vão os trens.

Brookwood? Esse lugar ficava perto de Farnham, onde moravam seus tios. Onde ele estava hospedado. De repente lembrou-se de algo que Matty Arnatt dissera quando se conheceram, algo sobre não querer ir a Brookwood de bicicleta. Na época, ele não quis dizer por quê, e Sherlock não havia insistido. Agora ele sabia. Devia haver um grande cemitério em Brookwood: um lugar para onde corpos eram enviados.

— Por que não enterram essas pessoas em Londres? — perguntou ele.

— Não tem espaço — respondeu o menino, sem rodeios. — Os cemitérios daqui estão cheios. Os corpos estão empilhados uns em cima dos outros. Se vem uma chuva mais forte, os caixões são levados pela enxurrada e ficam à vista para quem quiser ver.

Sherlock olhou em volta, para as pilhas de caixões, notando que todos tinham um número anotado com giz na lateral. Presumia que os números correspondessem a registros mantidos em algum lugar, de forma que um caixão específico estivesse associado a determinado funeral.

— E todos eles estão... ocupados?

O menino assentiu.

— Cada um deles. — E parou. — Coisa boa.

— Como assim?

— Às vezes os caixões caem. Quebram. E as pessoas costumam ser enterradas com suas coisas; relógios, anéis... E roupas, também. Tem gente que paga bem por um belo paletó. E não se incomoda com quem estava usando antes.

Sherlock ficou enjoado. Aquele era um mundo inteiramente novo, e ele não queria fazer parte dele. Mas, mesmo contra sua vontade, não conseguia deixar de fazer perguntas. Precisava saber.

— Como os caixões chegam a Brookwood?

— De trem, por ferrovias especiais. — O menino apontou para um ponto distante. — Estrada de Ferro Necrops. Os trilhos seguem por ali.

— Existe uma ferrovia só para os mortos?

— E para as pessoas que eles deixam para trás. — O menino sorriu, revelando uma boca em que só restava um dente podre. — Há viagens de primeira, segunda e terceira classe só para os caixões. — Viajar com estilo quando morrer, dá para fazer. — Ele abriu os braços. — Ainda bem que as pessoas não veem como seus entes queridos são tratados antes de entrar no trem, não é?

Sherlock olhou em volta de novo, para os caixões em pilhas apertadas e mais altas que ele. Todos contendo mortos. Estava cercado por cadáveres em número suficiente para povoar uma pequena cidade. Assustador.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos.

O menino balançou a cabeça.

— Daqui para frente você tá sozinho, parceiro.

— Tudo bem. — Sherlock entregou ao garoto um punhado de moedas do bolso. — Obrigado.

Ele assentiu.

— Você é muito bacana. — Dando um passo para trás, o menino levou os dedos à boca e assobiou tão alto que os ouvidos de Sherlock doeram. — Ele tá aqui! Tá fugindo! — gritou com toda a força.

— Pensei que você estava me ajudando — protestou Sherlock.

— Eu tava. — O garoto balançou a mão que segurava as moedas. — Já fechamos nosso acordo. Agora tô ajudando eles. Talvez deixem eu ficar com seus sapatos.

Sherlock ouviu o barulho na passagem estreita de onde saíra, o som de unhas compridas arranhando tijolos. Olhando para a escuridão, viu o brilho de olhinhos refletindo a luz.

Ele se adiantou e agarrou o garoto pelo pulso. Torcendo seu braço, empurrou-o para a passagem.

— Ele está com meu dinheiro! — gritou. — Está com as moedas na mão!

O menino o fitou horrorizado por um momento antes de ser puxado para as sombras por várias mãos pequeninas. Sherlock ouviu seu grito, e depois nada além de ruídos de luta e roupas se rasgando.

Ele correu. Enquanto as crianças selvagens estavam distraídas, tinha uma chance de escapar.

Ainda ofegante, ainda sentindo o ardor nos pulmões e nos músculos, ele se moveu o mais rápido que pôde, correndo entre as pilhas de caixões. Em poucos instantes, estava livre e em espaço aberto.

Diante dele havia três trens a vapor. Estavam nos trilhos, mas no fim da fila. Eram como o trem que o trouxera para Londres com Amyus Crowe, exceto pela pintura: tanto a locomotiva quanto os vagões eram pretos. Cada vagão tinha um crânio branco pintado na frente e no fundo. Sob os crânios havia o desenho de ossos cruzados.

Sherlock presumiu que os trens só circulavam depois do anoitecer. Ver algo como aquilo durante o dia seria uma experiência perturbadora para qualquer pessoa.

Por outro lado, vê-lo aparecer envolto em uma nuvem de fumaça no meio da noite, a caldeira brilhando vermelha com o calor do carvão em brasa, também seria uma experiência bem aterrorizante.

Ele olhou para trás, para as pilhas de caixões. Nas sombras que os cercavam, acreditou ver o brilho de olhos seguindo seus movimentos, mas não tinha certeza. O importante era que não estavam vindo atrás dele. Não se exporiam à luz do dia, e ele com certeza não voltaria para a escuridão. Tinha acabado. Por enquanto.

Ele se virou e deu um passo à frente. Alguma coisa quebrou sob seus pés. Sherlock olhou para baixo e viu um osso brotando do chão; havia pisado nele e o partira em dois. *Às vezes os caixões caem*, dissera o menino. *Quebram*. Parecia que o conteúdo era deixado onde caía. Toda aquela pompa e circunstância para os mortos — trens especiais, uma necrópole em Brookwood — e mesmo assim os restos mortais eram simplesmente deixados para apodrecer onde caíam se os

caixões quebrassem. Era como se o espetáculo tivesse mais importância que a realidade. Os pranteadores não sabiam, ou talvez nem se importassem, se o familiar que havia morrido estava no caixão a ser enterrado.

Além dos trens, os trilhos seguiam para o lado de fora. Uma brisa soprava, dissipando o cheiro das catacumbas pelas quais Sherlock havia sido perseguido e nas quais quase perdera a vida. Ele caminhou, cansado, em direção à pálida luz do sol. Em algum lugar lá fora, no mundo real, Mycroft ainda enfrentava uma acusação de homicídio, e Sherlock precisava ajudar a limpar o nome do irmão. Estava exausto e dolorido, mas isso não tinha importância. Mycroft precisava de ajuda.

Estava tão perdido nos próprios pensamentos que levou alguns segundos para perceber que o homem de cabelos grudentos acabara de sair de trás da locomotiva de um dos trens.

— Não vai escapar, garoto — ameaçou ele e levantou as mãos. A luz se refletiu no metal pontiagudo do soco-inglês. — E ainda economizei meia coroa com esse negócio.

CAPÍTULO SEIS

SHERLOCK GELOU. TANTO ESFORÇO, TANTA correria, tantos ferimentos provocados pelos tijolos, e mesmo assim não conseguira escapar. Estava cansado demais para fazer qualquer outra coisa. Não tinha mais energia.

— Como me encontrou? — perguntou ele, sem fôlego.

— Eu não conseguiria passar por aquelas fendas, não é? — disse o homem. — Mas eu sabia que a maioria delas acaba chegando aqui, no campo dos ossos, por isso contornei a área por fora e esperei. Estava quase desistindo quando ouvi você se arrastando até aqui. — Ele fez uma pausa. — Ainda preciso saber por que estava me seguindo — anunciou em tom sombrio. — Depois você vai morrer.

Uma silhueta avantajada saiu em silêncio do espaço entre a locomotiva e o vagão, por trás do homem barbudo armado com o soco inglês. A pessoa usava um chapéu.

Sherlock reconheceu Amyus Crowe no instante em que ele passou o braço esquerdo em torno do pescoço do bandido, segurando o pulso com a mão direita. O pescoço do homem ficou preso na articulação do cotovelo de Crowe, e Sherlock viu o tecido da manga de sua camisa esticar por conta dos músculos enrijecidos.

O homem arregalou os olhos e levantou as mãos para puxar o braço de Crowe, mas não conseguiu removê-lo, por mais força que fizesse. Cansado demais para ficar surpreso, Sherlock viu o rosto do homem se tingir de roxo. Crowe devia estar aplicando força suficiente para impedir sua respiração.

O bandido arriscou dar um chute desesperado para trás com a bota direita, mas Crowe se posicionara com as pernas afastadas uma da outra, e o chute não encontrou seu alvo. Em seguida, o homem afastou as mãos dos braços de Crowe e deu socos para trás, na altura da própria cabeça, esperando atingir Crowe com o soco inglês. Crowe apenas afastou-se da arma e aumentou a pressão no pescoço do outro.

— Estou decepcionado por ter sido descuidado a ponto de deixar este homem perceber que você o estava seguindo — comentou ele em um tom moderado, olhando para Sherlock por cima do ombro do desconhecido.

Sherlock passou a mão suja pelos cabelos.

— Sinto muito — desculpou-se. — Pensei que estivesse bem camuflado.

— Aprenda uma lição — aconselhou Crowe, cordialmente. — Armadilhas podem ser revertidas. Essa é a diferença entre animais e humanos. Coelhos não resolvem de repente caçar raposas, mas homens podem inverter os papéis. A presa pode tornar-se o predador. Procure os sinais. Se sua presa o está levando para algum lugar isolado, então é possível que tenha visto você e queira confrontá-lo.

— Nunca para de dar lições? — perguntou Sherlock, exausto, lembrando-se da lição no lago, quando estavam pescando.

— A vida nos ensina o tempo todo, se estivermos atentos o bastante para entender. — Crowe olhou para o lado, para o rosto arroxeado e os olhos arregalados do homem. — Agora — disse ele, em tom casual —, você e eu vamos conversar. Por que estava ameaçando meu amigo e pupilo aqui? Isso não é civilizado, camarada.

— Ele estava me seguindo — sussurrou o homem, quase sem fôlego.

Crowe olhou para Sherlock e levantou uma sobrancelha.

— Suponho que tenha tido um motivo — disse ele. — Não era apenas um treino de suas habilidades de rastreamento... Embora evidentemente esteja precisando treiná-las.

— Encontrei a gráfica que fez o cartão de visita — esclareceu Sherlock. — O tipógrafo disse que esse homem estava do lado de fora esperando pelo que encomendou a impressão. Os dois foram embora juntos.

Crowe assentiu.

— Imaginei que fosse alguma coisa assim. — Ele voltou a olhar para o prisioneiro. — Então, isso nos leva a perguntar *por quê*? Por que pagou a um homem pobre e doente para imprimir um único cartão de visita, e por que depois disso o mandou visitar o Sr. Mycroft Holmes em seu clube?

O homem tentou afastar o braço de Crowe.

— Está me *sufocando*! — protestou.

— Que percepção! Eu *estou* sufocando você.

— Vai quebrar meu *pescoço*!

— Ainda não. Mais um pouco de pressão e seu pescoço se partirá como um galho podre, é verdade, mas ainda não. Primeiro você vai sufocar.

— Vai me *matar*!

— Sim — confirmou Crowe. — Creio que sim. Fale depressa.

— Fui pago!

— É claro que foi. Não achei que estivesse fazendo isso por amor à rainha e ao país. A questão é: quem estava pagando?

— Não sei como se chamam! — O homem batia no braço esquerdo de Crowe. — Só me deixe respirar! Por favor!

Crowe diminuiu a pressão um pouco e o homem tomou um fôlego fraco. O cabelo estava emplastrado e o rosto perdeu um pouco da cor de beterraba.

— Eu fui abordado na taverna Shaftesbury uma noite — disse, arfando. — As pessoas sabem que resolvo problemas. Fecho negócios e encontro as pessoas certas para uma barganha, qualquer coisa que quiser. Eu deveria procurar um homem que estivesse à beira da morte e precisasse de dinheiro para a família. Disseram que deveria convencer esse homem a fazer uma última coisa e, se ele a fizesse corretamente, garantiria o conforto futuro da família.

— E você conhecia um homem assim?

— Eu conheço centenas de homens assim! Eles existem aos montes por aqui. Tuberculose, alcoolismo, úlcera... Há muitas maneiras de morrer em Londres.

— E que última tarefa *era* essa que ele tinha de cumprir?

O homem ficou em silêncio.

Crowe apertou o pescoço dele com mais força.

— Mais um pouco de pressão — murmurou ele —, e o último som que vai ouvir será o de seu pescoço quebrando. Já fiz isso com pumas, já fiz com jacarés, e até com um touro, nos meus bons tempos. Você não vai ser um desafio, acredite em mim.

— Ele precisava ir àquele clube em Whitehall — apressou-se a dizer o homem — e pedir para ver um homem em particular. Sozinho. Um homem chamado Mycroft Holmes. E tinha que entregar a ele o cartão que mandamos imprimir. Um cartão só. E, quando estivesse sozinho com esse homem, era para ele espirrar alguma coisa no rosto do sujeito, um negócio que estaria em um frasco parecido com um de perfume. O camarada ficaria como se estivesse dormindo em pé. Então, ele deveria colocar uma faca de verdade na mão do sujeito e esfaquear *a si mesmo* com outra faca, feita de gelo. Tipo uma pantomima, é o que era.

— De onde saíram as facas?

— Disseram que um menino iria nos encontrar quando chegássemos ao clube. Ele nos daria uma caixa com as facas. Tinha que ser assim, ou a faca de gelo derreteria, mesmo estando na caixa.

Crowe sorriu.

— Não achou tudo isso meio estranho?

— Já fiz coisas mais estranhas — admitiu ele —, e o pagamento era muito bom.

— O homem que o contratou... Sabe o nome dele? Pode descrevê-lo?

— Eu não disse que era um cara, disse?

Crowe levantou as sobrancelhas, surpreso.

— De fato, não disse. Eu me enganei. Então... foi contratado por uma mulher?

Ele assentiu, tanto quanto era possível com o braço de Crowe em torno do seu pescoço.

— Sim, uma mulher.

— Descreva-a.

— Jovem. Magra. Bem-vestida.

Crowe bufou.

— O rosto, homem. Descreva o rosto.

— Não vi. Ela usava um chapéu grande e um véu.

— Cor do cabelo?

— Não consegui ver embaixo do chapéu.

— Mas você a seguiu, não? Depois que ela o contratou?

Sherlock viu a surpresa nos olhos do desconhecido.

— Como sabe? — chiou ele.

— Conheço *você*, meu amigo. Ou pelo menos conheço homens *como* você. Uma mulher com muito dinheiro... É claro que você a seguiu. Queria descobrir onde ela morava, talvez tentar invadir a casa mais tarde e roubar o restante do dinheiro que com certeza havia no local. Homens como você estão sempre em busca de oportunidades. Então... Para onde ela foi?

O homem deu de ombros, mudando um pouco a posição do braço de Crowe.

— Não foi para casa nenhuma. Foi até um museu em Bow. O nome do lugar é Passmore Edwards. Já foi uma grande mansão. Esperei por umas duas horas, mas ela não saiu mais. Não sei se mora ali, ou se havia uma saída nos fundos, mas nunca mais a vi.

— Mais alguma coisa? Algum fato que queira compartilhar conosco?

— Não... Não, juro!

Crowe o soltou de repente, e o homem caiu de joelhos, engasgando e segurando o pescoço.

— Acho que já arrancamos tudo que era possível desse sujeito — disse Crowe a Sherlock. — Se estiver disposto, podemos ir a uma cafeteria comer alguma coisa. — Ele olhou com ar crítico para a calça e as botas enlameadas de Sherlock e para o paletó manchado por causa dos tijolos. — Antes talvez possamos encontrar uma loja de roupas. Não vai causar uma boa impressão nesse estado.

Antes que Sherlock pudesse responder, o homenzinho se levantou de repente do chão e, girando o braço, tentou fazer o soco-inglês chocar-se no rosto de Amyus Crowe. Ele rosnava e seu rosto estava contorcido em uma máscara de fúria.

— Tentou me sufocar, não é? — gritou ele.

Crowe se inclinou para trás, saindo do caminho. O soco-inglês passou bem na frente de seus olhos, a apenas alguns centímetros. Crowe deu um passo para a frente e, então, girou o corpo para a esquerda e deu um chute com o pé direito. A bota atingiu o joelho do homem. Sherlock ouviu um estalo. O homem caiu no chão gritando.

— Vamos — disse Crowe, chamando Sherlock. — Sinto que há um bule de café e um bolo com glacê à minha espera em algum lugar, e pretendo encontrá-los.

Ele foi caminhando na frente, seguido de perto por Sherlock. Os dois se afastaram, deixando o bandido encolhido no chão, segurando o joelho quebrado.

— Não deveríamos avisar à polícia? — perguntou Sherlock. — Esse homem não devia ser preso?

Crowe deu de ombros.

— Se vai se sentir melhor assim, acho que podemos tentar, mas será a palavra dele contra a nossa, e o único dano foi causado por mim. Qualquer policial respeitável me prenderia, em vez de detê-lo. Ou prenderia os dois até esclarecer tudo que realmente aconteceu.

— Mas isso não é justo! — protestou Sherlock.

— Talvez não, mas é a justiça. Se você não conhece a diferença entre as duas coisas, precisa aprender.

Crowe conduziu-o pelo caminho de volta para as ruas, vielas e arcadas da área em torno da estação de Waterloo.

— Como me encontrou? — perguntou Sherlock, caminhando a seu lado.

— Resposta simples: eu estava seguindo você.

— Mas eu não vi você — protestou Sherlock.

— Isso é o esperado quando sigo alguém. Diferentemente de você, sou capaz de permanecer nas sombras, ou na multidão, ou atrás das esquinas.

— Por que me seguiu?

— Depois de verificar aquele endereço no cartão, que, a propósito, era falso, decidi procurá-lo. Fui visitar as gráficas seguindo a ordem inversa, começando pela última da lista. Vi você saindo da segunda onde estive — a terceira que *você* visitou. Estava tentando alcançá-lo, mas você andava depressa. Depois parou e começou a observar uma taverna. Imaginei que estivesse seguindo algum rastro, e não quis chamar atenção, por isso me abaixei em uma soleira para ver o que estava acontecendo. Depois de um tempo, você começou a seguir aquele homem barbudo, e fui atrás. Vi quando ele o encurralou nas arcadas, mas você fugiu antes que eu pudesse interferir. Então passei uma hora analisando o lado de fora, tentando descobrir por onde você sairia.

— Ah... — disse Sherlock, com mais calma. — Faz sentido.

Eles voltaram à área na frente da estação. Crowe viu uma pequena alfaiataria e, algumas portas adiante, uma sapataria. Dez minutos depois, eles tinham calça, camisa, botas e paletó novos para Sherlock. Crowe pagou pela compra sem comentários. Sherlock deduziu que ele acertaria as contas com Mycroft depois... se seu irmão algum dia fosse libertado.

Quando saíram da alfaiataria, Crowe indicou o caminho para um salão de chá da Aerated Bread Company perto dali. Eles escolheram uma mesa perto da janela. Sherlock sentia-se estranhamente desconectado da realidade. Menos de uma hora antes estava correndo por túneis escuros para salvar a própria vida e agora estava sentado ao sol esperando para comer um bolo. A vida às vezes era estranha. Na verdade, ele refletiu, a vida era estranha na maior parte do tempo.

— Então, e agora? — perguntou ele quando a bandeja com café e bolos chegou.

— Vamos rever o que sabemos. — Crowe pegou um pedaço de bolo. — Há pelo menos um intermediário entre a pessoa que dá as ordens e a pessoa que as executa.

Sherlock mudou o semblante.

— Como assim, um intermediário?

— Bem, o homem que se matou no Diogenes Club não conhecia a mulher do véu. *Ela* contratou o homem barbudo, e *ele* contratou o homem que estava disposto a se matar para garantir o futuro financeiro da família.

— A mulher pode ter sido contratada por outra pessoa. Talvez haja dois intermediários.

— É possível — refletiu Crowe. — Quem está organizando tudo isso é muito cauteloso. Estão se certificando de que ninguém consiga seguir seus rastros. Só chegamos até aqui graças a dois eventos não planejados: o fato de o tipógrafo ter reconhecido o barbudo, e o de o barbudo ter sido ganancioso e imoral o suficiente para seguir a mulher que o contratara até o museu de que falou. Nunca subestime o valor de uma coincidência.

— Mas com que propósito? — perguntou Sherlock. — O que eles pretendem, exatamente?

Crowe deu de ombros.

— O objetivo imediato parece ser desacreditar seu irmão, ou simplesmente tirá-lo do caminho. O objetivo no longo prazo, bem... sobre isso não temos certeza. Precisamos de mais informação.

Sherlock suspirou. Tinha pensado que estava faminto depois de tanta correria, mas os bolos simplesmente não lhe apeteciam mais.

— O que podemos fazer? — perguntou ele.

— Em minha opinião, temos três opções — respondeu Crowe. — Primeira, podemos dizer à polícia o que sabemos e voltar a Farnham com a esperança de que o advogado do clube consiga tirar Mycroft da prisão e limpar seu nome.

— Quais são as chances de isso funcionar? — indagou Sherlock.

— Poucas. A polícia não vai querer investigar um crime para o qual já tem indícios claros contra um homem que já está preso, e nossa história não é exatamente fácil de acreditar, nem com toda a boa vontade do mundo. E nossa prova desapareceu.

— Mas temos o spray de morfina!

Crowe não se importou.

— Pode ser remédio, como disse seu irmão. E não podemos simplesmente mostrá-lo aos policiais. Eles podem alegar que compramos o frasco na farmácia da esquina.

— Qual é a segunda opção?

— Podemos ficar em Londres e falar com os empregadores do seu irmão no Ministério das Relações Exteriores. Tentar convencê-los a entrar em ação para tirá-lo da cadeia.

Sherlock fez uma careta.

— Nem eu acredito que isso possa dar certo.

— De fato. Há uma boa chance de o Ministério deixar seu irmão onde está. A última coisa que quer é constrangimento e publicidade.

— Então, vamos seguir a terceira alternativa — decidiu Sherlock.

Crowe sorriu.

— Você ainda nem sabe qual é.

— Posso imaginar. — Os olhos de Sherlock encontraram o olhar enganosamente manso de Crowe. — Nós mesmos reuniremos provas suficientes para limpar o nome de Mycroft. Iremos ao museu em Bow e tentaremos encontrar a mulher do véu.

Crowe assentiu.

— É mais ou menos isso. E, francamente, não tenho muita esperança. Não creio que tenhamos muitas chances.

— Por que não há ninguém a quem possamos recorrer? — explodiu Sherlock. — Por que não existe alguém que pode investigar as coisas que a polícia não quer ou não pode investigar? Uma espécie de força independente de detetives, uma consultoria que possa esclarecer as coisas, como a Pinkerton de que me falou, aquela agência nos Estados Unidos?

— Isso exigiria alguém com um conjunto de qualidades interessantes, com certeza — disse Crowe, com uma expressão estranha no rosto. — Mas é um nicho profissional atualmente vago aqui na Inglaterra. — Ele pareceu afastar

quaisquer pensamentos que tivesse em mente. — Tudo bem, sugiro que consigamos uma charrete para nos levar ao museu em Bow.

Eles encontraram uma imediatamente, embora Sherlock notasse que Crowe havia deixado passar dois carros vazios, escolhendo o terceiro em cima da hora, quando já os ultrapassava.

— Por que não parou o primeiro carro? — perguntou Sherlock quando embarcaram.

— Porque estamos nos metendo em uma teia tecida por alguém — respondeu Crowe —, e eu queria ter certeza de que o carro foi mesmo escolhido por nós, não por outra pessoa.

— Então, o que havia de errado com o segundo carro?

Crowe sorriu.

— O cavalo era manco. Duvido que pudesse percorrer toda a distância até Bow. E não gostei do bigode do condutor.

Eles se acomodaram no interior do veículo, e o rosto do condutor surgiu na abertura acima deles.

— Para onde, cavalheiros?

— Conhece o museu Passmore Edwards? — perguntou Crowe.

A jornada levou aproximadamente meia hora, e Sherlock passou o tempo todo olhando para fora, para os fragmentos de vida real que iam surgindo: varais cheios de roupas, estendidos entre janelas de lados opostos da rua; homens de rosto endurecido parados nas esquinas; vendedores ambulantes com tabuleiros de doces, frutas e flores; amoladores de faca empurrando seus carrinhos e chamando aos gritos os clientes para afiar suas facas nas pedras movidas por pedais que empurravam.

O museu era um edifício de pedras marrom-alaranjadas com acabamentos brancos nas quinas e uma varanda com colunas ornamentais. Ficava afastado da rua, separado da calçada por uma faixa de grama e uma cerca de metal da altura do joelho. Uma placa de pedra presa à parede da porta havia sido entalhada com as palavras *Museu Passmore Edward de Curiosidades Naturais*.

— Continue dirigindo — disse Crowe ao condutor. — Pode nos deixar na esquina.

O condutor deteve o cavalo onde Crowe havia mandado. Ele pagou, e os dois desceram do veículo.

— Não olhe diretamente para o prédio — instruiu Crowe. — Vamos ficar aqui conversando por alguns segundos. Temos que recolher todas as impressões possíveis.

— Pode me chamar de burro — disse Sherlock —, mas tenho a impressão de que isso é mesmo um museu. Não parece ser uma fachada para outra coisa.

— Pode ser apenas um ponto de encontro conveniente — sugeriu Crowe. — Uma escolha quase aleatória, em vez do quartel-general de uma conspiração. Se for esse o caso, não vamos descobrir nada aqui, e então ficaremos sem evidências para investigar.

— O mínimo que podemos fazer é dar uma olhada — apontou Sherlock. — Podemos encontrar alguma coisa, ouvir alguma coisa, ou alguém pode se lembrar de ter visto uma mulher usando um véu.

— Bem pensado, muito bom — aprovou Crowe.

Ele seguiu na frente até a porta, para todos os efeitos um pai que passava o dia passeando com o filho.

Eles entraram no saguão vazio de onde subia uma escada que se dividia para a esquerda e para a direita. Podia ser a entrada de qualquer grande casa da cidade, não fosse pela enorme vitrine de vidro que ocupava o centro da área ladrilhada. Ali havia uma representação relativamente precisa de uma floresta, povoada por vários animais empalhados: uma raposa, alguns furões, diversos ratos, camundongos e ratos-do-campo, e uma lontra surrada que parecia pertencer a outro lugar. Os animais eram empalhados em poses de alerta e espanto, como se houvessem sido pegos quando investigavam um barulho forte e inesperado. Seus olhos negros vidrados pareciam olhar em todas as direções.

Um homem de uniforme e quepe azuis aproximou-se deles.

— Quer comprar dois ingressos, senhor? — perguntou ele. — São só dois centavos cada, e podem ficar pelo tempo que desejarem. No momento, tudo está bem tranquilo.

— Obrigado — disse Crowe, entregando ao homem algumas moedas. — Que exposições recomenda?

O guarda pensou um pouco.

— A galeria dos pequenos mamíferos, no andar superior à direita, é sempre elogiada pela veracidade. A galeria dos anfíbios, no andar superior à esquerda, tem várias espécies incomuns que as crianças adoram.

— Vamos nos separar — Crowe falou quando o homem se afastou. — Eu vou ver os anfíbios, você vai ver os mamíferos. Vamos nos encontrar aqui em meia hora e, se não tivermos visto nada de interessante, seguiremos adiante para visitar outras galerias.

— O que chama de algo interessante?

— Como falei no Diogenes Club, qualquer coisa que não se encaixe. Qualquer coisa que se destaque.

— Em um museu de animais empalhados?

Crowe teve a bondade de sorrir.

— Tudo tem a ver com o contexto. Na rua, um cachorro andando não é incomum. Em um museu de animais empalhados, é.

— Tudo bem — respondeu Sherlock, sem muita certeza.

Eles subiram juntos o primeiro lance da escada de mármore e se separaram na bifurcação. Sherlock foi para a direita e Crowe, para a esquerda.

A escada conduziu a um balcão que contornava o espaço superior do saguão de entrada. O balcão era protegido por uma balaustrada de pedra que chegava à cintura. Havia várias portas que presumivelmente levavam a diferentes salas de exposição. Um grande lustre de vidro com velas pendia do teto.

Sherlock caminhou para a primeira porta. Além dela, encontrou uma sala comprida com uma série de armários de vidro paralelos à porta, que o impediam de enxergar o fim da sala. Uma claraboia no teto deixava entrar a luz do sol. Ele ouvia vozes em algum lugar da sala, mas não via mais ninguém.

Caminhando em direção ao fundo da sala, Sherlock foi contornando os armários sempre que necessário e examinando rapidamente os itens que cada um exibia. Como o guarda dissera, aquela era uma galeria de pequenos mamíferos. Um furão, posicionado em um arranjo de grama seca, ocupava uma caixa ao lado de um grande felino marrom com orelhas de pelos longos, sentado sobre uma faixa plana de areia do deserto. Um texugo de listras pretas e brancas emergia, curioso, de uma toca, a poucos passos de uma raposa com orelhas enormes que estava andando para sempre em uma paisagem de gelo e neve artificiais. Aquilo tudo devia fazer sentido para alguém.

Sherlock parou ao lado do texugo por um momento. Olhar para o animal o levou de volta a Farnham, ao texugo morto que ele usara para distrair o cão de guarda do barão Maupertuis. Na época, a situação havia parecido o ponto mais baixo da vida. Se ele soubesse...

Sherlock passou por vitrines de ratos e camundongos variados, gatos e cachorros pequenos antes de chegar ao fundo da sala. Os olhos sem expressão pareciam segui-lo quando passava. O portal no fundo da sala levava a um corredor menor com duas portas. Ele escolheu uma delas ao acaso e entrou.

Uma figura se debruçava sobre ele, os braços erguidos, garras perigosas emergindo das mãos. Ele se jogou para trás e quase caiu antes de perceber que a figura estava em uma vitrine e as mãos eram, na verdade, patas. Não era o homem barbudo da estação de Waterloo. Erguendo-se, Sherlock ajeitou o paletó, constrangido. Era algum tipo de urso, com pelo marrom emaranhado e um focinho que havia sido tratado para parecer molhado. O animal era maior que Amyus Crowe, e isso não era pouca coisa.

A sala cuja entrada o urso guardava continha vitrines ainda maiores. Além do urso, havia um alce com chifres enormes como galhos, vários javalis de pelo

áspero e presas em uma pose familiar, e o que parecia ser uma vaca coberta por pelos marrons tão longos que Sherlock nem conseguia ver seus olhos.

A porta no fundo se abria para mais outra sala. Sherlock começava a ter a sensação de que estava em algum tipo de labirinto. Além das vitrines de vidro ao longo das paredes, havia outras no centro. Cada uma continha um tipo de ave e, pelo que Sherlock podia ver, eram todas aves de rapina.

A vitrine mais próxima continha uma águia solitária em pose nobre. O cenário de madeira fora pintado para representar montanhas distantes e um céu azul sem nuvens.

Sherlock continuou andando pela sala. Ouviu alguma coisa se movendo — o arrastar de um sapato no piso. Havia alguém na sala com ele, embora não pudesse ouvir vozes. Talvez fosse um visitante solitário.

Ele passou por diversas vitrines contendo corujas de vários tipos. Estavam sobre galhos — reais, talvez, ou feitos de gipsita; Sherlock não conseguia determinar. As garras envolviam os galhos: afiadas armas mortais envoltas em pele escamosa, projetadas para penetrar no corpo da presa e carregá-la, para então poderem voar para o ninho e lá se alimentar.

Enquanto caminhava, ele pensou ter visto um movimento com o canto do olho. Virou-se rapidamente para olhar naquela direção. Todas as aves o encaravam. Mas não estavam voltadas para a porta quando entrara? Agora as aves estavam olhando para o centro da sala. Ou havia nas corujas alguma coisa que tornava difícil determinar para onde elas olhavam?

Alguma coisa agitou-se do outro lado da sala. Havia um pássaro de verdade preso ali? Um pardal, um pombo ou alguma coisa assim?

As vitrines seguintes continham uma variedade de aves de rapina. Sherlock reconheceu falcões, águias, e havia vários outros pássaros que ele não conseguiu identificar.

Mesmo estando mortos e empalhados, havia alguma coisa sinistra nos pássaros, mais do que nos pequenos mamíferos e nos animais maiores. Talvez penas parecessem mais reais do que pelos quando o que havia por baixo não era carne e osso. Ou havia alguma coisa na forma dos crânios e na ausência de gordura corporal que fazia com que o processo de empalhamento os deixasse como se pudessem virar a cabeça a qualquer momento e começar a limpar as penas, ou abrir as asas para alongar os músculos. Embora os olhos também fossem feitos de contas de vidro, Sherlock acreditava poder detectar certa frieza neles, uma ameaça perigosa. Os ratos e ratazanas pareciam ver os visitantes como predadores; as aves nessa sala observavam-nos como se fossem presas.

Estava imaginando coisas outra vez. E isso não o ajudava em nada. *São só aves empalhadas!*, disse a si mesmo. *Não são reais. Não podem se mover.*

Ele ouviu outro movimento súbito no fundo da sala. Passos, talvez. Roupas arrastando na moldura de madeira da vitrine. Não tinha importância: acabaria encontrando outros visitantes em algum momento.

E então ele se assustou com um estrondo. Por um momento, ficou surpreso, tentando imaginar o que era, e então compreendeu que a porta no fundo da sala havia sido fechada com força. Talvez o vento a houvesse batido.

Sherlock contornou uma vitrine que estava no meio do caminho. Na frente dela, uma caixa maior continha um abutre — a cabeça desprovida de penas, o bico cruel e encurvado, as asas abertas que pareciam querer impedir sua passagem.

Ele olhou para cima. Havia outro pássaro: um falcão, pensou Sherlock. Mas esse não estava atrás de um vidro. Estava bem em cima da caixa, como se houvesse acabado de pousar ali.

Um assobio triste de três notas musicais flutuou pelo ar.

Sherlock ainda estava olhando para o falcão quando o pássaro virou a cabeça para enxergá-lo com nitidez e se inclinou para frente, como se estivesse preparado para saltar da caixa e mergulhar direto para o seu rosto.

CAPÍTULO SETE

UM LAMPEJO DE LUZ ATRAIU o olhar de Sherlock. Havia alguma coisa amarrada aos pés do falcão: lâminas de metal que funcionavam como garras extras. Quando o falcão mudou de posição em cima da vitrine, Sherlock viu que a madeira polida se partia quando era tocada pelo metal.

De repente, o pássaro se jogou em Sherlock, impelido por uma única batida de asas. Os pés estavam esticados sob o corpo, e as garras de metal, bem abertas. Sherlock pulou para trás, mas tropeçou e caiu. Foi como se estivesse tombando em câmera lenta. Ele viu o falcão se aproximando, as garras buscando seus olhos. Era como se pudesse ver cada pena da barriga da ave. Um sopro de ar o atingiu no rosto quando o pássaro bateu as asas e passou. O tempo pareceu seguir mais devagar, levando-o a pensar que podia ter parado no meio da queda, que podia estar suspenso no ar, mas o impacto repentino dos ombros no chão o fez perder o fôlego, provocando uma explosão de estrelas em sua cabeça.

Ele rolou, espremeu-se no canto em que a base de madeira de uma vitrine encontrava o chão e se arrastou para frente, esperando sentir a qualquer segundo as garras da ave penetrando no pescoço. Os músculos das costas sofriam espasmos de dor. Pelo canto do olho, reparou em um movimento de penas marrons e se jogou para o lado, mas, como nada aconteceu, olhou com mais atenção e percebeu que era um gavião empalhado atrás do vidro. Estava tão perto que conseguia ver a costura em torno do pescoço e a poeira nos olhos negros de vidro.

Cautelosamente, ele levantou a cabeça e olhou para cima.

Nem sinal do falcão.

Sherlock levantou-se e olhou em volta, os olhos estudando cada esquina escura, cada canto sombrio. Nada. O falcão havia desaparecido.

Ele ouviu em algum lugar um bater de asas, mas o som ecoou pelas paredes nuas da sala, e foi impossível determinar de onde vinha.

Sherlock pressionou as costas no vidro do armário. Podia sentir o frio atravessando o paletó e a camisa.

Qual seria a melhor atitude a tomar? Podia seguir em frente, mas estaria entrando em território desconhecido. Talvez devesse recuar, voltar ao saguão de entrada. Podia esperar por Amyus Crowe lá, ou procurá-lo na seção de anfíbios e répteis.

Esse pensamento levou a outro: Amyus Crowe estava lutando pela vida com um crocodilo, ou algum tipo de grande lagarto como os que encontrara com Matty e Virginia nos Estados Unidos, da mesma forma que Sherlock tinha sido atacado por uma ave na seção de pássaros empalhados. Era uma ideia claramente estúpida — não tinha motivos para pensar que animais empalhados estavam voltando à vida e saindo de suas redomas —, mas o fez raciocinar. O que um falcão vivo estava fazendo em um museu? O que estava fazendo em *Londres*? E por que suas garras eram recobertas por bainhas de metal afiadas como lâminas?

Todas as perguntas tinham a mesma resposta — o pássaro evidentemente pertencia a alguém, à pessoa com o apito, e essa pessoa queria usar a ave para ferir ou matar Sherlock. Talvez alguém os houvesse seguido até o museu, ou o mais provável era que usasse o museu como uma base de operações e os tivesse visto entrar.

Como se fosse uma confirmação de sua hipótese, um breve assobio cortou o silêncio pesado outra vez — três vezes, um sinal para o falcão. Na mesma hora, Sherlock ouviu asas batendo. A luz do sol que entrava por uma claraboia era refletida pelo vidro de uma vitrine, e, com o voo do pássaro, uma sombra dançou no teto.

E então silêncio outra vez.

Sherlock se moveu o mais silenciosamente possível, tentando chegar à porta pela qual entrara. Seu olhar vagava em todas as direções, tentando determinar de onde viria o ataque.

A poeira fazia seu nariz coçar, e ele sentiu que um espirro se aproximava. Apertou com força a ponte do nariz, e continuou pressionando até a vontade passar. A última coisa que queria era atrair a atenção do falcão.

Olhando em volta, percebeu que não sabia ao certo onde estava. Não reconhecia as aves nas vitrines. Achava que eram águias, mas as penas eram em grande parte brancas, e elas tinham uma espécie de babado em torno do pescoço.

Não havia passado por aquelas vitrines ao entrar. Devia haver outro caminho que ele não notara.

Seguir em frente ou voltar?

Decidiu continuar. Se tivesse sorte, encontraria outra saída.

Se não tivesse, o falcão o encontraria. Ou o dono da ave.

Ele foi observando as vitrines à sua volta enquanto caminhava. A que estava à esquerda continha uma ave de rapina marrom com um bico afiado. Sherlock continuou andando, e seu olhar passou por ela, mas sua mente insistia em levantar uma bandeira vermelha. Pensou que podia ser apenas a semelhança entre a ave na vitrine e o falcão que quase arrancara seus olhos, mas então o pássaro virou a cabeça para acompanhar seus movimentos, e ele percebeu que

não estava na caixa, que estava vazia, e sim olhando *através* do vidro, empoleirado em uma prateleira atrás.

O falcão decolou, propelindo-se com poderosos movimentos das asas. Por um momento, ele pairou no ar, acima da vitrine vazia, e depois mergulhou na direção de Sherlock.

O menino levantou os braços em uma reação de defesa, cruzando os antebraços na frente do rosto. A ave o atingiu em uma confusão de garras e asas. As unhas cobertas de metal o acertaram, tentando agarrar seus braços, mas só conseguiram rasgar as mangas do paletó. As asas batiam nas laterais de sua cabeça com golpes fortes como os de um boxeador. Uma das garras passou pelo tecido do paletó e da camisa, e ele sentiu uma linha ardida de sangue sendo desenhada no braço esquerdo, depois algo úmido encharcando o tecido. Havia fechado os olhos instintivamente quando o pássaro o atacou, mas agora, ao abri-los, viu que a cabeça da ave estava a poucos centímetros da dele. O falcão começou a recuar, equilibrado nos pés, preparando-se para atacar o olho direito de Sherlock com o bico afiado. Furioso e apavorado ao mesmo tempo, o garoto bateu com a mão direita. Os nós dos dedos se chocaram no peito do pássaro, derrubando-o. O animal bateu as asas e decolou, mas, em vez de ir embora, atacou novamente.

Protegendo o rosto com um dos braços, Sherlock atacou com o outro. Se houvesse acertado, provavelmente teria quebrado a asa do pássaro, mas ele era rápido demais. O falcão se moveu no ar, evitando o punho fechado. Sherlock o viu afastar-se e seguir pelo corredor entre as vitrines, planar com as asas abertas na direção do chão e depois fazer um arco rápido para cima, batendo as asas para se desviar de uma vitrine à frente.

Sherlock abaixou-se por alguns segundos, apoiando as mãos nos joelhos, com a respiração arfante. Sentia o sangue pulsar nas veias do pescoço e nas têmporas.

Ainda abaixado, ele sentiu um formigamento na nuca e se levantou de repente, olhando em volta. Muitos olhos o observavam, mas eram todos de vidro. Sherlock examinou os cantos mais escuros do teto alto, em busca de algum sinal do pássaro. Não conseguia vê-lo em lugar nenhum. Mas a ave o enxergava. Dava para sentir.

O dono do pássaro provavelmente esperava que Sherlock tentasse escapar novamente, que se movimentasse na direção da saída, como fizera antes. Por isso ele andou para o outro lado, para onde o falcão havia voado. Assim tinha ao menos a vantagem do elemento surpresa.

Ele chegou à grande vitrine atrás da qual a ave desaparecera. Havia um bando de pássaros menores empalhados, empoleirados em fios com as asas

abertas, como se fossem voar. O corredor se dividia nesse ponto, seguindo para a esquerda e para a direita. Sherlock escolheu ao acaso e foi para a direita, passando por uma seção de gaivotas. No final, o corredor virava para a direita. Ele parou ali e espiou pelo canto da parede.

À frente, havia uma área aberta com uma porta de madeira que, ele presumiu, se abria para a sala vizinha. Janelas que iam do teto ao chão deixavam entrar a radiante luz do sol dos dois lados do corredor. Em pé no centro da sala, com a silhueta recortada pela luz da janela mais distante, havia um homem. Ele estava de costas para a porta. Sherlock não conseguia enxergar os detalhes e tudo que via era uma silhueta grande e de ombros largos. Ele segurava uma bengala em uma das mãos, em que apoiava seu peso, e o outro braço estava estendido para o falcão pousar. A ave estava agitada, virando a cabeça de um lado para o outro, alternando o peso entre os pés. O homem falava com voz calma, e aos poucos a ave relaxou até ficar imóvel e alerta.

O homem virou a cabeça, olhando para a esquerda e para a direita. O pássaro fez o mesmo. Sherlock recuou para não ser visto.

O que fazer?

Não poderia chegar à porta diante dele. O homem estava no caminho. Precisava voltar, sair pela porta por onde havia entrado.

Uma ideia surgiu de repente. Ele tirou os sapatos e os enfiou nos bolsos. Só de meias, seus passos fariam menos barulho no piso de madeira. Sherlock recuou, depois se virou e correu pelo corredor. Havia esquecido a rota exata, mas aquilo era um museu, não um labirinto. Desde que seguisse na direção certa, ele acabaria bem.

Ele virou para a esquerda, depois para a direita. Havia pássaros em todos os lugares, encarando-o com olhos frios. Talvez já os houvesse visto antes, talvez não. Tudo se misturava.

Uma vitrine vazia! Era onde ele vira o falcão antes, pelo vidro, empoleirado em uma prateleira na parede. Achava que conhecia o caminho a partir daquele ponto. Só mais duas curvas...

Alguma coisa o atingiu entre os ombros, derrubando-o. Garras machucaram suas costas, rasgando o tecido do paletó e da camisa como se fossem lenços de papel. A qualquer segundo, esperava sentir o bico do falcão na nuca, e pensar nisso lhe provocou um arrepio. Sherlock rolou, tentando prender o pássaro sob o corpo, mas o falcão era rápido demais. A ave o soltou, saltou por um trecho do corredor e depois voou. O bater de asas violento deixou para trás algumas penas flutuando.

Sherlock levantou-se trêmulo. Não suportaria muito mais disso.

Ele ouviu o homenzarrão, dono do pássaro, assobiar novamente.

Na outra extremidade do corredor, o falcão de repente fez uma subida íngreme, depois parou e pareceu mudar de direção em pleno ar com um complicado movimento das asas.

No instante seguinte, a ave vinha em sua direção como um projétil com penas.

Sherlock estendeu a mão esquerda para se apoiar à vitrine vazia a seu lado. A porta de vidro se moveu sob seus dedos. Não estava trancada. O responsável pela manutenção das peças expostas deixara a porta aberta enquanto ia buscar a ave empalhada e o material apropriado para o cenário.

Agora o falcão já havia percorrido metade da distância e mergulhava rumo ao piso, mas com outro movimento vigoroso das asas aumentou a velocidade e manteve a altitude.

Ele vinha direto para sua garganta.

Sherlock agarrou o meio da moldura da porta. Não havia tempo para calcular o momento exato; tinha de agir por instinto.

Quando o pássaro estava a dois metros de distância, ele abriu a porta.

A porta de vidro surgiu no caminho do falcão. A ave se chocou no vidro, passou *através* dele e caiu atordoada em meio à chuva de cacos. Sherlock viu o pássaro balançar a cabeça e tentar se levantar. Não havia sangue, e as asas não pareciam ter sofrido danos, mas não conseguiria mais lutar. O coelho se virara de repente e mordera o predador.

Sherlock olhou para o fim do corredor. Lá estava o homenzarrão com a bengala. Ele ainda era uma sombra negra diante da luz, mas Sherlock sentia o olhar dele perfurando sua testa, da mesma forma que antes havia sentido o do falcão em sua nuca.

Com um aceno que era muito mais relaxado do que ele realmente se sentia, Sherlock virou-se e se dirigiu à porta por onde havia entrado. Não tinha importância se estava trancada. Havia lutado com um falcão assassino; uma porta trancada seria brincadeira de criança.

A porta estava mesmo trancada, mas, quando ele se aproximou, alguém a esmurrava, gritando. Momentos depois, houve o som de uma chave na fechadura, e a porta se abriu. Um homem com uniforme de guarda quase caiu dentro da sala.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — Quem trancou essa porta?

— Eu é que pergunto — disse Sherlock. — É você quem está com a chave.

O guarda estudou as roupas rasgadas e ensanguentadas de Sherlock.

— O que houve aqui? — ele quis saber. — Ouvi barulho de vidro quebrando.

Podia contar tudo ao guarda, e quase contou, mas conteve-se. Daria a impressão de ter inventado a história para encobrir um ato de vandalismo. Quem

acreditaria que um falcão o havia atacado? Perderia horas dando explicações e ouvindo recriminações, e precisava encontrar Amyus Crowe e contar o que acontecera.

— A porta de uma das vitrines se abriu quando eu estava passando — disse Sherlock, com tom cansado. — A porta quebrou. Eu me cortei. A quem devo denunciar o acidente?

— Denunciar? — repetiu o guarda.

— Sim. Eu sofri um ferimento. Quem devo procurar para falar sobre indenização?

O guarda pensou por um momento, confuso.

— Acho que deve falar com o gerente — disse ele, bem mais calmo que alguns momentos antes.

— Onde posso encontrá-lo?

— No escritório dele. Entre os babuínos e os ungulados.

— Obrigado.

E, com toda a dignidade que conseguiu reunir, Sherlock saiu.

Ele atravessou várias galerias a caminho da porta principal. Precisava encontrar Amyus Crowe e contar a ele o que havia acontecido. Presumindo, é claro, que Crowe não tivesse sido vítima de algum outro ataque.

Encontrou-o em um pequeno salão de chá localizado do outro lado da escadaria principal, sentado em uma cadeira de ferro fundido pintada de branco, bebendo de uma xícara de porcelana que, em suas mãos, parecia ter saído de uma casa de bonecas. Falsos galhos de árvore haviam sido moldados com gesso na parede e cobertos com folhas de tecido, e aves-do-paraíso e papagaios empalhados haviam sido engenhosamente colocados entre os galhos. Os tons brilhantes de verde, vermelho, azul e amarelo das plumagens brilhavam como joias. O salão de chá estava quase vazio, exceto por um homem sentado sozinho em um dos cantos, lendo jornal, e duas senhoras fofocando perto de uma janela. Um jovem vestindo calças pretas e colete listrado movia-se pelo salão, limpando migalhas quase imperceptíveis das toalhas de mesa.

— Você parece estar precisando de uma fatia de bolo — comentou Crowe com tranquilidade, examinando a aparência de Sherlock com um rápido olhar da cabeça aos pés. — E talvez uma limonada, também.

— Não quer saber o que aconteceu? — gemeu Sherlock, deixando-se cair na cadeira do outro lado da mesa.

— Posso imaginar a maior parte só de olhar para você — respondeu o tutor. — Foi atacado por algum tipo de animal, pelo que vejo. Levou a melhor no confronto, mas sofreu algum dano. O que era? — Ele fez uma pausa. — Não,

não me diga. — Ele franziu a testa. — Uma ave? Uma águia? Não, pequena demais. Um falcão, acho, considerando o tamanho dos rasgos em suas roupas.

— Eu estava na seção das aves de rapina e fui atacado por uma ave de rapina.

— E não uma empalhada, imagino.

— Uma ave *de verdade* — disparou Sherlock irritado.

— É claro. — Crowe permanecia calmo. — Eu estava apenas brincando com você.

Sherlock olhou com mais atenção para seu mentor. O terno de Crowe, normalmente de um branco imaculado, estava amarrotado nas lapelas, como se alguém as houvesse segurado com força, e faltava um botão no punho esquerdo da camisa. O cabelo estava despenteado, como se um vento repentino o houvesse surpreendido.

— Você também não está em sua melhor forma — comentou ele. — O que aconteceu?

Crowe fez uma careta.

— Ah, já me perguntava se perceberia alguma coisa. Encontrei uma porta que levava a alguns escritórios, e estava dando uma olhada no que havia nos bastidores. Tinha uma história pronta, ia dizer que estava procurando o banheiro, mas, em vez de fazer perguntas incisivas sobre minha presença naquele local, alguém tentou me atacar por trás. Felizmente, vi a sombra quando ele já se preparava para o golpe, e consegui me esquivar bem a tempo. Houve uma briga na qual fui jogado contra um batente, mas o agressor deve ter decidido que, sem o elemento surpresa, seria difícil me vencer, e recuou enquanto eu tentava me recuperar do golpe. — Ele riu. — Além de ter notado que era um homem grande e bem-vestido, e que sabia bem como usar um porrete, não há muito mais que eu possa dizer sobre o sujeito.

— Então, nós dois fomos atacados — resumiu Sherlock. — Isso sugere que estamos no caminho certo.

— Eu não tinha certeza de que o ataque era pessoal ou relacionado à nossa investigação, ou se foi só um assalto que deu errado, mas, agora que sei que você também foi agredido, devo presumir que fomos descobertos.

Sherlock olhou em volta.

— Acha que alguém está nos vigiando agora?

Crowe assentiu.

— Eu não me surpreenderia. — Ele olhou em volta, para o homem que lia o jornal, as duas mulheres que conversavam e o garçom de colete listrado. — Porém, provavelmente não por um cliente deste fino estabelecimento. Mas não tenho certeza sobre o rapaz com roupas elegantes que anota os pedidos.

— O que importa é que não encontrei nada — Sherlock falou. — Nada interessante, pelo menos.

— Você pode se surpreender. Conhecendo-o como conheço, prefiro pensar que registrou alguns detalhes ao longo do caminho que podem nos ajudar.

— *Você* descobriu alguma coisa? Antes de ser atacado?

Crowe continuou impassível.

— Dei uma boa olhada em volta, inclusive em algumas áreas nas quais o público não pode entrar, mas tenho de admitir que não encontrei nada. Se alguma coisa está acontecendo aqui, não identifiquei os sinais.

— Sabemos o suficiente para levar o caso à polícia? — perguntou Sherlock. — Não podemos investigar este lugar nós mesmos. Não agora que a Câmara Paradol sabe que estamos aqui.

Crowe assentiu.

— Nós dois fomos atacados. Já é motivo suficiente para acionar a polícia e, se tivermos sorte, eles podem encontrar alguma coisa incriminadora enquanto vasculham o local atrás dos agressores. — Crowe deu um tapa na mesa em um gesto decidido, fazendo a xícara de chá balançar no pires. — Podemos pegá-los! — Ele se levantou de um pulo. — Vai ter de deixar o bolo para outra ocasião — anunciou. — Vamos voltar à delegacia de polícia na Bow Street e registrar uma queixa formal.

CAPÍTULO OITO

— SR. CROWE — CHAMOU Sherlock —, o que aconteceu com meu irmão? O que aconteceu com Mycroft?

Era a manhã seguinte depois da aventura no museu, e eles estavam sentados à mesa do café no Hotel Sarbonnier, onde Sherlock se hospedara na última vez que visitara Londres. Crowe havia se levantado e saído antes de Sherlock acordar, mas, quando o menino descera para tomar o café, Crowe estava entrando no hotel.

— A boa notícia é que ele foi solto sob fiança — respondeu o tutor.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que alguém, no caso o Diogenes Club, pagou uma quantia pela liberdade de Mycroft. A corte decide o valor que deve ser depositado, e eles tomam essa decisão com base na soma que seria suficiente para evitar que um suspeito desaparecesse. Caso seu irmão suma antes do julgamento, se é que vai haver um julgamento, o dinheiro será confiscado. — Ele riu. — Afinal, se fossem necessários apenas cinco xelins para sair da cadeia, qualquer criminoso com um pouco de dinheiro estaria livre em meia hora, e a maioria desapareceria.

— Quanto foi necessário para libertar Mycroft?

— Creio que a soma mencionada foi cinco mil libras.

Sherlock fez uma careta.

— E onde ele está agora?

— Conversando com o advogado e tomando café da manhã no Diogenes Club. Mandei um telegrama informando seu irmão de que você está bem e que se hospedou aqui no Sarbonnier. Talvez ele venha nos encontrar mais tarde.

— Como o Diogenes Club levantou essa quantia?

— Parece que eles têm um fundo para o qual os membros contribuem em troca de assistência e orientação legal. — A expressão de Crowe tornou-se mais pensativa. — Estranho, não vejo os empregadores de Mycroft colaborando muito. Estão em total silêncio. Acho que não querem interferir porque fazem parte do Governo e, portanto, são ligados à força policial.

Sherlock pensou um pouco.

— Mas aquele homem que encontramos, o que me atacou na estação de Waterloo, admitiu que Mycroft caiu em uma armadilha. Outra pessoa cometeu o assassinato.

— É verdade, mas vai levar um tempo até a polícia reunir as provas para inocentar seu irmão. O importante é que o advogado do Diogenes Club pode orientá-los na direção certa. — Crowe mudou a expressão. — O que me preocupa agora é que as pessoas que incriminaram o Sr. Holmes ainda estão por aí, e não sabemos quais são seus motivos ou o que podem tentar da próxima vez.

— Acha que eles podem tentar incriminá-lo por *outro* assassinato?

Crowe não se alterou.

— Não podemos excluir essa possibilidade, mas, tendo sido inocentado de um crime, presumindo que seja, é pouco provável que outra acusação valha de algo. Há um ditado que repetíamos durante a Guerra entre os Estados: a primeira vez é acaso; a segunda é ação do inimigo. Até a polícia vai concordar com isso. Não, acho que precisamos nos preparar para outra coisa. Alguma outra trama.

— Então, o que vamos fazer? Como vamos proteger Mycroft?

Crowe olhou para Sherlock por um instante. Seus olhos azuis pareciam enganosamente serenos, mas Sherlock sabia que analisavam tudo.

— Você é muito leal ao seu irmão, não é? Alguns garotos da sua idade simplesmente deixariam os mais velhos cuidarem dos próprios assuntos, mas você não. Você quer protegê-lo.

Sherlock virou-se para Crowe não ver o brilho das lágrimas.

— Meu pai está na Índia — disse ele depois de um instante —, e minha mãe está doente. E nossa irmã... bem, ela não está em condições de ajudar ninguém. Mycroft é tudo que tenho, e eu sou tudo que ele tem. Temos que cuidar um do outro. — Ele sorriu, apesar de tudo. — E você deve ter notado que Mycroft não é uma pessoa particularmente ativa ou ágil. Precisa de ajuda até para ir de um lado a outro da cidade. — Ele riu. — Ouvi dizer que uma vez ele foi convidado para uma refeição na casa de alguém no interior. Normalmente ele não aceitaria convites para eventos sociais, mas o dono da casa tinha uma adega excepcional e um cozinheiro famoso pela qualidade de suas sobremesas, por isso Mycroft fez um esforço naquele caso em especial. Alugou uma carruagem para ir à estação, lá embarcou em um trem para a viagem de uma hora, e depois conseguiu uma charrete para transportá-lo pelos últimos sete ou oito quilômetros da estação até a casa. O último trecho da jornada era uma breve subida até a porta da frente, mas ele olhou para a encosta, deu meia-volta e pediu ao condutor que o levasse de volta à estação. Mycroft é esse tipo de pessoa. Tem uma inteligência fenomenal, mas não é prático.

— E você o ama.

— Ele é meu irmão. É claro que o amo. — Desconfortável com a conversa pessoal sobre sentimentos, Sherlock olhou para Crowe e perguntou: — Você tem um irmão?

O rosto do tutor assumiu a rigidez de uma máscara.

— Não vamos falar sobre isso — respondeu ele, a voz áspera como o atrito entre duas pedras.

Houve um breve silêncio enquanto eles comiam. Depois de um tempo, Crowe olhou em volta e apontou para um jovem garçom que servia uma família em uma mesa próxima.

— Vamos ver quanto você se lembra do que ensinei recentemente. O que pode me dizer sobre ele?

Sherlock refletiu.

— Eu me lembro dele da última vez que estivemos aqui. — Ele observou o rapaz da cabeça aos pés. — O uniforme está um pouco curto nele, e a calça foi remendada várias vezes. É evidente que a usa há um bom tempo sem substituí-la. Ou o salário é baixo, ou ele gasta seu dinheiro com outras coisas. Por outro lado, os sapatos são novos e brilhantes, o que contradiz as evidências do uniforme. — Sherlock olhou com mais atenção para o rosto e o cabelo do garçom. — Ele está usando óleo de Macassar no cabelo. — Farejou o ar. — Sim, sinto cheiro de jasmim, laranja e coco. Óleo de Macassar não é barato, e presumo, portanto, que ele gasta a maior parte do salário com coisas que o tornam atraente para as mulheres, como óleo para cabelo, sapatos e, imagino, as roupas que veste quando não está trabalhando. Tudo isso sugere que não é casado. — Sherlock deu de ombros. — Acho que é isso.

— E se eu disser que ele foi condenado por furto três vezes e já foi preso? — revelou Crowe. — Soube disso pelo porteiro. O gerente do hotel o contratou porque é filho de sua irmã.

Sherlock olhou para o garçom com mais atenção.

— Ele está *mesmo* passando muito tempo perto do pai daquela família — disse. — Talvez esteja esperando uma oportunidade para roubar alguma coisa de seu bolso.

Enquanto Sherlock observava, o garçom derrubou uma faca. Com um pedido de desculpas murmurado à família, ele se abaixou para pegá-la.

— Veja! — apontou Sherlock com urgência. — Acho que ele fez aquilo de propósito. Enquanto todo mundo se distrai com a faca, vai pegar alguma coisa do bolso do paletó daquele senhor!

— Na verdade — admitiu Crowe—, ele nunca foi condenado por furto. Eu inventei essa história. Ele canta em um coral na Abadia de Westminster, embora seja mesmo sobrinho do gerente.

Confuso, Sherlock olhou de novo para a cena à mesa. O que há momentos parecia suspeito agora era uma atividade perfeitamente inocente. O garçom levantou com a faca na mão.

— Isso é verdade? — perguntou ele.

— Não. Inventei também. Na verdade, ele esfaqueou um homem durante uma briga em uma taverna no ano passado, mas o caso foi encerrado por falta de testemunhas dispostas a depor contra ele.

O mesmo cenário — mesa, família reunida, garçom solícito — agora adquiria um significado completamente diferente para Sherlock. O garçom agora parecia segurar a faca de um jeito ameaçador, aproximando-a do pescoço do cliente.

— Isso também não é verdade, é? — perguntou ele, irritado.

— Não — Crowe respondeu. — A verdade é que não sei nada sobre o garçom, apenas o pouco que se pode observar por suas roupas, pelo cabelo e pelas mãos. Nada sei sobre sua história. O que quero demonstrar é que todos nós vemos alguma coisa diferente dependendo dos rótulos que atribuímos às coisas, e tais rótulos são baseados no que sabemos, ou no que *pensamos* saber. A mente treinada rejeita rótulos convenientes e age baseada em fatos reais e deduzidos. A mente treinada também tira proveito de como outras pessoas fazem suas deduções a fim de guiá-las em direções específicas e induzi-las a tomar determinadas atitudes.

Sherlock se preparava para perguntar a Crowe mais sobre essa interessante revelação de que uma pessoa podia manipular o pensamento das outras a partir das palavras que escolhia usar quando uma voz familiar os chamou.

— Sherlock, Sr. Crowe... Posso me juntar a vocês?

— Mycroft! — gritou Sherlock.

Seu irmão se aproximou sem pressa da mesa em que estavam. Mycroft estava imaculadamente arrumado como sempre, com terno e colete bem passados e chapéu escovado à perfeição, mas sua pele estava pálida e os olhos eram os de um homem que recentemente vira coisas que desejava esquecer.

— Sr. Holmes — disse Crowe, levantando-se —, sente-se, por favor. Quer um café, ou talvez um chá?

— Chá seria excelente — respondeu Mycroft, acomodando-se em uma cadeira que parecia absolutamente imprópria para sustentar seu peso. — Um café da manhã seria ideal.

— Pensei que já houvesse tomado o café com seu advogado — comentou Sherlock.

Mycroft olhou para o irmão com ar solene.

— Se existe uma nova lei proibindo o consumo de mais de um café da manhã por dia, eu a desconheço — disse ele. — A bem da verdade, o que tomei nem merece ser chamado dessa forma. A torrada estava úmida, o bacon, mole, e o chouriço, crocante demais. A geleia, nem vou comentar. Ausento-me do

Diogenes por um dia e o lugar começa a desmoronar. Aquela comida só serviu para aguçar meu apetite para um *verdadeiro* café da manhã, o que espero encontrar aqui.

Crowe chamou o garçom e pediu outro prato e um bule de chá. Mycroft seguiu a direção de seu olhar e encarou o garçom por um momento.

— Noruega? — perguntou a Crowe.

— Finlândia.

— Sim, é claro. — Mycroft balançou a cabeça. — O pouco tempo que passei na prisão prejudicou um pouco minhas habilidades dedutivas.

Crowe percebeu que Sherlock o observava.

— Sei que disse não saber nada sobre ele, mas isso também foi uma mentira. A família do rapaz é da Finlândia, dá para perceber pelo corte de cabelo.

— Por que mentir *de novo*? — protestou Sherlock.

— É um fato estranho da vida — comentou Crowe — que, se um inglês descobre que alguém mentiu uma vez, ou até mesmo duas ou três, ele presume que depois a pessoa dirá a verdade. Tem algo a ver com a imprópria noção de honestidade britânica, imagino. Na verdade, se um homem mentiu uma vez, é provável que minta frequente e repetidamente.

Mycroft olhou para Sherlock.

— Soube que houve um incidente... desagradável — disse ele. — Alguma coisa a ver com uma ave de rapina. Você está bem?

— Estou. E você?

Mycroft deu de ombros.

— Pelo menos agora posso dizer que vi como vivem as pessoas mais pobres, embora não me sinta edificado pela experiência. Meu advogado espera que as acusações sejam retiradas até hoje à tarde.

— Tem alguma ideia de por que foi o alvo disso? — perguntou Crowe.

— Não existem muitas possibilidades — respondeu Mycroft. — É possível que alguém quisesse se vingar de mim por algum motivo, mas não consigo pensar em quem ou o quê. Um cenário mais possível é que alguém tenha tentado me distrair de eventos que estão para acontecer, ou de alguma coisa que me seria apresentada e que me obrigaria a agir. — Ele olhou para Sherlock. — Sabe que trabalho para o Ministério das Relações Exteriores. O Governo tem muitos especialistas em vários campos, mas me considero um generalista. Fatos e especulações de todos os tipos passam por mim, e procuro padrões e conexões entre coisas aparentemente distintas. A política externa se faz frequentemente com base nessas conexões.

— Alguma coisa chamou sua atenção? — perguntou Crowe.

— Eu não devia discutir questões do Governo fora de Whitehall — murmurou Mycroft. — Ah, aí está meu café.

O garçom pôs o prato na frente dele e removeu a tampa de metal. O rosto de Mycroft se abriu com um sorriso quando ele viu a seleção de alimentos.

— Esplêndido! — exclamou. — Uma combinação perfeita, perfeitamente preparada. Meus elogios para o *chef*. — Quando o garçom se afastou, ele continuou: — Sim, como eu estava dizendo, não devia estar discutindo assuntos do Governo fora de Whitehall, especialmente com um homem que é leal a outro país, mas acredito, tomando por base o longo tempo em que nos conhecemos, que posso confiar em você para guardar um segredo, Sr. Crowe. — Ele espetou um cogumelo com o garfo e o levou à boca. — Ah, perfeito. — Ele fechou os olhos e mastigou. — Sim — continuou, abrindo os olhos em seguida —, onde estávamos? Há vários incidentes internacionais que no momento podem estar relacionados a essa questão, mas o que acredito ser mais provável é relativo à recente venda de uma grande extensão de terra para o seu país, Sr. Crowe.

Crowe levantou uma sobrancelha.

— Não tenho conhecimento sobre esse assunto, Sr. Holmes.

— Não me surpreende; a notícia não foi exatamente manchete dos jornais. Deixe-me resumir: em algum momento do ano que passou, uma vasta extensão de terra foi vendida para o governo norte-americano pela soma de sete milhões e duzentos mil dólares, valor a ser pago em ouro. O terreno era tão grande que, segundo meus cálculos, o preço por acre foi aproximadamente dois centavos, o que me parece uma pechincha. A terra fica a noroeste do continente norte-americano, limitada pelo Canadá a leste, pelo oceano Ártico ao norte e pelo Pacífico a oeste e ao sul.

— A quem pertencia esse território antes? — perguntou Sherlock.

— Uma questão muito pertinente. A Rússia, cujo império se localiza do outro lado do estreito de Bering, nome dado àquela parte do oceano Pacífico, era a antiga proprietária, embora houvesse e ainda haja várias tribos indígenas.

— Qual é o nome desse lugar?

— Os russos chamam de Alyeska — respondeu Mycroft —, mas o governo norte-americano parece ter escolhido o nome de Departamento do Alasca.

— Então, temos a venda de um território — resumiu Crowe. — Isso acontece o tempo todo nos Estados Unidos. Eu mesmo tenho um terreno em Albuquerque, que alguns conhecidos administram enquanto estou fora. Qual é o problema?

Mycroft suspirou.

— O problema é que a transação pode não ter sido inteiramente legítima.

Houve um momento de silêncio na mesa, enquanto os outros dois avaliavam a importância do que Mycroft acabara de dizer.

— Como isso é possível? — perguntou Sherlock, finalmente. — Com certeza, os governos russo e americano têm consultores legais para analisar os detalhes dos contratos, não?

— Não é tanto a validade do contrato, mas o fato de nenhum pagamento ter sido realizado até agora, o que torna a venda legalmente dúbia.

— A questão — disse Crowe, pensativo — seria: mais alguém quer o Alasca? Se não quer, isso se torna irrelevante, e os russos vão ter de esperar pelo dinheiro sentados.

Mycroft pôs um pedaço de chouriço em uma fatia de torrada e levou a comida à boca. Por um minuto ele mastigou satisfeito e em silêncio, com um sorriso de felicidade nos lábios.

— É aí que tudo se torna mais complicado e mais pessoal — falou ele finalmente. — Tenho, já há algum tempo, um "homem" em Moscou. Digo que ele é *meu* homem porque, apesar de ser pago pelo Ministério das Relações Exteriores, ele se reporta diretamente a mim e a ninguém mais.

— Presumo que queira dizer que ele está lá fingindo ser uma coisa, mas, na verdade, fazendo outra? — indagou Crowe.

— Ele está lá como jornalista, e é um bom jornalista, mas, além desse trabalho, também me envia informações sobre o que o czar e sua corte estão fazendo. — Mycroft suspirou e empurrou o prato. — Hoje cedo, analisando as mensagens recentes, que chegaram enquanto eu estava na delegacia de Bow Street, encontrei duas relacionadas a esse homem. A primeira foi enviada por ele e relatava que o embaixador espanhol na corte do czar Alexandre II havia feito uma contraproposta pelo Alasca de mais de dez milhões de dólares americanos, a serem pagos de pronto, em ouro, mediante a assinatura de um tratado. A segunda mensagem era de um membro da equipe diplomática britânica em Londres. Informaram-me que meu homem, meu agente, havia desaparecido. — Ele levou a xícara de chá aos lábios, depois a pousou novamente. — O czar tem uma polícia secreta também, além da força policial normal. Ela é conhecida como a Terceira Seção da Chancelaria Particular de Sua Majestade Imperial; não é um título muito atraente, mas é bastante russo. O homem no comando é o conde Piotr Andreievitch Chuvalov. Eu o conheci na França há alguns anos, nós nos demos bem. Mas não importa; o Departamento Um da Terceira Seção lida com crimes políticos e o Departamento Três, com estrangeiros. Suspeito fortemente de que meu agente tenha caído nas mãos de um desses departamentos e tenha sido levado no meio da noite.

— Czar — repetiu Sherlock no silêncio que se seguiu. — É como um rei ou imperador?

— De certa forma — respondeu Mycroft, abandonando os pensamentos sombrios. — Porém, é uma palavra impossível de traduzir. Deriva, por mais estranho que pareça, do latim *Caesar*. — Ele balançou a cabeça. — Os russos são muitíssimo formais com relação a títulos e assuntos assim, mais ainda do que nós, ingleses. A última correspondência diplomática que vi da corte do czar começava com, se bem me lembro... — Ele fechou os olhos. — "Nós, Alexandre Segundo, pela graça de Deus, imperador e autocrata de todas as Rússias, de Moscou, Kiev, Vladimir, Novgorod, czar de Kazan, czar de Astracã, czar da Polônia, czar da Sibéria, czar de Quersoneso Táurico, czar da Geórgia, lorde de Pskov e grão-duque de Smolensk, Lituânia, Volhynia, Podolia e Finlândia, príncipe da Estônia, Livônia, Curlândia e Semigola, Samogícia, Belostok, Carélia, Tver, Yugra, Perm, Vyatka, Bulgária e outros territórios; senhor e grão-duque de Níjni Novgorod, soberano de Chernihiv, Riazan, Polatsk, Rostov, Iaroslavl, Beloozero, Udoria, Obdoria, Kondia, Vitebsk, Mstislavl e todas as regiões setentrionais; soberano de Iveria, Kartalinia e das terras dos Kabardinos e dos territórios da Armênia; hereditário senhor e governante da Circássia e das montanhas Princes e outras; senhor do Turquestão, herdeiro de Noruega, duque de Schleswig-Holstein, Stormarn, Dithmarschen, Oldemburgo, e assim sucessivamente, e assim sucessivamente, e assim sucessivamente." — Mycroft abriu os olhos de novo e respirou fundo. — A saudação era mais longa que o restante da carta. Não é surpreendente que a maioria dos diplomatas não goste de ser enviada a Moscou. Eles precisam decorar tudo isso.

— Você decorou — ressaltou Sherlock.

— Sim — concordou Mycroft, surpreso —, mas eu sou Mycroft Holmes.

— Vamos direto ao ponto — interrompeu Crowe. — Quais serão as consequências se a venda do Alasca para os Estados Unidos não der certo e a Espanha ficar com o território? Por que isso nos interessa?

— Isso desestabiliza a região — disse Mycroft simplesmente. — O Canadá é um país novo e frágil. A França já exerce forte influência na região de Quebec, e a Grã-Bretanha tem o controle da Colúmbia Britânica. Se a Espanha conquistar o controle do Alasca, estaríamos reproduzindo em outro continente todos os problemas que já vivemos aqui na Europa. Pense nas guerras que aconteceram entre França, Inglaterra e Espanha nos séculos XVI e XVII. A última coisa que queremos é que isso ocorra novamente. Quer saber o que vai acontecer se a Espanha conseguir o controle do Alasca, Sr. Crowe? A resposta é guerra, e uma guerra que vai dividir os Estados Unidos pela necessidade de decidir a quem se aliar!

Crowe assentiu devagar.

— Entendo — disse ele. — Aperte vários países na mesma região dessa maneira, e você terá problemas. É como ter três ou quatro famílias morando juntas em uma casinha. É claro que haverá desentendimentos.

— Estabilidade é algo que nos interessa — comentou Mycroft. — E, quando digo que *nos* interessa, refiro-me a você e a mim. Estados Unidos e Grã-Bretanha. Como deve ser claro, a Grã-Bretanha vem se desfazendo de várias colônias ao longo da última década. Nossas colônias no Canadá tornaram-se um país, e espero que a Colúmbia Britânica seja libertada para se juntar a elas no futuro próximo. Estamos fazendo o melhor que podemos para construir estabilidade na região. Se Espanha, França ou qualquer outro país interferir, haverá perturbações que vão afetar a paisagem política e geográfica por centenas de anos.

— Tudo isso — disse Crowe — está fora do meu alcance. Não sou político e não tenho nenhuma intenção de ser.

— É melhor não — murmurou Mycroft. — Já vi você negociar. Punhos não são considerados armas da diplomacia.

— Ah, não sei — ponderou Crowe. — Clausewicz não disse que a guerra é uma continuação das relações políticas?

— Sim — reconheceu Mycroft, contrariado —, mas ele era alemão.

— Então, o que tudo isso significa para nós? — perguntou Crowe. — Acredita que as pessoas que tentaram incriminá-lo são agentes da Espanha?

— É possível, mas improvável. — Mycroft balançou a cabeça. — Por que a corte da Espanha desejaria esconder o fato de ter feito uma contraproposta, a menos que as negociações estivessem em um estágio particularmente delicado? Não consigo vê-los cometendo um assassinato por isso. Poderiam ter sido os próprios russos, mas, novamente, por que desejariam esconder que as negociações estão em curso? — Ele pensou por um momento, enquanto coçava o queixo. — A menos que o czar não queira que o governo norte-americano saiba que está em contato com os espanhóis, considerando que a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos pode de repente aprovar a liberação dos sete milhões de dólares em ouro e, assim, prejudicar os planos de obter mais dinheiro com outro comprador. Tudo isso se baseia no fato de o acordo original estar, na melhor das hipóteses, incerto até o pagamento ser feito.

— Há outra possibilidade — murmurou Crowe.

— Sim — confirmou Mycroft —, há. Elementos de seu próprio governo podem estar tentando evitar notícias da incerteza na compra do território até que o acordo seja concluído, até que o ouro seja transferido para o czar.

Crowe deu de ombros.

— Não vou defender meu governo. Sei que já tomou decisões muito estranhas ao longo dos anos.

— Ou — interferiu Sherlock, sentindo que tinha de dizer alguma coisa — pode ser outra pessoa.

— Uma terceira parte? — perguntou Crowe.

— Quarta — corrigiu Mycroft. — Além de russos, norte-americanos e espanhóis.

— Quinta — corrigiu Sherlock. — Você também está envolvido, o que significa que a Grã-Bretanha também está.

— Entendo por que a diplomacia é tão complicada — comentou Crowe sorrindo. — Mas tudo isso é irrelevante para nós, com certeza. Você percebeu o que está acontecendo e vai adotar uma atitude diplomática. É pouco provável que haja outro ato contra você, Sherlock, ou até mesmo contra mim. Quem tentou incriminá-lo terá de perceber que você voltou ao seu escritório, viu os relatórios e chegou às conclusões acertadas.

Mycroft balançou a cabeça devagar.

— Não é tão simples. Para começar, meus superiores não estão propensos a aceitar minha palavra em uma questão de importância tão grande. Eles vão verificar tudo, o que pode levar meses ou anos. E perdi minha principal fonte de informação na Rússia. — Ele ficou melancólico. — Tenho de descobrir o que aconteceu, devo isso ao meu agente. Se ele está preso em uma cela da Terceira Seção, posso ao menos tentar tirá-lo de lá. Se está morto, posso tentar levar os assassinos à justiça, ou ao que a corte do czar chama de justiça.

— Você deve ter mais agentes em Moscou, não? — perguntou Crowe. — Eles podem cuidar disso.

— Não tenho ninguém de minha confiança em Moscou. Terei de ir pessoalmente até lá, assim que as acusações contra mim forem retiradas.

CAPÍTULO NOVE

UM SILÊNCIO CHOCADO PAIROU NA mesa.

— Você vai a *Moscou*? — perguntou Sherlock, perplexo. — À *Rússia*?

— Receio que sim — respondeu Mycroft.

— Mas você fica com vertigem se passa da Oxford Street!

Mycroft sorriu, mas era um daqueles sorrisos nos quais o humor é só um fino verniz sobre um sofrimento profundo.

— O fato de não *desejar* ir à Rússia não importa. Eu *devo* ir. Eu *preciso* ir. Meu conforto é irrelevante.

— Não entendo — insistiu Sherlock.

— Eu entendo. — Amyus Crowe assentiu lentamente. — Como pode esperar que seus subordinados confiem em você, que sigam suas instruções, se acreditam que vai abandoná-los na primeira vez que tiverem problemas?

— É exatamente isso. Meus agentes do outro lado do mundo precisam saber que não sou apenas um líder quando o tempo está bom. Quando cair a tempestade, e ela inevitavelmente vai cair, estarei com eles na chuva. — Ele estremeceu. — Por mais desconfortável que isso possa ser.

— E você está curioso — arriscou Sherlock.

— Curioso?

— Quer saber a verdade. Quer saber quem tentou incriminá-lo pelo assassinato e qual é a real situação nessa negociação de território.

Mycroft deu de ombros.

— Confesso que quero saber qual é o real estado da situação. Não gosto de incerteza. É como ter uma dor de dente irritante.

Do outro lado do restaurante, a família que Sherlock estivera observando antes deixava a mesa. Ele os estudou por um momento. A mãe verificava se todos os filhos haviam abotoado o casaco corretamente, enquanto o pai esperava, atento. Eles agora iriam visitar pontos turísticos de Londres ou visitar parentes? Talvez tivessem apenas parado em Londres a caminho de outro lugar e estivessem indo diretamente a uma das principais estações para pegar um trem. Quaisquer que fossem os planos, Sherlock sentia inveja. Não conseguia se lembrar de um tempo em que sua família tivesse sido assim, normal, comum. Com o pai fora, a serviço do exército na maior parte do tempo, e a mãe presa à cama, nunca houvera um tempo em que todos se sentaram à mesa para ser apenas... uma família.

— Então, não o verei por um tempo, como também não verei nosso pai — sussurrou ele.

— A menos que venha comigo.

Pela segunda vez em poucos minutos, Sherlock ficou tão chocado que não soube o que dizer.

— Eu? — perguntou ele depois de um tempo. — Ir com você? Para a Rússia?

Mycroft olhava para os restos de comida em seu prato com saudades.

— Talvez possa explicar isso a ele — murmurou, dirigindo-se a Crowe. — Acho que terminei depressa demais.

— Não tenho certeza nem de que eu mesmo entendi. — A expressão de Crowe era severa. — Talvez você possa explicar a situação a nós dois.

— Ah, muito bem. Sherlock já está envolvido na questão. Se eu for à Rússia, a melhor maneira de me distrair, de me fazer voltar ou mesmo de me impedir de ir é ameaçando-o. Se meu irmão fosse raptado, e se um pedaço de sua orelha ou seu dedo mínimo me fosse enviado, então eu me sentiria incapaz de continuar a investigação. Preciso garantir a segurança de Sherlock e, por conseguinte, preciso que fique comigo.

Sherlock tocou uma das orelhas. Não gostava da ideia de tê-la cortada e mandada a Mycroft como um aviso.

— Você não é exatamente um homem de ação — apontou Crowe. — Tem certeza de que poderia lutar contra eventuais agressores?

— Vou recrutar ajuda — disse Mycroft, irritado. — Pretendo levar um de meus agentes comigo para nos proteger. E camuflagem. E nós três viajaremos juntos.

— O que quer dizer com “camuflagem”? — perguntou Sherlock.

Ainda tentava assimilar a enormidade da notícia de que Mycroft queria que fosse à Rússia. Não sabia qual ideia era mais inacreditável: ir à Rússia ou viajar com Mycroft.

— Significa que vamos viajar incógnitos, disfarçados. Um oficial de relativa importância do Ministério das Relações Exteriores não pode simplesmente entrar na Rússia sem aviso, não sem causar um incidente internacional. Não, temos de usar nomes falsos. Precisamos de histórias falsas. Temos de fazer parte de um todo, de um cenário maior, de forma que ninguém preste muita atenção a nós.

— E você já decidiu qual todo será esse — afirmou Crowe.

— Sim. Pensei em um plano enquanto estava na carruagem, no trajeto do Diogenes Club até aqui.

— Você alugou uma carruagem? — protestou Sherlock. — Mas são menos de dez minutos a pé! Dois minutos a cavalo!

— Exatamente. Tempo suficiente para pensar um pouco. Se viesse a pé, teria me preocupado tanto em me desviar de outros pedestres, cavalos e outros obstáculos que não teria tempo para pensar em nada.

— E qual é o plano? — perguntou Crowe.

Mycroft espetou um pedaço de salsicha com o garfo.

— Há algumas semanas, recebi um pedido de autorização de uma trupe de teatro britânica para viajar a Moscou e fazer uma série de apresentações para as grandes famílias russas. Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, esse tipo de coisa. Dei permissão aos artistas porque a visita havia sido solicitada por intermédio da embaixada russa, e porque vão melhorar as relações culturais entre nosso país e a Rússia. Bem, pelo menos se as apresentações forem tão boas quanto os relatórios indicam. Na semana passada ouvi dizer que a viagem talvez tenha de ser cancelada, porque o gerente geral da companhia adoeceu e foi hospitalizado para tratar de um problema cardíaco. Além disso, o principal violinista da orquestra foi preso por beber e se comportar mal. Suponho que o trabalho de um gerente geral não seja tão difícil, consistindo basicamente em garantir que todos estejam onde devem estar e que todas as contas sejam pagas pontualmente.

— E o violinista? — perguntou Crowe. — Como vai recrutar um substituto?

— Um de meus agentes sabe tocar violino mais ou menos bem — respondeu Mycroft. Ele parecia estar muito atento ao prato. — Vou recrutá-lo para ir conosco.

— E quanto a mim? — perguntou Sherlock.

— Faz-tudo geral e assistente de coxia. Pelo que ouvi dizer, sempre falta mão de obra nos bastidores quando o grupo está em turnê.

— Mas... — Sherlock não conseguia controlar a rapidez dos próprios pensamentos. — Mas quando? Como?

Mycroft enfiou um pedaço de salsicha na boca e mastigou.

— Com relação ao “quando” — respondeu ele depois de um tempo —, sugiro que partamos assim que todas as providências tenham sido tomadas com a companhia de teatro. Acredito que vão ficar muito agradecidos pelo Ministério das Relações Exteriores ter se empenhado em garantir a turnê providenciando os substitutos necessários. Os planos para a viagem dos artistas já foram feitos. Segundo me lembro, eles planejavam partir daqui a poucos dias, e estavam prestes a mandar uma carta para o anfitrião informando sobre a necessidade de cancelamento. Vamos esperar que ainda não tenham enviado a carta, ou terei de pensar em outra estratégia. E, quanto ao “como”, a intenção é viajarmos até a França e seguirmos de trem de lá até Moscou atravessando o continente. Serão quatro ou cinco dias de viagem, imagino.

Ele pegou uma torrada e passou manteiga nela.

— Informarei a nossos tios que vamos viajar juntos pelo continente por algumas semanas. Tenho certeza de que vão entender. Viajar engrandece a mente. Vou tomar as providências, e sugiro que você, Sherlock, vá até Charing Cross Road e procure alguns livros sobre história e cultura russa. Eles são muito diferentes de nós; mais que os norte-americanos, certamente.

Mycroft olhou para Crowe.

— Mas deixe-me contar alguns fatos que podem ser úteis — prosseguiu. — A Rússia é o maior país do mundo. Se medíssemos sua área em um globo, descobriríamos que ela ocupa quase um sétimo da terra disponível, mas a maior parte desse território é composta por prados congelados, a tundra, como chamam. Estimamos que o czar governe sessenta e cinco milhões de súditos, um número atordoador, especialmente quando pensamos que essas pessoas pertencem a cento e sessenta raças ou tribos distintas, com cento e dez idiomas ou dialetos diferentes e trinta e cinco religiões. A Rússia é, para todos os efeitos, um mundo em si mesma. É para esse lugar que nós vamos.

— Mas... — começou Sherlock. — Mas eu nem falo russo!

— Isso não vai ser problema — assegurou Mycroft. — Fui informado de que a maioria das casas de situação confortável, inclusive a corte do czar, fala francês. Eu falo francês fluentemente, e creio que seu domínio da língua também melhorou desde que chegou aqui. Vamos conseguir nos comunicar.

Sherlock olhou para Amyus Crowe.

— Mas e o Sr. Crowe? Ele não fala francês.

— Não, e seu inglês também é meio suspeito — resmungou Mycroft. Ele olhou para Sherlock sem esconder uma emoção que o menino não entendeu de imediato, mas reconheceu alguns segundos depois como pena. — Receio que o Sr. Crowe não vá nos acompanhar nessa viagem. Seremos apenas você, eu e o violinista que pretendo recrutar.

— Mas por quê?

— Como você mesmo apontou, o Sr. Crowe não fala francês ou russo. Não possui nenhuma habilidade que poderia ser útil em uma companhia de teatro em excursão. Precisaria levar a adorável Virginia, o que aumentaria nosso grupo para cinco pessoas, ou então teria de providenciar que alguém cuidasse dela por várias semanas. Além disso, ele se destaca em uma multidão, e considerando que nossa intenção é nos mantermos incógnitos, isso seria um problema.

— Não se preocupe — disse Crowe —, eu não esperava ir nessa viagem. Vá você e divirta-se.

Sherlock sentiu-se aflito.

— Mas eu *quero* que você vá conosco.

— O problema é que a vida raramente nos dá o que queremos — disse Mycroft —, e até o que precisamos. Já ouvi dizer que o Senhor não nos dá nada com que não possamos lidar. De acordo com minha experiência pessoal, isso não é verdade, e sim um simples mecanismo que ajuda as pessoas religiosas a aceitarem o inaceitável. A vida é dura, e não temos a esperança de sobreviver a ela.

— Vejo que as lições continuam — Crowe falou em voz baixa.

Mycroft o encarou.

— O menino precisa aprender em algum momento.

Crowe respirou fundo, obviamente ansioso para mudar de assunto.

— E quanto ao museu? Vai haver mais alguma investigação por lá?

— Notifiquei a polícia para que possam cumprir sua obrigação nesse caso, e também iniciei algumas... investigações veladas por meio de certos braços do governo, mas suspeito que não vamos encontrar nada lá. Ou estão usando o museu como um ponto de encontro conveniente, e nesse caso só precisam ir embora para que percamos a pista, ou tinham algum tipo de escritório ali, e nesse caso apagaram todos os vestígios assim que você e Sherlock apareceram sem cuidado algum. De um jeito ou de outro, o museu não vai nos fornecer nenhuma pista. Estamos lidando com um grupo muito profissional.

— Não acha que o museu inteiro pode ser uma fachada para quem tentou incriminá-lo? — perguntou Sherlock.

— Sinceramente, duvido. O museu é uma organização beneficente acima de qualquer suspeita. Não, desconfio de que ou os vilões se encontravam lá, ou algum funcionário é membro da organização. O museu será um beco sem saída. — Ele enfiou na boca o último pedaço de torrada com manteiga, mastigou por alguns momentos e deu um suspiro satisfeito. — Agora sinto que posso começar o dia adequadamente. — Mycroft tirou um relógio do bolso do colete para ver as horas. — Mais ou menos uma hora até o almoço. Será tempo suficiente para que eu comece a preparar nossa viagem. Sherlock, Sr. Crowe, sugiro que voltemos a nos encontrar no Diogenes por volta de uma da tarde. — Levantando-se da cadeira com alguma dificuldade, acrescentou: — Talvez alguém tenha a bondade de providenciar um veículo para mim.

Enquanto Crowe e Mycroft conversavam na calçada, Sherlock afastou-se a pé. Sua cabeça fervia com as possibilidades, e queria um tempo sozinho para analisá-las.

— Ah, Sherlock!

Ele se virou e viu que Mycroft acenava para ele.

— O que é? — perguntou Sherlock, voltando ao local onde os dois homens estavam.

— Pode precisar de dinheiro. — Mycroft lhe passou três moedas. — Aqui estão três guinéus. Guarde-os em segurança e compre roupas de frio, se encontrar alguma.

Sherlock afastou-se sozinho, subiu a Picadilly Circus, passou pela Leicester Square e continuou até o fim da Charing Cross Road. As calçadas estavam cheias de gente, e cavalos, carroças e veículos de descrições variadas ocupavam as ruas. Se já se sentia oprimido em um lugar com algumas centenas de pessoas, como seria em um país com sessenta e cinco *milhões* de habitantes? E se havia sessenta e cinco milhões de pessoas só na Rússia, quantas havia no mundo inteiro? Pensar nisso o deixava tonto!

Livrarias, brechós e casas de penhor se enfileiravam nas duas calçadas, e ele passou pelo menos uma hora avaliando o conteúdo de caixas empilhadas do lado de fora de vários bazares, bem como as prateleiras e os armários lá dentro. Sherlock deixou a mente vagar, sem guiá-la a uma direção específica.

Encontrou alguns livros sobre o Império Russo, selecionou os dois mais factuais e os comprou. Também se interessou por uma caixa de maçanetas, fechaduras, cadeados e chaves, que, segundo o aviso do proprietário, estavam misturados. Não havia garantia de que qualquer uma das chaves serviria em alguma das fechaduras; o produto era aquele à vista. Sherlock considerou se, tendo diversos cadeados com que fazer experimentos, poderia aprender a arrombar fechaduras. Era um talento que poderia ser útil no futuro. Na verdade, teria sido bastante útil saber fazer isso nos últimos meses.

No fim, ele deixou a caixa de fechaduras para trás. Poderia voltar mais tarde, se decidisse comprá-las.

Continuando pela Charing Cross Road, atravessou o cruzamento de Cambridge Circus e seguiu até o começo da Tottenham Court Road. Havia ainda mais lojas, embora ali as ruas fossem mais largas e tivessem mais espaço para a movimentação de cavalos e veículos. Ele estudou uma loja de penhores sem muito interesse, sabendo que estava quase na hora de voltar, se pretendesse chegar na hora marcada no Diogenes Club. Seu olhar foi atraído por um estojo de violino em uma prateleira nos fundos.

Com cuidado, Sherlock pegou o estojo e soprou a poeira acumulada. Depois levantou a tampa e perdeu o fôlego ao ver o violino dentro da caixa. Era antigo — antigo e belo. O verniz era vermelho-escuro, marcado por uma teia de rachaduras, e as aberturas acústicas pareciam um pouco estranhas, mas havia alguma coisa no instrumento que o tocava. Algo que o chamava. Segurou o violino com a mão direita, fechando os dedos em torno do braço e apoiando o peso na palma da outra mão. O equilíbrio parecia ser melhor que o do instrumento de Rufus Stone, que Sherlock havia tocado no SS *Scotia*, a caminho

de Nova York. Ele deixou o corpo curvilíneo do violino descansar no antebraço e dedilhou as cordas. A loja se encheu de um som tristonho e duradouro. A afinação estava horrível, mas havia alguma coisa no tom, uma complexidade que o encantava. Não era um som puro, de jeito nenhum, mas era amigável e expressivo. Ele deslizou o dedo pela linha entre o topo e a lateral do violino. Parecia veludo.

— Você tem bom olho — disse uma voz seca como poeira vinda do fundo da loja.

Sherlock virou-se. Havia uma prateleira no caminho, e quando ele a contornou viu um velho tão frágil que um vento mais forte poderia carregá-lo. O homem estava sentado atrás de uma escrivaninha cheia de pilhas de livros e outros objetos. Ele usava um gorro preto e olhava para Sherlock pelos óculos equilibrados no nariz e presos por uma corrente em volta do pescoço.

— Perdão?

O homem saiu do canto escuro onde estava e parou sob um raio de sol onde a poeira dançava.

— Eu trouxe esse violino da Cracóvia há muitos anos. Meu pai ganhou-o em um jogo de cartas, acredita? Ele viajou conosco por grande parte da Europa, e agora preciso vendê-lo para comprar comida e lenha, mesmo querendo conservá-lo comigo.

— É um belo instrumento.

— Sim, é belo como minha esposa é bela, e toca como um sonho, ou pelo menos é o que me disseram os que conhecem a arte. Eu toco piano e às vezes acordeão, mas só quando bebo demais.

Sherlock olhou para o estojo.

— Tem um arco?

— Para você, sim. — O homem vasculhou as pilhas na mesa, afastando alguns livros. — Alguns dizem que o arco é tão importante quanto o instrumento. Eu não tenho certeza. O instrumento é uma obra de arte, mas o arco é só crina de cavalo. Talvez a raça do cavalo seja importante, não sei. Ah! — Ele puxou um arco de um canto escondido e o entregou a Sherlock. — Vá em frente, experimente!

Sherlock pensou nas aulas que tivera com Rufus Stone. Não praticava desde que voltara dos Estados Unidos porque não tinha um violino, mas sentia falta da disciplina das escalas repetitivas e de como a ebulição constante de sua mente se acalmava com a simplicidade da música.

Ele afinou o violino rapidamente, dedilhando as cordas algumas vezes e girando as cravelhas na extremidade do braço até obter notas corretas. Depois

apoiou o instrumento no ombro e repousou o queixo nele. Parecia natural. Parecia que seu lugar era ali.

Posicionando o arco, tocou uma nota firme em uma corda de cada vez: sol, ré, lá, mi. As notas soavam como uma voz cantando no céu. Ele tentou algumas escalas e se surpreendeu com a rapidez com que os dedos pareciam lembrar o que fazer.

Quando baixou o violino, Sherlock se espantou ao ver lágrimas nos olhos do homem.

— Há muito tempo que esse violino não era tocado — disse ele. — Tive medo de que os anos e a distância houvessem embotado o som, mas ele soa mais belo que nunca. Isso é mais do que posso dizer sobre minha linda esposa, que canta como uma gralha.

— Como é possível que diferentes violinos possam soar tão... diferentes? — perguntou Sherlock. — Quer dizer, todas as carroças são iguais. Todas têm quatro rodas e se movem quando são puxadas. É difícil escolher entre elas. Mas violinos... todos parecem ser mais ou menos iguais, mas não têm o mesmo *som*.

O homem deu de ombros.

— Faça a mesma pergunta a três violinistas, e terá quatro respostas diferentes. Alguns dizem que tem a ver com a madeira de que são feitos. Quanto mais densa a madeira, melhor, dizem. Outros afirmam que a madeira puxada por barcos pelo mar Adriático passando por Veneza confere um tom mais doce. Há ainda os que dizem que não tem nada a ver com a madeira, mas sim com o verniz e os ingredientes secretos que os criadores do violino misturam a ele. Eu acho que tem a ver com amor. Um instrumento feito pelo dinheiro vai soar — o homem balançou a mão de um lado para o outro de maneira expressiva — aceitável, mas um instrumento feito pelo simples amor de produzi-lo... esse terá um som lindo.

— Sabe quem fez este aqui?

— Não. Ele chegou à minha família sem apresentações ou propaganda. Mas há muito amor nele, junto com a madeira, a cola e o verniz, isso eu posso dizer.

— Quanto... — Sherlock parou e engoliu em seco. — Quanto custa?

— Setenta xelins — respondeu o velhinho prontamente. — Mas, como você aprecia um bom instrumento, vendo por sessenta e cinco.

— Posso lhe oferecer quarenta e cinco xelins — respondeu Sherlock, nervoso, sabendo que tinha no bolso três libras e três xelins, que somavam sessenta e três xelins, portanto. Mas queria ficar com algum dinheiro, caso algo inesperado acontecesse.

O homem inclinou a cabeça para o lado.

— Eu mencionei a comida e a lenha que preciso comprar para minha família?

— Sim. Quarenta e cinco xelins — repetiu Sherlock com firmeza.

— Você é um menino com coração de pedra. Cinquenta e sete xelins, não menos.

— Cinquenta — disse Sherlock. Estava ofegante.

O homem suspirou.

— Talvez eu deixe a lenha para outro dia. Hoje à noite podemos comer carne e sopa fria. Cinquenta e cinco.

— Fechado.

Eles trocaram um aperto de mão solene, e Sherlock devolveu o violino ao estojo. Depois entregou-lhe três moedas de um guinéu. O velhinho devolveu cinco xelins de troco.

— Cuide bem dele — recomendou o homem —, e se conseguir descobrir mais alguma coisa, volte para me contar. Eu gostaria de saber.

— Farei isso.

A porta da loja se abriu, e uma sombra se desenhou no chão. Uma prateleira escondia a entrada do fundo da loja, por isso Sherlock e o proprietário não conseguiram ver quem havia entrado. Porém, antes que o velhinho pudesse dizer algo, Sherlock ouviu uma voz falar:

— Ele entrou aqui! Juro que entrou!

— Devia ter entrado na hora e pegado o garoto — respondeu outra voz mais profunda, soando como tijolos sendo friccionados. — Não devia ter me esperado.

— E se não fosse ele?

— Então outra família ficaria de luto esta noite.

CAPÍTULO DEZ

A MÃO DO VELHO POUSOU no ombro de Sherlock.

— Tem uma porta nos fundos — sussurrou ele. — Ela dá em uma viela. Vá; você tem minha bênção.

— Ele pode estar lá no fundo — disse a primeira voz.

Sherlock agradeceu com um breve aceno, e o dono da loja arrastou os pés até as prateleiras.

— Está procurando livros, talvez? Sobre boxe, a julgar por suas orelhas. Ou luvas para proteger as mãos?

— Procuramos um menino que entrou aqui — respondeu o de voz mais áspera.

— Não deixo meninos entrarem na loja — disse o velho. — Eles roubam. São ladrões, todos eles.

— Mas eu vi um entrar...

As vozes ficaram para trás quando Sherlock atravessou o apertado depósito atrás da loja até uma porta que se abria para uma viela cheia de lixo perpendicular à avenida do outro lado. Ele olhou para os dois lados. Não havia ninguém. Sherlock correu o mais rápido que foi capaz de volta para Charing Cross Road, com o coração martelando no peito e o estojo do violino batendo em suas pernas.

Bem, isso respondia pelo menos a uma pergunta. Quem havia armado aquela cilada para Mycroft ainda estava interessado neles.

Mantendo-se em meio à multidão e sempre atento às pessoas ao seu redor, Sherlock atravessou Londres de volta ao Hotel Sarbonnier. Quando chegou lá, os pulmões ardendo pelo esforço da corrida, encontrou Mycroft conversando com um homem enorme, que parecia ainda maior por causa do volumoso casaco que usava. Seus ombros, pensou Sherlock, eram tão largos que o faziam parecer um armário. O abundante cabelo vermelho não ficava só na parte de cima da cabeça: transformava-se em exuberantes costeletas, um bigode extravagante e uma vasta barba retangular.

— Ah, esse é o Sr. Kyte — disse Mycroft, interrompendo a conversa. — Ele é gerente e diretor de elenco da Companhia Teatral Kyte. Sr. Kyte este aqui é meu... pupilo... Scott Eckersley.

Ele lançou a Sherlock um olhar de advertência, mas o menino já havia compreendido que ele, e provavelmente também Mycroft, usava um nome falso.

— É um prazer conhecê-lo, senhor — respondeu Sherlock, apertando a mão do homem.

O dorso das mãos do Sr. Kyte era coberto por pelos castanho-avermelhados, e as palmas fizeram cócegas nas mãos de Sherlock, como se também nascessem pelos nelas.

— O prazer é meu, filho. — A voz dele era um chiado profundo. — O Sr. Sigerson aqui me contou que você é muito bom com cordas e cenários.

— Isso eu sou, senhor — respondeu Sherlock, com animação.

Por dentro, tentava descobrir do que o sujeito estava falando. Ele olhou para o rosto do Sr. Kyte. Havia algo estranho nele, uma série de pequeninos cortes em torno dos olhos, nariz e bochechas. Como aquilo havia acontecido?

— Muito bom. Muito bom mesmo. Bem, apareçam no teatro mais tarde para conhecer o elenco e a equipe. — Ele olhou para Mycroft, ou Sr. Sigerson, como Sherlock agora precisava chamar. — Mais uma vez, obrigado por se juntar à nossa equipe tão variada. Tenho certeza de que será uma aventura digna de contar aos netos!

— Realmente — concordou Mycroft. — É muito improvável que eu tenha netos, mas, por precaução, farei copiosas anotações.

O Sr. Kyte partiu, e Sherlock olhou para Mycroft.

— Sr. Sigerson? O filho de Siger? Não podia ter pensado em um nome melhor?

— Eu estava pensando em pé — respondeu Mycroft. — Não é a posição mais confortável para mim. — Olhou para o estojo do violino sob o braço de Sherlock. — O que é isso?

— É... um violino. Em um estojo.

— Sim, isso eu já percebi. A pergunta foi retórica. Você já estudou retórica nas aulas de grego na escola, não? A questão que ela deveria ter provocado em sua mente era: por que comprou um violino quando devia ter comprado roupas quentes, como falei?

Sherlock pensou depressa.

— Havia dois homens me procurando — disse. — Entrei em uma loja. Eles me seguiram. Precisei sair pelos fundos. Comprei o violino em um impulso porque...

— Porque precisava de alguma coisa para mudar seu perfil, para ficar diferente — concluiu Mycroft. Pelo tom de voz, Sherlock deduziu que ele estava em dúvida sobre a história. — Esse é um desenrolar preocupante: significa que ainda estão procurando por você e, portanto, pelo Sr. Crowe e por mim também. Isso torna ainda mais imperativo deixarmos Londres, na verdade, o país, e o mais depressa possível.

Enquanto Mycroft falava, Sherlock começou a se sentir desconfortável. Não havia *mentido* para o irmão, mas alterara a ordem dos acontecimentos para dar a impressão de que tivera um motivo para comprar o violino, além da paixão imediata pelo instrumento.

— Bem, suponho que possamos fazer uma fogueira com o violino, se necessário for. Quanto custou? — Ele levantou a mão. — Não, não me conte. Prefiro permanecer feliz na ignorância. Vá guardar... isso... no quarto, depois volte para almoçarmos.

— Mas você acabou de tomar café.

— Sherlock, se eu quiser ser repreendido, só preciso voltar para casa e conversar com a senhoria.

Sherlock subiu a escada rapidamente para o quarto que Amyus Crowe havia reservado para ele e deixou o violino em cima da cama. Ao sair, notou que a porta do quarto vizinho, em que Crowe estava hospedado, estava aberta. Sherlock espiou lá dentro, esperando ver Crowe, mas havia uma camareira fazendo a cama. A valise de Crowe havia desaparecido.

— Com licença... O que aconteceu com o homem hospedado neste quarto?

— Ele fechou a conta, senhor — respondeu a camareira, virando-se para se curvar numa mesura.

— Fechou a conta?

— Sim, senhor. Inesperado, é o que foi.

— Ah, obrigado.

Sherlock desceu correndo para avisar a Mycroft, mas Crowe estava no saguão do hotel, com seu casaco e a mala no chão ao seu lado.

— Ah, Sherlock, esperava vê-lo.

— Está *indo embora*?

— Não tenho o que fazer aqui. Seu irmão está tirando você das minhas mãos. Devo voltar e cuidar de Ginnie.

— Mas...

Sherlock não sabia o que dizer. Crowe estava certo.

— Exatamente. É inútil lutar contra os fatos. Não sou necessário nesta viagem. Está tudo bem, sou um homem crescido. Sei lidar com isso.

— Queria que fosse conosco.

A expressão de Crowe era severa.

— Gostaria de ir também. Tem alguma coisa estranha nessa situação toda. Acho que a mente normalmente infalível de seu irmão foi afetada por ter sido trancafiado como um criminoso comum e porque os problemas estão se aproximando demais. Não consigo deixar de achar que ele cometeu um erro de cálculo em algum lugar, mas também não consigo identificar qual foi. Acredito

que essa pequena visita à Rússia é um engano, mas não sei como convencê-lo a desistir. Já conversamos sobre esse assunto mais cedo. Ele está irredutível. Creio que o desaparecimento do agente em Moscou perturbou Mycroft mais do que ele quer admitir. — Crowe balançou a cabeça. — Nunca é fácil perder um membro da equipe. Já aconteceu comigo mais de uma vez. Mesmo assim, não entendo a necessidade de arrastar você junto.

— Mande minhas... lembranças a Virginia.

— Eu mandarei, é claro. — Crowe estendeu a mão. Sherlock a apertou solenemente, e seus dedos desapareceram entre os dele, muito maiores. — Cuide-se, e cuide de Mycroft. Ele não vai estar bem ambientado.

Um carregador do hotel se aproximou para pegar a valise de Crowe, mas ele o dispensou com um gesto.

— No dia em que eu estiver velho demais para carregar minha bagagem, então pedirei ajuda — disse. Em seguida, pegou a valise e a jogou sobre o ombro. — Vá nos visitar quando voltar. Vou querer saber tudo que aconteceu.

— Farei isso.

Sherlock ficou observando Crowe deixar o hotel sem olhar para trás. Era como se um pedaço dele houvesse sido arrancado. Sentia-se vulnerável e sozinho.

Depois de alguns instantes, Sherlock se dirigiu ao restaurante, onde Mycroft estava sentado à mesa com um linguado inteiro no prato. Ele cortava meticulosamente o peixe em filés usando garfo e faca.

— Se eu fosse o Bom Deus — disse Mycroft puxando assunto enquanto Sherlock sentava-se, desconsolado —, teria feito com que os peixes comestíveis fossem fáceis de comer. Parece uma falha de projeto que algo tão gostoso tenha tantas espinhas. Ou é para comer, ou não é; não devia haver meio-termo. — Ele levantou o olhar. — O Sr. Crowe já partiu?

— Sim.

— Bom. — Mycroft levantou com a faca uma fatia do peixe e a transferiu para o garfo cuidadosamente. — Ele não aprova meu plano de levar você para a Rússia.

— Ele disse que vocês haviam discutido.

— Sim. Ele expressou sua opinião com bastante veemência. É muito protetor com relação a você, como deve saber.

— Enfrentamos várias situações juntos nesse último ano.

— De fato. — Mycroft pôs o pedaço de peixe na boca e mastigou por um momento com os olhos fechados. — Esplêndido. O molho de manteiga negra é requintado. Preciso me lembrar deste lugar. Não fica *tão* longe do meu escritório, não a ponto de eu não poder vir almoçar aqui regularmente.

— Mycroft, tem certeza de que devemos ir disfarçados à Rússia?

— Já considerei essa questão exaustivamente, e não vejo alternativa. — Ele olhou para o relógio. — O terceiro membro de nosso grupo deve juntar-se a nós a qualquer momento. Mandei um telegrama para ele mais cedo. — Mycroft olhou rapidamente para Sherlock. — Preciso preveni-lo sobre algo. Eu disse que esse homem era um de meus agentes, e que era violinista.

— Sim?

— O que não disse é que você já o conhece.

Sherlock ouviu as palavras, mas não as compreendeu.

— Eu o *conheço*? Mas não conheço *nenhum* de seus agentes. Nunca conheci, exceto talvez o Sr. Crowe, mas não creio que ele conte realmente como um agente.

— Sem dúvida, não conta. — A expressão de Mycroft era típica de alguém que se prepara para dar más notícias. — Sherlock — disse ele, olhando além do irmão —, creio que já conhece Rufus Stone.

Sete palavras. Sete palavras que caíram como pedras no poço profundo que era a mente de Sherlock. Sentia as ondas se formando e se alastrando por muito tempo depois da declaração de Mycroft. Ele virou a cabeça para descobrir para onde o irmão estava olhando, mas sua mente lógica e analítica já sabia. A outra parte, o emocional que ainda pertencia a um menino de catorze anos, esperava que não fosse verdade, que a pessoa atrás dele fosse um completo desconhecido.

Mas não era, e o emocional do menino de catorze anos se encolheu um pouco mais do que já estava encolhido.

Rufus Stone estava de pé atrás dele. Rufus Stone, com seus cabelos castanhos e despenteados, a barba por fazer e o paletó de veludo verde. Ele usava uma argola de ouro na orelha e parecia desconfortável, como se quisesse muito estar em outro lugar — qualquer lugar, menos ali. Sherlock certamente queria.

— Sente-se — disse Mycroft. — Está fazendo o lugar parecer bagunçado. Não se incomode com os garçons; não creio que recebam muitos ciganos violinistas aqui. A experiência vai fazer-lhes bem.

— Olá, Sherlock — cumprimentou Stone ao se sentar.

— Você trabalha para meu irmão? — perguntou o menino. — Por que não me contou nada?

— Porque eu disse para não contar — explicou Mycroft. — Quando decidimos que você e Amyus Crowe iriam aos Estados Unidos alguns meses atrás, tive receio de que o Sr. Crowe acabasse envolvido em negócios paralelos ou descobrisse de repente que amava muito sua terra natal e não quisesse voltar à Inglaterra. Tomei providências para que o Sr. Stone embarcasse no mesmo

navio, e o instruí para ficar de olho em você. Em Nova York, ele deveria segui-lo e garantir sua segurança. — Mycroft sufocou uma risada irônica. — Essa parte não saiu como eu havia previsto, é claro, graças à sua decisão de seguir os homens que haviam capturado o jovem Matthew Arnatt e embarcar em um trem para sabe-se lá onde.

— Você trabalha para meu *irmão*! — repetiu Sherlock.

O pensamento era como um obstáculo em sua mente, uma barreira grande demais para ele transpor.

— Tenho de acrescentar — continuou Mycroft — que as aulas de violino *não* faziam parte das instruções.

— Não, isso foi escolha minha — reconheceu Stone. — E foi um prazer.

— Mas o que você *faz* para Mycroft? — quis saber Sherlock.

Rufus Stone deu de ombros.

— Na maior parte do tempo, viajo livre como um pássaro, pobre como um, também. Posso me movimentar sem ser verificado ou impedido por vários países da Europa Central. Ninguém incomoda um violinista itinerante como eu. Ouço rumores e escuto coisas em tavernas e lugares do tipo, e depois passo todas as informações para o Sr. Holmes aqui.

— Em geral, é possível fazer um julgamento melhor sobre o estado da economia de um país ouvindo o que os fazendeiros conversam enquanto bebem cerveja do que lendo os jornais — explicou Mycroft. — Tenho muitas pessoas, em vários lugares do mundo, cuja única tarefa é colher as informações do povo, peneirá-las e mandar para mim as sementes da verdade.

— E a mudança para Farnham? — As mãos de Sherlock tremiam, e ele teve de segurá-las embaixo da mesa para impedir que os outros percebessem. Sentia-se *traído*. — De quem foi essa ideia?

Stone olhou para Mycroft. Quando o irmão de Sherlock permaneceu em silêncio, ele disse:

— Quando voltei à Inglaterra, o Sr. Holmes pediu para que eu ficasse no país por um tempo, para tentar descobrir alguma coisa sobre a situação daqui. Sugeri começar por Hampshire. — Ele parou, constrangido. — Queria ver como você estava se saindo com o violino.

— Comprei um violino novo — contou Sherlock.

A voz dele soou baixa até para os próprios ouvidos.

— Gostaria de vê-lo.

Mycroft tossiu.

— O Sr. Stone vai nos acompanhar na viagem à Rússia. Ele já foi para lá antes, e é claro que precisamos de um violinista para completar o disfarce da companhia teatral. — Ele parou por um momento, depois prosseguiu com a voz

mais macia. — Sherlock, acredite em mim, eu nunca teria feito nada disso se não fosse para seu bem, e não teria permitido que você descobrisse o que fiz se não fosse completamente necessário.

— Isso não faz com que seja correto — retrucou Sherlock. E se levantou. — Vou sair.

— Esteja no King's Theatre em Whitechapel às quatro da tarde — instruiu Mycroft. — Vamos conhecer nossos companheiros de viagem.

Sherlock foi embora sem responder. Atrás dele, ouviu Mycroft dizer:

— Não, deixe-o ir. Ele vai acabar entendendo, com o tempo, que o que fiz foi inteiramente lógico e para a proteção dele.

Sherlock saiu do hotel para a rua. Começava a chover, e ele sentia os pingos frios no rosto, mas não parecia se importar. Tudo à sua volta era cinza e desinteressante. Sem significado.

Virou à esquerda e começou a andar sem se importar com a direção em que seguia. Estava sufocando os pensamentos, impedindo reflexões sobre o irmão, Rufus Stone ou aquela viagem aos Estados Unidos, que agora descobrira ter sido, em sua maior parte, uma ficção. Apenas andava; andava e observava. Como uma espécie de máquina calculadora ambulante, ele analisava os fatos que o cercavam e deixava a mente reuni-los. O homem com o lenço de estampa vermelha envolvendo o pescoço naquela soleira contraíra uma enfermidade, provavelmente na Índia, e morreria dentro de uma semana, a julgar pelo estado de sua pele. O relógio que o cavalheiro de cartola examinava não era dele: provavelmente o roubara de alguém, e o roubo havia acontecido recentemente. O mendigo na esquina, aquele no carrinho de mão com a placa no pescoço anunciando que era paralítico, na verdade caminhava vários quilômetros por dia, considerando o desgaste recente dos sapatos. Tudo isso Sherlock deduzia a partir do que observava, e nada tinha importância para ele. Nada importava.

Ele perdeu a noção do tempo enquanto caminhava, mas, quando consultou o relógio e descobriu que eram quase quatro horas, notou que já estava perto de Whitechapel. A mente o guiara na direção certa sem que ele percebesse.

O teatro ficava escondido em uma rua secundária que saía de uma via de grande movimento. A frente do prédio era de tijolos vermelhos e colunas brancas; quatro degraus conduziam ao portão principal. Sherlock subiu a escadaria com dificuldade e entrou. Não havia ninguém no saguão, e a bilheteria estava fechada, mas ele quase podia sentir a essência do público que ocupava o lugar regularmente: um resto de fumaça de cigarro, água de colônia e perfume, absorvidos pelo gesso esculpido das paredes e do teto.

Escadas subiam a partir dos dois lados do saguão, presumivelmente para os assentos da plateia, mas nas paredes do outro lado havia um par de portas que ele

imaginava levarem direto para as primeiras fileiras de poltronas. A porta ao lado da bilheteria devia dar passagem para os bastidores: camarins, vestiários e o próprio palco.

Sherlock ficou parado por um momento, percebendo os aromas do teatro, os suspiros do prédio, os velhos cartazes emoldurados atrás de vidros pendurados nas paredes. Havia algo quase *vivo* naquele lugar. Ele já estivera em vários prédios públicos, mas esse era o único que parecia ter absorvido alguma coisa boa das pessoas que passaram por suas portas. A Escola Deepdene para Meninos fedia a desespero, e o Diogenes Club dava a impressão de ser inquieto e irritável, mas o King's Theatre era como um lar em que nunca havia estado.

Ele caminhou até a porta principal da plateia e a abriu.

O espaço interno era menor do que esperava. Fileiras de assentos cobertos por veludo verde descreviam uma curva dos dois lados e iam para baixo no centro. A parte inferior do círculo de assentos acima dele era como uma nuvem escura e baixa. Era sustentado por colunas de ferro que haviam sido forjadas de maneira artística e pintadas de marrom, vermelho e verde, como árvores esguias com folhas e flores. Camarotes delimitados por cortinas ficavam nas paredes dos dois lados, contendo números reduzidos de assentos privativos para quem tivesse dinheiro para pagar por eles. Assim os ingressos eram cobrados, Sherlock sabia: a plateia era a área mais barata, a parte superior vinha em seguida, e os camarotes eram os mais caros, embora "caro" fosse provavelmente um termo relativo para um teatro pequeno e isolado como esse. Corredores interrompiam a sequência de assentos da plateia e levavam até o palco.

No palco havia um grupo de pessoas, inclusive seu irmão. Mycroft estava resplandecente de sobretudo, cartola e uma bengala. Por um momento, Sherlock olhou para ele e conseguiu vê-lo como uma pessoa, não como seu irmão. Para ele, Mycroft tinha uma autoridade natural; irradiava importância e poder.

Rufus Stone estava ao lado, um pouco atrás. O homem ruivo e peludo como um urso que Sherlock havia conhecido mais cedo, Sr. Kyte, estava de pé ao lado de Mycroft, ainda vestindo o enorme casaco, e do outro lado havia um grupo de pessoas que Sherlock presumia serem os atores e a equipe. Os atores vestiam figurinos de época: vestidos de veludo ornamentados para as mulheres, camisas de renda e calças bufantes para os homens.

— Ah, Scott — falou Mycroft. Sua voz retumbou pelo auditório. — Venha juntar-se a nós.

Sherlock desceu por um dos corredores. A passagem para o palco era bloqueada por uma área cercada que Sherlock supôs servir para acomodar uma pequena orquestra para os musicais. Ele olhou para a esquerda e para a direita.

Duas escadas de cinco degraus levavam do chão ao palco, uma de cada lado. Sem motivo, ele decidiu subir pelo lado direito.

Quando chegou ao palco, surpreendeu-se ao descobrir que o piso era meio inclinado, aproximadamente trinta centímetros mais baixo na frente que no fundo. Ele deduziu que a inclinação servia para dar aos espectadores uma visão melhor, especialmente àqueles que ficavam nos assentos mais baratos, dos quais talvez até tivessem de olhar para cima para ver os atores. A beirada do palco era delimitada por lamparinas a gás atrás de refletores, e havia um alçapão no centro.

Ele atravessou o palco e se aproximou de Mycroft, sentindo que todos o observavam.

— Já apresentei Rufus Stone, que vai tocar violino no poço — anunciou Mycroft imponente. — Permitam-me, então, apresentar meu pupilo, Sr. Scott Eckersley. Com a bondosa permissão do Sr. Kyte, Scott vai se juntar à companhia como faz-tudo. — Ele olhou para Sherlock. — Scott, quero que conheça o elenco e a equipe. — Ele apontou um homem alto com longos cabelos louros escovados para trás em uma testa larga. Vestia um figurino. — Esse é o Sr. Thomas Malvin. Ele é o ator principal da companhia.

Malvin assentiu para Sherlock, quase sem olhar em sua direção.

— E essa — continuou Mycroft, mostrando uma bela mulher de pele clara, olhos verdes e cabelos negros que sorriu para Sherlock — é a Srta. Aiofe Dimmock. Ela é a atriz principal para os papéis românticos e contracena com o Sr. Malvin.

Sherlock retribuiu o sorriso. Aiofe devia ser dez anos mais velha que ele, pelo menos, mas havia algo naquele sorriso e nos olhos verdes que fez seu coração parar.

Desviando o olhar de Aiofe Dimmock, Sherlock direcionou a atenção para onde apontava Mycroft.

— O Sr. William Furness e a Sra. Diane Loran são valiosos coadjuvantes, que colaboram bastante com os dois atores principais — disse ele.

William Furness era um homem corpulento com cabelos pintados de preto formando uma coroa na parte de trás da cabeça. Seu nariz era inchado e redondo, e as faces exibiam veias vermelhas típicas de alguém que bebe demais. As veias deviam ser cobertas pela maquiagem nas raras apresentações que o incluíam, mas não havia muito que pudesse disfarçar o nariz de couve-flor, exceto a distância. Ele levantou dois dedos e tocou a testa em uma continência debochada. A Sra. Loran era uma matrona com cabelos pintados de vermelho e presos em um coque. Ela dava a impressão de que estaria mais à vontade em uma cozinha do que no palco. A mulher sorriu afetuosamente para Sherlock e, se

estivessem mais próximos, ele suspeitava de que a mulher poderia tê-lo abraçado.

— Com o Sr. Kyte — disse Mycroft —, que frequentemente aparece em cena com o Sr. Malvin e a Srta. Dimmock, além de administrar a companhia, esses quatro são os atores principais. Os outros que você vê aqui participam das cenas que exigem maior número de pessoas e desempenham papéis menores quando não estão cuidando dos cenários. Da esquerda para a direita, temos Rhydian, Judah, Pauly e Henry.

Sherlock cumprimentou com acenos de cabeça os quatro rapazes mais ou menos da sua idade, que permaneciam atrás dos atores principais. Rhydian era magro e moreno, com queixo pontudo e sobrancelhas grossas. Judah também era magro, mas seu cabelo era tão claro e fino que parecia quase branco e flutuava em torno da cabeça, e os olhos estavam avermelhados. Pauly e Henry eram gêmeos: ambos musculosos e de olhos castanhos. A única diferença era que Pauly (Sherlock imaginou que fosse Pauly, porque estava mais perto de Mycroft) havia perdido o dedo mínimo da mão esquerda.

Alguém tossiu na lateral do palco. Sherlock olhou para as sombras e conseguiu vislumbrar um homem alto cuja boca era encoberta por um grosso bigode preto. Ele parecia estar quase inclinado para trás, com as mãos nos bolsos, e olhava para as pessoas no palco. Seus olhos brilhavam na escuridão.

— Ah, sim, quase esqueci — disse Mycroft. — O restante da orquestra vai se juntar a nós mais tarde, mas aquele é o Sr. Eves. Ele é o maestro e compositor.

— Sr. Eves — cumprimentou Sherlock.

— Sr... Eckersley — respondeu o maestro. A voz dele soou seca e lacônica. — É um prazer conhecê-lo, tenho certeza.

— Sr. Kyte, senhoras e senhores — Mycroft, ou melhor, Sr. Sigerson, como Sherlock sabia que deveria ser conhecido de agora em diante, proclamou —, agradeço por depositarem em nós sua confiança e por nos terem acolhido em sua companhia, e, espero, em seus corações. O Sr. Kyte já viu minhas referências e sabe que sou confiável, que servirei a vocês como já servi a outras companhias teatrais anteriormente. Assumo o cargo de gerente geral e me comprometo a desempenhar minhas funções da melhor forma que puder, e assim levá-los sempre à frente e além. Para isso, minha primeira responsabilidade é assegurar que a viagem a Moscou ocorra sem incidentes. Meu objetivo é garantir que todas as transações sejam concluídas rapidamente e sem transtornos, de forma que vocês possam se concentrar em seus esforços artísticos. Confiem em mim, e eu não os desapontarei.

Aplausos escassos seguiram suas palavras.

— E, com isso — manifestou-se o Sr. Kyte —, sugiro que voltemos ao ensaio. Pausa de cinco minutos, pessoal, e depois disso quero todos no palco. Lembrem-se, partiremos para Moscou em três dias!

CAPÍTULO ONZE

A SEMANA SEGUINTE FOI COMO um sonho febril. Após alguns dias em Londres, integrando-se à companhia teatral enquanto Mycroft providenciava os últimos detalhes da viagem, Sherlock embarcou em um trem na estação de Charing Cross com toda a equipe. Se fosse na estação de Waterloo, ele talvez ficasse mais nervoso, pensando na perseguição pelos túneis sob a estação, mas Charing Cross era um lugar menor que não lhe trazia lembranças ruins. O trem os levou pela familiar área rural da Inglaterra até Dover, onde fizeram a transferência para um barco que atravessou o canal da Mancha em direção à França. Em Dunquerque, o grupo embarcou em outro trem, e em três dias eles estariam em Moscou. Três dias para atravessar a Europa! Incrível!

As acomodações eram relativamente simples. Os assentos quase não tinham estofamento e não havia camas. Em vez disso, o grupo dormia sentado, esticando as pernas sempre que possível em poltronas vizinhas.

Os músicos, a quem Sherlock não fora apresentado, sentavam-se juntos e pareciam dormir ou jogar damas em pequenas mesas dobráveis o tempo todo. Apenas Mycroft e o Sr. Kyte tinham reservados, como era adequado ao status de gerente geral e diretor de elenco da Companhia Teatral Kyte. Eles ficavam a maior parte do tempo sozinhos.

Sherlock passava boa parte do tempo à janela, observando a paisagem passar depressa. Nomes que ele só havia visto nos atlas de repente ganharam vida diante dele: países como Bélgica e Prússia; cidades como Bruxelas, Colônia, Berlim, Varsóvia e Minsk...

Ele estava olhando pela janela, vendo grandes bosques de abetos passarem, quando a Sra. Loran sentou-se a seu lado.

— Você parece solitário — disse ela. — Pensei que gostaria de conversar um pouco.

— Estou bem. Apenas... fascinado com a forma como algumas coisas mudam quando viajamos, como idiomas e comidas, e outras, como plantas e animais, permanecem mais ou menos as mesmas. Há sempre pássaros e gatos, por exemplo.

— E salsichas — comentou ela. — Não acredito que exista um país no mundo que não tenha salsichas. — Ela o observou com simpatia por um instante. — Seu mentor, o Sr. Sigerson, não parece ter muito tempo para você nesta viagem.

— Ele está ocupado — explicou Sherlock, sentindo que devia defender Mycroft.

— Mesmo assim, era de se esperar que, por tê-lo colocado sob sua proteção, ele se disporia a cuidar de você em vez de deixá-lo sozinho. — Ela inclinou a cabeça. — Ele não parece muito interessado no seu bem-estar.

— Ele tem muitas coisas no que pensar. — Incomodado, Sherlock tentou mudar de assunto. — Você atua há muito tempo?

A mulher olhou além dele, para o lado de fora da janela.

— Ah, às vezes sinto que tenho atuado toda a minha vida — murmurou.

A paisagem ia mudando à medida que seguiam cada vez mais para o leste. A pequena parte da França que Sherlock tinha visto e o grande trecho da Bélgica que havia atravessado eram uma mistura de florestas em tom verde-escuro e campos verde-claros. Mas, atravessando a Prússia e ao entrar na Rússia, a paisagem foi ficando cada vez mais alagadiça e a temperatura despencou até que pequenos lagos se congelaram e havia neve cobrindo o solo. As pessoas pareciam menores e mais sombrias, ou talvez as nuvens baixas que pairavam constantemente afetassem sua percepção.

Em certo ponto, Sherlock atravessou o vagão para ver como Mycroft estava. Seu irmão se encontrava sentado no compartimento, recostado em almofadas, e definitivamente não parecia bem. Estava cercado de livros abertos e fazia anotações em um pequeno bloco. Quando Sherlock bateu à porta e a abriu, ele o encarou.

— Sim?

— Queria ver se estava bem.

— Não, não estou. O balanço infernal deste trem perturbou meu sistema digestivo. Estou tentando me distrair com livros, mas eles não ajudam muito.

— Há algo que eu possa fazer?

— Deixe-me sozinho para sofrer em paz — disparou Mycroft. — Não estou com vontade de conversar neste momento.

Sherlock recuou e fechou a porta. Ele ficou do lado de fora do compartimento do irmão por alguns momentos, sem saber o que fazer. Não se lembrava de ter se sentido tão inútil e solitário desde a primeira vez que entrara na casa dos tios em Farnham.

Ele se virou para sair dali, mas algo chamou sua atenção. Era alguma coisa perto da porta do compartimento do Sr. Kyte, ao lado do batente: algo marrom do tamanho e com o formato aproximado de seu polegar, com um pequeno pedaço de barbante preso. O garoto se abaixou para pegar aquilo. Quando seus dedos envolveram o objeto, e ele cedeu levemente sob a pressão, Sherlock

percebeu, surpreso, que era um rato. Um rato morto. O que pensou ser um barbante era o rabo.

Um rato morto? Imaginava que os trens deviam ter ratos, como as casas. Ele olhou em volta, à procura de um lugar para deixar o animal morto, mas a porta do compartimento do Sr. Kyte abriu um pouco e o homem de porte avantajado e barba ruiva espiou pela fresta.

— Sim? — chiou ele. — O que é?

— Nada — respondeu Sherlock. — Eu fui apenas... visitar o Sr. Sigerson.

Ele enfiou o rato morto no bolso. Por alguma razão que não compreendia muito bem, não queria mencioná-lo para o Sr. Kyte.

— Se está entediado — disse o homem —, vá conversar com os rapazes. Você vai trabalhar com os cenários e objetos de palco junto com eles. Vá conhecê-los.

Ele fechou a porta na cara de Sherlock.

Na verdade, depois de três dias em Londres aprendendo como levantar painéis e mover objetos pelo palco, Sherlock conhecia bem os quatro membros mais jovens da companhia. Para passar o tempo no trem, Sherlock finalmente cedera aos apelos dos garotos para participar de um jogo de cartas. Em um dia aprendera com eles as regras do jogo de copas, canastra e bacará, e com seu dom para matemática — sem mencionar a memória eidética que parecia ser uma herança genética da família Holmes —, Sherlock logo apreendeu as sutilezas dos jogos.

Ficara fascinado com a maneira como os gêmeos lidavam com as cartas. Eles manuseavam o baralho como jogadores profissionais, embaralhando com facilidade e distribuindo as cartas com rapidez e precisão. Depois de um tempo, como era inevitável, Sherlock perguntou como eles faziam aquilo, e os gêmeos demonstraram suas técnicas, começando com as diversas formas de embaralhar. Tudo era uma questão de destreza e prática, disseram eles. Rufus Stone falara a mesma coisa sobre tocar violino, é claro, e assim, depois do jogo, ele pegou o baralho emprestado e passou algumas horas tentando repetidamente dominar as diversas técnicas para embaralhar cartas. Com os dedos finos e a persistência característica, logo conseguiu pegar o jeito e passou a embaralhar e distribuir o baralho quase tão bem quanto Henry e Pauly.

No terceiro dia, olhar pela janela já havia perdido a graça. Sherlock descobriu-se observando cada vez mais os atores — o Sr. Malvin, o Sr. Furness, a Srta. Dimmock e a Sra. Loran. Tentou usar as habilidades que Amyus Crowe o ajudara a desenvolver para determinar alguma coisa sobre a história e a personalidade de cada um, mas não conseguiu. Quando pensava ter chegado a determinada conclusão sobre um deles, alguma coisa acontecia e mudava tudo.

Talvez fosse o treinamento de ator — talvez o que via fossem diferentes personagens que se manifestavam neles sem que os atores percebessem.

Em certo ponto, quando o trem percorria um trecho particularmente pantanoso e sem-graça, Sherlock notou que o Sr. Furness — o ator mais velho e mais gordo, com a pele marcada por veias e o nariz de couve-flor — estava com uma caixa no colo e remexia no interior dela. A caixa parecia conter potes de vários tipos. Ao perceber que Sherlock o observava, ele o chamou com um gesto.

— Maquiagem de teatro — explicou. Seu hálito cheirava a gim. — Já deve ter visto isto antes, não?

— Não de perto — confessou Sherlock. — Normalmente fico nos bastidores.

— Este kit está comigo há anos — confidenciou Furness. — Tenho pinturas faciais feitas com cera de abelha e gordura de carneiro misturadas a zinco, chumbo, fuligem, cochonilha, ultramarino, ocre e azul da Prússia para dar a cor desejada. E tem outras coisas: rolha queimada e fuligem para pálpebras e cílios, papel queimado para fazer sombras, cola para fixar perucas, bigodes e barbas postiços. Use-os de forma apropriada e vai poder mudar todos os traços do seu rosto, pelo menos a distância.

Ao ver a expressão incrédula de Sherlock, ele continuou:

— Veja, se você ilumina as partes salientes do rosto, como o nariz e as maçãs do rosto, com uma cor mais clara, seus traços tornam-se exagerados. Se aplica um pouco de sombra escura nas áreas mais fundas, obtém profundidade. Mudando as partes iluminadas e escurecidas, você pode criar bochechas flácidas, testas enrugadas, olhos inchados e veias salientes. E quando tudo o mais falhar... — Ele tirou uma lata da caixa. — Massa moldável!

— Massa moldável? — repetiu Sherlock, cético.

— Muda o formato do nariz, do queixo... de qualquer parte que não se mexa muito. Massa moldável não é flexível, então se aplicá-la nas bochechas ela racha, mas é incrível quanto um nariz ou um queixo diferente mudam sua aparência. Seu melhor amigo não o reconheceria!

Depois de um tempo, quando Sherlock já havia perdido a conta das horas e a viagem tornara-se uma confusão atemporal, o trem entrou na estação Kursk em Moscou.

Um homem alto vestindo sobrecasaca, sobretudo forrado de pele e cartola pretos esperava depois da bilheteria. Ele tinha uma barba bem aparada e bigode, e a pele pálida como porcelana. O homem parecia estar esperando alguém e, assim que viu o grupo, sorriu e ergueu uma das mãos.

O Sr. Kyte foi o primeiro a passar. Ele estendeu a mão, mas o homem se adiantou e o abraçou calorosamente. Mycroft, que estava logo atrás do Sr. Kyte,

recuou apressado.

O homem barbado conversou com o Sr. Kyte e com Mycroft por alguns momentos, depois se dirigiu ao restante do grupo.

— Meu nome é Morodov— apresentou-se ele, com sotaque francês carregado. — Piotr Ilitch Morodov. É um prazer e meu dever representar o príncipe Iusupov, que patrocina sua visita à nossa pátria mãe, nossa adorada pátria mãe. Podem ter certeza de que nenhum detalhe foi esquecido, de modo a assegurar que a visita seja agradável e artisticamente produtiva. Agora, por favor, sigam-me. Vou levá-los ao Hotel Slavianski Bazar, onde reservei quartos para todos.

Ele estalou os dedos, e carregadores, vestindo uniformes verdes mal costurados e de péssimo caimento, correram para pegar as muitas malas e valises da trupe. O russo seguiu na frente até o lado de fora da estação, onde várias carruagens esperavam em fila. Fazia frio e o chão estava coberto de neve, mas, em vez da lama escura que se formava na Inglaterra quando a neve caía e as carroças e carruagens a misturavam com terra e palha, ali a camada de neve era branca e grossa. Ela rangia sob o grupo, que saía da estação e se dirigia às três carruagens que o levariam ao hotel.

Seguindo com o restante do grupo, Sherlock observava surpreso os diversos meios de transporte que enchiam a rua da estação. Estava habituado às carroças de Farnham, às carruagens de aluguel e aos coches de Londres, mas o que via ali era completamente diferente. Os veículos daquele lugar mais pareciam o equipamento de ginástica que havia na Escola Deepdene do que alguma coisa em que uma pessoa embarcaria por vontade própria: os passageiros montavam em pranchas longas e estreitas como se estivessem em cima de um cavalo, e não sendo puxados por um, e as laterais se inclinavam para fora, formando um suporte para os pés. O conjunto era montado em quatro rodas com amortecedores, e o condutor ia sentado na frente da fila de passageiros. Parecia desconfortável para os homens e inteiramente inadequado para mulheres, em seus vestidos.

O grupo observou os carregadores acomodarem as bagagens na parte de trás das carruagens, e depois todos embarcaram. O trajeto pelas ruas de Moscou foi curto, mas Sherlock ficou fascinado com a imponência e a idade dos edifícios. Tudo ali parecia ser construído em maior escala do que na Inglaterra — o que fazia os habitantes parecerem muito menores, andando sob as sombras dos prédios, com o corpo encurvado contra o frio, como ratos correndo por rodapés. E as cores! Estava acostumado a prédios com a cor da pedra, do tijolo ou da madeira que haviam sido utilizados em sua construção, mas em Moscou quase todos os prédios eram pintados. Alguns eram cor-de-rosa, outros azuis, e outros,

verdes, e muitos eram pintados de amarelo, por razões que Sherlock desconhecia. Talvez a Rússia tivesse um excedente de tinta amarela.

Quando chegaram ao hotel e Piotr Ilitch Morodov registrou todos do grupo, despediu-se e partiu, Mycroft e o Sr. Kyte reuniram a trupe no saguão.

— Preparei nosso programa — anunciou Mycroft —, que detalha os eventos programados para os próximos dias. — Ele levou o dorso da mão à boca e tossiu. — Vou distribuir as folhas em um momento, mas permitam-me resumir os pontos principais. Em primeiro lugar, estamos aqui em Moscou a convite do príncipe Iusupov. O príncipe é um renomado patrono das artes e há muito tempo alimenta o desejo de ver a atuação de uma companhia de teatro britânica. O príncipe pôs o teatro Maly à nossa disposição pelos próximos três dias. Trata-se, sem dúvida, do principal teatro de Moscou, o que significa que, por definição, é o maior da Rússia.

— Qual é a capacidade? — perguntou o Sr. Malvin, o primeiro ator. Ele projetava a voz como se já estivesse no palco. — Sou um ator respeitado. Não me apresento para um punhado de pessoas.

— O palco principal tem novecentos e cinquenta lugares; o secundário recebe até setecentos e cinquenta espectadores.

— E em qual deles vamos nos apresentar? — quis saber a Srta. Aiofe Dimmock, a primeira atriz.

— Vamos usar o palco secundário — respondeu Mycroft com a voz tranquila —, mas só porque o palco é menor e mais apropriado às nossas performances mais intimistas.

O Sr. Kyte adiantou-se.

— Não gostaria que sua atuação tão delicada e cheia de nuances se perdesse em uma plateia grande demais — explicou ele.

A Srta. Dimmock assentiu e recuou, com modéstia.

— Quanta gentileza! — exclamou ela. — Obrigada.

— Vou ter de examinar o local antecipadamente — disse Malvin em voz alta. — Seria impossível para mim atuar em um palco no qual nunca pisei antes. Vou ter de analisar a acústica e determinar por mim mesmo como projetar a voz até os cantos mais distantes, para que todos possam me ouvir.

— É claro. Falarei nisso em um instante. — Mycroft parou e olhou para os membros da companhia. — Fomos contratados, como sabem, para três apresentações em três noites distintas. Para a primeira noite, o príncipe Iusupov enviou convites para a *crème de la crème* da sociedade russa. Este, me garantiram, será o evento social da temporada.

— O czar estará presente? — indagou a Sra. Loran de onde estava, parada ao lado de Sherlock. — Ah, espero que sim! — Ela olhou para Sherlock e baixou a

voz para um tom conspirador. — Quando eu era pequena, meu sonho era casar com um príncipe. Agora é tarde demais, mas ainda posso sonhar.

— Na verdade, o czar não poderá comparecer por assuntos de Estado. — Mycroft abriu os braços, pesaroso. — Mas tenham certeza de que a plateia será constituída por uma seleção de nobres: príncipes e princesas. Condes e condessas, barões e baronesas, duques e duquesas. A aristocracia russa é vasta, e a maior parte estará presente na noite de estreia, bem como o embaixador britânico da corte do czar e sua esposa.

— Ah, que maravilha! — exclamou a Sra. Loran, com um bater de palmas. Ela se inclinou para Sherlock. — Talvez um deles se apiede de uma dama de meia-idade e faça de mim uma mulher honesta — sussurrou.

Ele sorriu de volta. Desconfiava de que a Sra. Loran poderia muito bem despertar o interesse de algum nobre russo.

Mycroft se dirigiu ao restante da companhia.

— Em cada uma das três noites, vocês apresentarão, pelo que entendi, uma seleção de cenas de dramaturgos britânicos. William Shakespeare, é claro, Ben Jonson, Christopher Marlowe e John Webster. Sr. Kyte — ele olhou para o grandalhão de pé atrás —, soube que vai apresentar as cenas e contextualizá-las para a plateia.

— Essa é minha intenção — ribombou o Sr. Kyte. — Falarei em francês, embora as apresentações sejam em inglês.

— Excelente. — Mycroft voltou-se para os membros mais jovens da companhia: o moreno Rhydian, o pálido Judah e os gêmeos Henry e Pauly. — Com relação aos cenários e adereços, tenho certeza de que o teatro tem variados cenários que podem ser usados para representar tudo, das muralhas do castelo Elsinore à floresta de Arden, e há também diversos móveis e outros objetos que podem ser úteis. Sugiro irmos todos ao teatro amanhã cedo, e, enquanto os atores realizam os exercícios vocais necessários para verificar a acústica do teatro, vocês podem aproveitar para examinar esse material com a ajuda do Sr. Kyte. Decidam o que vão utilizar, e os funcionários do teatro prepararão tudo durante a tarde e explicarão a vocês a maneira de levantar e baixar os painéis do cenário.

— São cordas — disse Henry. — No final, tudo que temos que fazer é puxar cordas.

— Amanhã à tarde, enquanto os funcionários do teatro estiverem organizando o material de cenografia, vocês farão um ensaio geral do qual todos participarão. — Ele olhou para o bigodudo Sr. Eves e para os músicos reunidos atrás dele. Rufus Stone também estava lá. Parecia ter-se entrosado bem com os outros músicos. — Esse ensaio incluirá os diversos números musicais que farão

parte da apresentação, por isso os integrantes da orquestra também deverão comparecer.

O Sr. Eves concordou.

— Estaremos todos lá. Não se preocupe.

Mycroft assentiu.

— Tenho certeza de que estarão. — Ele olhou em volta, estudando os membros da companhia. — Na segunda noite, a plateia será formada pela comunidade artística de Moscou, não pelos nobres. Os ingressos da terceira noite serão vendidos para o público em geral. Creio que podemos presumir que vocês se apresentarão para uma seleção representativa da classe média-alta desta bela cidade. — Mycroft parou e cruzou as mãos sobre a barriga proeminente. — Lembrem-se de que são embaixadores da arte de seu país. — Ele bateu palmas uma vez. — Agora vamos jantar e dormir. Voltaremos a nos reunir amanhã para o café, às oito horas, e em seguida iremos para o teatro!

Os membros da companhia seguiram para o restaurante. A matrona Sra. Loran parou ao lado de Sherlock e estendeu a mão para afagar seus cabelos.

— Quer juntar-se a mim no salão do hotel depois do jantar, Scott? — perguntou. — Estava pensando que podia me ajudar a decorar as falas lendo a parte dos outros personagens.

A primeira reação de Sherlock seria aceitar; estava se afeiçoando cada vez mais à Sra. Loran. Porém, antes de responder, ele olhou para Mycroft. Seu irmão obviamente ouvira o convite da Sra. Loran e balançou a cabeça de forma discreta.

— Eu gostaria muito — respondeu Sherlock —, mas preciso ir para a cama cedo e ter uma boa noite de sono.

— Talvez amanhã, então, depois do café — sugeriu ela com um sorriso, antes de se afastar.

Mycroft chamou Sherlock e Rufus Stone para se juntarem a ele.

— Peço desculpas por ter estragado sua noite — disse ele a Sherlock —, mas, quanto mais tempo passarmos socializando com essas pessoas, maior será a probabilidade de deixarmos escapar alguma coisa, e eles então podem perceber que não somos o que parecemos. O melhor a fazer é ser educado, mas reservado. — Seus olhos buscaram os de Stone, depois voltaram para Sherlock. — A viagem foi cansativa — disse —, e não vejo motivo para nos cansarmos ainda mais esta noite. Descansem. Amanhã, quando o restante da companhia seguir para o teatro, Sherlock me acompanhará até o apartamento de meu agente aqui em Moscou. Quero descobrir exatamente o que aconteceu com ele. — Mais uma vez Mycroft olhou para Stone. — Receio que você tenha de ir ao teatro com os outros. Como principal violinista, sua ausência seria notada.

— Pode precisar de mim, caso haja algum problema — ponderou Stone.

— Se houver algum problema, suspeito que nada nos ajudará — disse Mycroft, sério. — Estamos em um país estrangeiro em que a livre expressão de qualquer pensamento que contrarie o czar é implacavelmente suprimida pela polícia oficial e por suas forças secretas. Mas faremos o que for necessário.

— Então, por que levar Sherlock? — insistiu Stone. — Se a situação é perigosa, ele deveria ir ao teatro comigo.

Mycroft balançou a cabeça.

— Reconheço a lógica de seu pensamento, mas posso precisar do olhar aguçado de Sherlock, de seu raciocínio rápido e de suas habilidades atléticas. Talvez seja necessário entrar no apartamento por uma janela, e nesse caso eu seria totalmente inadequado à tarefa. Lá dentro, ele pode localizar alguma pista que eu não perceba. No mínimo, pode ficar vigiando enquanto eu estiver investigando e me avisar caso a polícia apareça. E, se acontecer alguma coisa, ele pode voltar e avisá-lo.

Stone assentiu relutante.

— Muito bem. Era só isso?

Após o assentimento de Mycroft, Stone se afastou na direção do restaurante.

Mycroft olhou para o irmão com ar crítico.

— Você está pensando em algo, pelo que vejo.

Sherlock deu de ombros.

— Não é importante.

— É importante. Está descontente comigo porque não contei que Rufus Stone trabalhava para mim, e está descontente com Rufus Stone porque ele não disse que estava a meu serviço. Acredita que foi enganado e que não pode confiar em nós.

Sherlock manteve o olhar distante, recusando-se a encarar o irmão.

— Sherlock, mesmo que não goste disso, tomar conta de você é minha responsabilidade. Delegar a Rufus Stone a missão de cuidar de você quando eu não podia fazê-lo é parte disso.

— Pensei... — começou Sherlock, para sua surpresa. — Pensei que ele fosse meu *amigo*.

— As pessoas podem ser várias coisas ao mesmo tempo — argumentou Mycroft. — Sou seu irmão, mas também sou um oficial do Governo britânico. Amyus Crowe é um caçador de recompensas, mas também é seu tutor. O Sr. Stone é violinista, e às vezes trabalha como meu agente. Isso não o impede de ser seu amigo também. — Ele apoiou a mão no ombro de Sherlock e apertou de leve. — Se serve de consolo, quando voltou dos Estados Unidos, o Sr. Stone me disse que sentia por você algo muito próximo de uma afeição fraternal. Ele

apreciou sua companhia. Perguntou se eu achava que isso poderia ser um problema, e eu respondi que não. Prefiro que ele cuide do seu bem-estar porque quer, não só por eu ter ordenado.

Alguma coisa que havia estado presa no peito de Sherlock por vários dias se tornou menos pesada. Não desapareceu por completo, mas melhorou.

— Agora vamos experimentar as delícias da gastronomia russa — falou Mycroft. — Fui levado a crer que os *chefs* russos são quase tão bons quanto os franceses.

Eles entraram no restaurante, que tinha teto alto e arqueado. As paredes eram cobertas por pinturas exibindo soldados em uniformes de cores brilhantes — azul, verde e vermelho — montados em cavalos e trocando golpes com sabres.

Mycroft percebeu para onde Sherlock olhava.

— Ah, a Guerra da Crimeia — disse. — Inglaterra, França e Turquia de um lado, Rússia do outro. Um conflito curioso e um tanto inútil. E aqui estamos nós, apenas doze anos mais tarde, jantando na capital do território inimigo. A diplomacia cria estranhos companheiros de cama. — Ele fez uma pausa, e um tremor percorreu seu corpo grande. — Sherlock, acho que esta será a última vez que deixarei a Inglaterra. Pode ser a última vez que deixo Londres. Viajar serve para expandir a mente, mas os jornais e os livros de referência fazem o mesmo, e podem ser lidos do conforto de uma poltrona e na companhia de uma boa garrafa de conhaque. No futuro, deixarei que as coisas venham a mim, em vez de ir atrás delas.

— Deve ter um desejo muito forte de descobrir o que aconteceu com seu agente, para ter vindo até aqui — observou Sherlock em voz baixa.

O *maître d'hôtel* ergueu os olhos do livro de reservas quando eles se aproximaram.

— Uma mesa para os cavalheiros? — perguntou ele, em um francês perfeito.

— Por favor — respondeu Mycroft. Enquanto o *maître* os conduzia pelo restaurante, ele sussurrou: — O nome do meu agente é Wormersley, Robert Wormersley. Estudamos juntos em Oxford. Dividíamos um dormitório, e à noite falávamos sobre nossas esperanças e sonhos para o futuro. Quando saímos de Oxford, seguimos caminhos distintos: eu fui para o Ministério das Relações Exteriores, ele se aventurou pelo mundo e escreveu ótimas matérias turísticas para jornais, mas continuamos a trocar cartas. Depois de um tempo, nossos caminhos voltaram a se cruzar, e ele se tornou meu mais confiável agente no exterior. — Uma pausa. — Éramos amigos, Sherlock. Melhores amigos. Conhecidos são fáceis de acumular, mas não são muitas as chances de construir amizades como a nossa ao longo da vida. Quando esses amigos aparecem, devem ser valorizados. *Por isso* preciso de você aqui. Devo isso a ele.

— Entendo — disse Sherlock quando se sentaram. — Pelo menos acho que entendo.

— É claro que entende. Você foi até Nova York para resgatar o jovem Matthew Arnatt. Vejamos — disse Mycroft quando pegou o cardápio oferecido pelo *maître*. — O que quer comer? Soube que os frutos do mar nesta cidade são particularmente bons.

A refeição foi excelente — boa o bastante para satisfazer até Mycroft, que autorizou Sherlock a beber uma taça de vinho no jantar. Eles falaram sobre amenidades — os diferentes tipos de uvas utilizadas para a produção de vinho, a maneira como conhaque, xerez e porto eram produzidos por destilação ou pela fortificação do vinho, e o fato de o espumante ter sido produzido pela primeira vez por monges beneditinos no século dezesseis.

Sherlock percebeu que seu ressentimento ia perdendo intensidade durante a refeição. Ainda estava zangado com Mycroft e Rufus Stone por terem agido pelas suas costas, mas percebia que parte da raiva era voltada contra si mesmo por não ter percebido nada.

Ele resolveu aprender uma lição com esse acontecimento: nunca mais acreditaria apenas nas aparências.

Ao final do jantar, enquanto Mycroft relaxava com um cálice de conhaque e um charuto, Sherlock falou:

— Vou para a cama. Até amanhã.

Mycroft assentiu.

— Durma bem. Amanhã será um dia difícil. — Ele franziu o cenho. — Tenho a sensação de que não estou reparando em algo óbvio. Não é uma sensação confortável. Se estivesse em Londres, na segurança do Diogenes Club, tenho certeza de que perceberia tudo em um instante, mas aqui, com todas essas distrações...? — Ele suspirou. — Talvez uma boa noite de sono em uma cama confortável ajude. Boa-noite, Sherlock.

O quarto de Sherlock era pequeno, em um andar alto, mas não tinha importância. Era mais confortável que seus aposentos na mansão Holmes, e ele dormiu instantes depois de se despir. Se chegou a sonhar, não se lembrava de nada.

O dia seguinte amanheceu claro e frio. Ainda havia neve no chão, mas o sol brilhava no céu azul e sem nuvens. Sherlock lavou-se, vestiu-se e voltou ao mesmo restaurante onde ele e Mycroft haviam jantado.

Mycroft estava sentado com o Sr. Kyte. Ele acenou para Sherlock ao vê-lo entrar, e retomou a conversa em seguida.

Sherlock olhou em volta. O Sr. Malvin e a Srta. Dimmock comiam juntos, e a Sra. Loran estava sentada sozinha. Ela olhou para Sherlock e sorriu, e o

menino retribuiu o sorriso. Gostava dela; tinha a impressão de que o tratava mais e mais como um filho postiço. Ele se perguntou onde estaria o ausente e nunca mencionado Sr. Loran. Havia morrido, fugira com outra mulher, ou estava em casa, esperando por ela?

Os quatro ajudantes — Rhydian, Judah, Pauly e Henry — dividiam uma mesa e trocavam provocações. Os músicos estavam espalhados por mesas diferentes, separados de acordo com seus instrumentos: cordas em uma, metais em outra, e sopros em uma terceira. O regente, Sr. Eves, estava sozinho.

Apesar de fazer parte dos instrumentos de cordas, Rufus Stone também estava sozinho. Ele acenou para Sherlock ao vê-lo, indicando a cadeira vazia. Por um longo momento, Sherlock se perguntou se não devia ir procurar uma mesa desocupada, mas, no final, se juntou a Stone.

— Dormiu bem? — perguntou o violinista.

— Nada mal — respondeu Sherlock.

— O hotel é bem impressionante. Falando como um homem que está mais habituado à palha como cobertor e ao céu noturno como telhado, a cama era confortável demais para o meu gosto. Quando acordei, descobri que havia afundado no meio de um colchão tão macio que faria um marshmallow ficar com vergonha. Levei cinco minutos lutando para conseguir chegar à beirada da cama. Juro que, se tivesse dormido mais meia hora, teria afundado sem deixar rastros.

Sherlock não respondeu.

O silêncio imperou por alguns momentos, depois Stone prosseguiu em voz baixa:

— Na Inglaterra você comentou que havia comprado um violino.

— Sim, comprei.

Sherlock tinha a sensação de que devia acrescentar alguma coisa, mas não conseguia pensar em nada para dizer.

— Suponho que a compra seja uma indicação de que ainda deseja dominar a musa da música.

O menino deu de ombros.

— Sherlock — disse Stone —, entendo o que está sentindo. Gostaria que as coisas fossem diferentes. Sendo a vida como é, coisas ruins acontecem com mais frequência do que as coisas boas. O truque é conseguir ver o sol brilhando atrás das nuvens escuras. — Ele fez uma pausa. — Sherlock, se tiver de acreditar em uma só coisa do que digo, acredite nisto: gosto da sua companhia e, se amanhã seu irmão me informar que meus serviços não serão mais necessários, eu ainda desejaria ser seu professor de violino.

Sherlock sentiu um aperto incomum na garganta. Ele desviou o olhar por um segundo, depois encarou Stone.

— Eu ficaria feliz — declarou, hesitante.

— É claro que as aulas vão precisar esperar até que esta missão em particular esteja encerrada — avisou Stone. — Se eu não for cuidadoso, ter de acompanhar o nível desses músicos vai acabar prejudicando minhas capacidades. — Ele olhou em volta e baixou a voz. — Tenho um mau pressentimento quanto a tudo isso — disse. — Não sei dizer o quê, mas há alguma coisa errada aqui. Alguma coisa muito errada. — Ele olhou para Sherlock. — Tome cuidado hoje. Muito cuidado.

CAPÍTULO DOZE

DEPOIS DO CAFÉ, SHERLOCK OBSERVOU do saguão do hotel enquanto o grupo de teatro, com exceção de Mycroft, partia em carruagens rumo ao teatro Maly. Assim que eles desapareceram em uma esquina, Mycroft disse:

— Venha, vamos lá.

Ele alugou uma carruagem — uma de verdade, não aquele veículo de tábuas finas sobre os quais as pessoas viajavam montadas — e forneceu a esquina de duas ruas como endereço. Inclinando-se na direção de Sherlock, ele disse:

— Podemos percorrer os últimos cem metros a pé. É desconfortável, mas necessário. É uma regra minha não revelar meu destino final a quem não conheço se puder evitar. Metade dos condutores desta cidade é paga pela Terceira Seção.

Quando chegaram, Mycroft entregou ao motorista uma moeda e esperou até a carruagem se afastar para, só então, indicar a Sherlock que eles atravessariam a rua e voltariam um pouco.

O edifício diante do qual Mycroft parou tinha três andares e era feito de pedra marrom-avermelhada. A entrada principal ficava centralizada no piso térreo, com três degraus levando da calçada à porta.

Mycroft e Sherlock entraram. Uma escada subia a partir do saguão. Como se houvesse estado lá mil vezes antes, Mycroft caminhou diretamente para a escada e segurou o corrimão. Ele se virou para Sherlock.

— Dizem que no Palácio de Inverno, aqui em Moscou, o czar tem uma pequena sala que sobe de um andar ao outro movida por um mecanismo a vapor. Não vejo a hora de todos os edifícios terem essas saletas.

Bufando, ele começou a subir as escadas. Sherlock o seguiu com um sorriso.

No primeiro andar, um corredor comprido e escuro acompanhava todo o comprimento do prédio. Sherlock sentia suaves odores de comida: presunto cozido, repolho refogado, pão. Mycroft andou com confiança pelo corredor até chegar a uma porta. Depois de olhar para os dois lados, certificando-se de que ninguém os observava, ele a empurrou.

A porta se moveu.

— A madeira em torno da fechadura está lascada — comentou ele. — Isso decididamente não é bom.

Mycroft abriu a porta e entrou, puxando Sherlock para dentro. Com um movimento surpreendentemente rápido para alguém do seu tamanho, ele se

encostou na parede e empurrou Sherlock na direção oposta. Sherlock compreendeu que o irmão tentava reduzir ao mínimo o tempo que passavam na soleira, caso houvesse alguém no apartamento com uma arma. Boa ideia.

Eles esperaram alguns momentos, ouvindo com atenção. Não havia nenhum ruído no interior do apartamento. Mycroft então seguiu em frente pelo corredor, até outra porta entreaberta.

O cômodo do outro lado estava uma confusão. Era, ou havia sido, uma sala de estar, mas as cadeiras estavam quebradas e as mesas haviam sido derrubadas. Os quadros nas paredes estavam fora de seus lugares. Cacos de cerâmica e vidro cobriam o chão: restos de estatuetas decorativas, xícaras de chá e taças de vinho. Não havia ninguém ali, vivo ou morto.

O olhar de Mycroft varreu o cômodo depressa. Ele se virou e voltou ao corredor para verificar os outros aposentos. Olhando por cima do ombro do irmão, Sherlock constatou que um deles era um dormitório, e o outro, um banheiro. Não havia ninguém neles, mas também estavam revirados, como a sala de estar.

— Alguém esteve procurando alguma coisa — murmurou Mycroft, de pé na entrada e olhando em volta.

— E não encontraram — concluiu Sherlock.

— Tem razão, mas como chegou a essa conclusão?

— Se tivessem encontrado, haveria áreas sem objetos quebrados e móveis virados. As áreas em que eles não teriam procurado, se não fosse necessário.

— A não ser...? — incentivou Mycroft.

— A não ser que tenham encontrado o que procuravam no último lugar que revistaram — falou Sherlock depois de pensar por um momento.

— Ou, mais provavelmente...?

— Ou não tinham certeza sobre o que procuravam, por isso tiveram de olhar tudo.

O irmão de Sherlock assentiu.

— Correto. O que mais pode deduzir pelo estado deste lugar?

— Quem o vasculhou não se incomodou com a possibilidade de alguém saber, ou teria feito um esforço para deixar o apartamento mais arrumado.

— Está certo novamente. — O rosto de Mycroft era inexpressivo. — Temo pela vida de Robert Wormersley. Ou ele estava aqui quando ocorreu a revista, e nesse caso foi levado por quem arrombou a porta e revirou o apartamento, ou não estava em casa, e deve ter fugido assim que chegou e viu a porta arrombada. De qualquer maneira, o destino dele ainda é incerto.

— Ele não estava aqui no momento — afirmou Sherlock com segurança.

— E você concluiu isso como?

O menino apontou para a porta da frente.

— A porta estava trancada, mas sem o ferrolho. É possível vê-lo intacto atrás da porta. Se seu amigo estivesse no apartamento e houvesse trancado a porta, ele a teria aferrolhado também, sem dúvida. O fato de terem encontrado a porta trancada mas sem o ferrolho indica que ele estava fora e que havia fechado a porta ao sair.

— Bom trabalho — disse Mycroft em um tom aprovador.

Sherlock voltou à sala e olhou tudo de novo. Havia algo ali que o incomodava, mas não sabia bem o que era. Alguma coisa fora do lugar. Ou alguma coisa no lugar, enquanto todo o resto não estava. E isso o incomodava como uma coisa presa entre os dentes.

— Tem alguma coisa que não estou percebendo — disse ele. — Ou estou percebendo alguma coisa que não entendi.

— A compreensão chegará — afirmou Mycroft — se você permitir. Deixe sua mente processar o problema enquanto você pensa em outra coisa. — Ele olhou em volta. — Receio que não haja mais nada para ver aqui. Temos de ir embora.

Do lado de fora, na rua, Mycroft fez sinal para uma carruagem que passava. Sherlock o cutucou.

— Acho que lembro o caminho de volta até o hotel. Vim reparando nas ruas pelo trajeto até aqui. Tudo bem se eu for a pé? Quero ver um pouco da cidade.

— Muito bem — respondeu Mycroft, entregando ao irmão algum dinheiro. — A principal moeda da Rússia é o rublo. Um rublo é dividido em exatamente cem kopeks. — Ele bateu no ombro de Sherlock. — Agora vá e dê uma olhada por aí. Acho que vou voltar ao hotel e pensar no nosso próximo passo.

Quando a carruagem que levava Mycroft desapareceu além da esquina, Sherlock começou a andar. Moscou parecia, soava e, mais importante, cheirava de forma diferente dos lugares aos quais estava acostumado. A neve, por exemplo, abafava boa parte dos ruídos, por isso o clamor com que se habituara em Londres quase não existia ali. Moscou parecia ser uma cidade quieta. Porém, pensou ele, a quietude podia ser resultado do medo que o povo sentia da polícia secreta do czar e do que acontecia com as pessoas que diziam as coisas erradas.

A rota estava fixada em sua mente, e Sherlock foi caminhando e admirando a sólida e impressionante arquitetura da cidade. Ao se aproximar do hotel, descobriu-se em uma praça tão grande que parecia quase acompanhar a curvatura da Terra. Diante dele, uma catedral se erguia como se fosse uma criação fantástica feita de sorvete de morango e fios de açúcar. Nunca vira nada assim em toda a sua vida. Era uma série de torres de alturas e, pelo que parecia, diâmetros diferentes, encimadas aleatoriamente por pináculos pontiagudos ou

cúpulas em forma de cebola, pintados ou revestidos com ladrilhos coloridos: vermelho, verde, azul, amarelo e branco, tudo entremeado com estampas xadrezes ou em espiral. Cada pináculo ou cúpula era rematado por um grande crucifixo. Sherlock contornou lentamente a catedral olhando tudo, e notou que ela sempre parecia diferente. Não havia uma simetria óbvia. Qualquer que fosse o ângulo do observador, ele veria uma forma diferente. Como muitas coisas que vira na Rússia desde a sua chegada, a catedral dava a impressão de ser um meio-termo entre completo acidente e criação proposital.

À direita, do outro lado de um canal parcialmente congelado, ele viu as paredes altas de tijolos vermelhos do lugar que acreditava ser o Kremlin — o palácio onde morava o czar Alexandre II, de onde ele governava seu imenso império. Entre a catedral e as muralhas do Kremlin, estendendo-se à direita de Sherlock, ficava a Praça Vermelha.

Diversas ruas largas partiam da Praça Vermelha. Sherlock escolheu uma delas, a que acreditava seguir até o Hotel Slavianski Bazar, e começou a andar. Uma placa presa a uma parede próxima anunciava que aquela era a rua Neglinnaia. Além das lojas dos dois lados, também havia barracas enfileiradas no meio. As lojas pareciam vender principalmente casacos de pele, chapéus, botas ou alimentos variados. Cada uma tinha uma placa pintada com cores fortes do lado de fora indicando o que exatamente era comercializado no interior. As barracas eram mais simples, oferecendo vários tipos de mercadoria, de facas a tabaco, de bolsas a roupas usadas, botões e retalhos. Algumas vendiam itens religiosos: cruzes, pinturas de santos em placas de madeira e coisas assim. Sherlock percebia que a Rússia era uma sociedade muito mais abertamente religiosa que a Inglaterra.

Vendedores de chá perambulavam entre as lojas e as barracas, empurrando carrinhos de mão nos quais eram transportados cântaros de chá precariamente equilibrados. Também vendiam lanches: cordões em torno do pescoço dos vendedores carregavam roscas como grandes pingentes.

Em cada esquina, Sherlock notou, havia cabines de madeira ocupadas por homens em uniformes cinzentos e capacetes pretos. Todos levavam espadas em bainhas ao lado do corpo. Os que não estavam dormindo em seus postos pareciam entediados e com frio.

Sherlock consultou o relógio e decidiu que era hora de voltar. Antes de atravessar o cruzamento da via com uma rua secundária, ele parou. Alguém que andava atrás dele perto demais deu-lhe um esbarrão. Sherlock virou, já pedindo desculpas, mas o homem o empurrou e seguiu em frente reclamando em voz baixa. Ao mesmo tempo, notou que ocorria uma conversa animada em uma das cabines de madeira. Um homem usando chapéu de pele com abas nas orelhas e

casaco pesado falava com o policial na cabine, gesticulando intensamente. Sherlock estava quase indo embora quando o homem de chapéu se virou e apontou para ele. O policial lançou um olhar feio para Sherlock.

Um arrepio percorreu seu corpo.

O homem de chapéu parecia dizer que alguma coisa lhe fora tirada. Ele apontava para o bolso do casaco, enfiando a mão nele e tirando em seguida, como se imitasse alguém roubando sua carteira. Então apontou novamente para o garoto. Sherlock olhou por cima do ombro para ver se havia mais alguém por perto, alguém que o homem pudesse estar acusando, mas não havia ninguém em um raio de dez metros.

Sherlock abriu os braços em um gesto de inocência, olhando para o policial e esperando que ele simplesmente o mandasse embora, mas, em vez disso, o oficial gesticulou de forma autoritária, indicando que ele devia se aproximar.

Sherlock olhou mais uma vez para o homem que fizera a reclamação. Por um segundo, ele sorriu. Era o sorriso de alguém que aplicara um golpe particularmente astuto e esperava para ver o inevitável resultado. Quando notou que Sherlock o observava, ele apagou do rosto o sorriso como se apagasse um quadro-negro.

Tomado de assalto por um pensamento muito desagradável, Sherlock enfiou a mão no bolso do paletó. Os dedos encontraram um objeto que não estava ali antes: alguma coisa retangular feita de couro.

Uma carteira.

De repente tudo ficou claro. Era uma armadilha! O homem que tinha esbarrado nele e ido embora havia colocado a carteira em seu bolso. O outro — o que conversava com o policial — não havia sido roubado, mas, no instante em que vira a carteira sendo deixada no bolso de Sherlock, dirigira-se à cabine do policial para fazer a queixa, acusando-o de furto. Quando os bolsos de Sherlock fossem revistados, uma carteira seria encontrada, e o homem sem dúvida a reconheceria, mesmo que não fosse dele. Sherlock seria preso, e as evidências falariam contra ele.

Era um pesadelo!

O policial acenou novamente, dessa vez com mais severidade. O coração de Sherlock disparou. Podia sentir o suor molhando suas axilas e escorrendo pelas costas, colando a camisa à pele. Preso em um país estrangeiro por roubo? Teria sorte se voltasse a ver a luz do dia, e isso se tivesse um julgamento justo. Considerando a astúcia com que tudo fora engendrado, as chances eram de que todas as possíveis saídas houvessem sido antecipadas. Eles — quem quer que fossem — podiam ter comprado o juiz, o júri, todos os envolvidos. Isto é, se é que havia juízes e júris na Rússia. Não tinha ideia de como funcionava o sistema

judiciário do país. Tinha a sensação, baseada no que lera nos jornais ingleses, de que a Rússia czarista funcionava à base de uma polícia secreta e com pessoas que desapareciam das ruas para nunca mais serem vistas.

Podia correr, mas eles deviam ter previsto também essa possibilidade. Olhou em volta, tentando decidir quem no ambiente em volta fazia parte da conspiração.

À esquerda, um homem de casaco preto e chapéu de pele desviou o rosto quando Sherlock olhou para ele. À direita, um adolescente com o rosto marcado por cicatrizes de catapora o encarou, e uma mulher com as mãos escondidas em um *manchon* de pele repentinamente se interessou pela barraca de tabaco diante da qual estava parada.

Três pessoas, pelo menos. Três pessoas que o impediriam, se tentasse fugir.

Ele examinou desesperado a área em volta mais uma vez, esperando encontrar algum jeito de escapar, mas não havia nenhum. Não estava perto o bastante de nenhuma das barracas para pegar alguma coisa que pudesse usar como arma, e tinha certeza de que ninguém ali o ajudaria se gritasse por socorro.

O policial caminhava em sua direção. A espada permanecia na bainha, mas ele levava na mão direita um cassetete comprido. A expressão em seu rosto sugeria que, qualquer que fosse a atitude de Sherlock, ele pretendia usar o cassetete dentro dos próximos minutos.

Uma rajada de vento trouxe o cheiro de chá e especiarias até Sherlock. Ele virou a cabeça e viu que o vendedor de chá caminhava por entre as pessoas a alguns metros de distância.

Sem pensar, Sherlock deu dois passos e empurrou as costas do homem.

O vendedor de chá caiu e levou consigo o carrinho, que percorreu alguns metros e atingiu uma pedra solta no calçamento. Uma das rodas se ergueu e o carrinho tombou. O cântaro prateado virou, a tampa voou longe quando atingiu o chão da rua e um dilúvio de chá escuro escorreu pelo pavimento, transformando imediatamente a neve em lama marrom. As pessoas pulavam tentando evitar o líquido fumegante. Algumas foram atingidas por respingos e gritaram ao terem as pernas escaldadas.

Enquanto os três observadores e o policial estavam distraídos, Sherlock escapou sorrateiramente entre as pessoas. Ao correr, ele tentou se encolher e manter sempre algumas pessoas entre ele e aqueles que o perseguiam, mas havia pelo menos cinco deles, e era impossível impedir que o vissem.

Um grito soou atrás dele. Era o policial! Ele vira Sherlock, e foi abrindo caminho e empurrando os passantes, ao correr atrás dele. As pessoas tropeçavam e caíam, atingidas pelo cassetete do homem.

Sherlock correu de volta para o lugar de onde viera. Se pudesse despistá-los por alguns minutos, retornaria ao hotel e avisaria Mycroft.

Um apito agudo cortou o ar. Sherlock olhou para trás. O policial ainda o seguia.

As pedras irregulares se mexiam sob os pés de Sherlock, que quase caiu. Equilibrando-se, olhou para frente. Havia uma cabine de madeira na esquina, e o policial que a ocupava já deixara o compartimento e olhava em sua direção. Devia ter ouvido o apito.

O caminho à frente estava bloqueado, assim como às suas costas. Sherlock virou-se para a direita, procurando uma porta ou viela pela qual pudesse escapar. Tudo que viu foram lojas e placas coloridas, as cores se fundindo com a corrida. Sentia o coração disparado no peito.

De repente, ele identificou uma oportunidade: uma escada que descia para um porão. Torcendo desesperadamente para não ficar sem saída, para que a porta lá embaixo não estivesse trancada, Sherlock correu escada abaixo. Agarrando o corrimão, ele fez a curva e voou até o porão de tijolos.

Havia uma porta lá embaixo, mas estava fechada com tábuas. Sem saída.

Ele se virou para subir a escada de novo, mas um apito repentino o ensurdeceu. O policial estava a poucos metros. Talvez não houvesse visto para onde ele tinha ido, mas, se a cabeça de Sherlock aparecesse no nível da calçada, certamente o veria.

Um segundo apito, depois um terceiro. Toda Moscou o perseguia?

Passos se aproximaram. Mais alguns segundos e seria visto.

Sherlock olhou com desespero para a porta fechada, esperando ver uma brecha entre as tábuas, uma fresta grande o bastante em que pudesse se enfiar. Foi quando notou um bueiro no chão. Sherlock caiu de joelhos e tentou puxar a tampa de ferro. A tampa era pesada e estava escorregadia por causa do gelo, assim como seus dedos suados que deslizavam. Sherlock conseguiu levantar a tampa cerca de dois ou três centímetros, mas ela caiu de novo com um estrondo. Aflito, ele a agarrou mais uma vez. Quando conseguiu levantá-la, enfiou os dedos por baixo da tampa; se ela caísse, poderia quebrá-los.

Com o que ainda tinha de força, ele puxou a tampa e a deslizou para o lado. O cheiro de umidade e esgoto brotou, fazendo-o engasgar. A luz fraca do céu encoberto iluminou os primeiros degraus de uma escada de ferro.

Não havia alternativa. Ele entrou na abertura e começou a descer. Quando chegou ao nível do chão, puxou a tampa de volta e, com a alça que havia na parte de baixo, conseguiu fazê-la deslizar pelo buraco até voltar à posição anterior.

De cima, esperava, seria como se a tampa não houvesse saído do lugar.

Sua intenção era ficar ali agarrado à escada de ferro na escuridão pelo tempo que fosse necessário, mas não foi isso que aconteceu. Os degraus estavam molhados e cobertos de musgo, e suas mãos perderam força. No mesmo instante em que ouviu botas pisarem na tampa e pararem, seus dedos sofreram um espasmo repentino e soltaram a escada. Ele caiu na escuridão, tentando não gritar.

CAPÍTULO TREZE

SHERLOCK PREPAROU-SE PARA UMA ATERRISSAGEM dolorosa em um chão de pedra ou cimento, mas caiu na água. Água gelada e corrente.

Não tinha nem um metro de profundidade. Suas costas tocaram o fundo e Sherlock se debateu até emergir, tossindo e sufocando. Resistiu à correnteza colocando um pé diante do outro.

A escuridão o cercava. Sherlock levantou-se. A água gelada roubava o calor e a força de seu corpo. Tentou tocar as laterais do canal ou escoadouro onde havia caído, mas não encontrou nada. O barulho da água também era estranho: não ecoava como deveria se corresse por um túnel de tijolos.

Quando seus olhos habituaram-se à escuridão, ele percebeu que havia luz ali embaixo, afinal. A tampa do bueiro era perfurada, de modo que finos raios de luz penetravam. Mais adiante, e olhando para trás, percebeu que havia iluminação semelhante. Apesar de não saber onde estava, pelo menos assim poderia se localizar.

Estava em um riacho que fluía rapidamente. Dos dois lados, a três metros de distância, em vez das paredes curvas de tijolos que esperaria ver em um esgoto ou escoadouro, havia uma margem de terra lamacenta e pedras em que cresciam uma vegetação anêmica e tufos de grama pálida e fantasmagórica. No alto das encostas, alguns metros de parede sustentavam o teto de tijolos que se estendia sobre o rio.

O musgo descia do teto em longos ramos. Sherlock achou que eles pareciam os tentáculos de alguma criatura bizarra que tateava às cegas, à procura de suas presas.

Um arrastar repentino o assustou. Diretamente acima dele, a tampa do bueiro foi aberta. Uma coluna de luz brilhante desceu até a correnteza por onde ele andava. Rápido, ele deu alguns passos seguindo a corrente para não ser visto.

— Onde ele está? — sussurrou uma voz vinda de cima. Ela falava em francês, mas Sherlock detectou um forte sotaque. O homem devia ser russo. — Será que ele desceu?

— Não estou vendo — respondeu outra voz, essa mais áspera, no mesmo idioma mas sem sotaque. — O que é isso? Um esgoto?

— Você não sabe de nada? — cochichou a primeira voz. — Isso é o velho rio Neglinnaia. Ele encontra o rio Moscou a pouco mais de um quilômetro daqui. Foi coberto há uns cinquenta anos, quando reconstruíram a cidade.

Sherlock olhou em volta. Um rio, não um esgoto? Fazia sentido. Em algum lugar o Neglinnaia ainda devia correr a céu aberto, mas, naquela parte, fora trancafiado na escuridão cinquenta anos antes.

O rio Moscou estava próximo. Um quilômetro seguindo a correnteza. Podia conseguir!

— O garoto deve ter descido — insistiu a voz áspera. — Não há outro lugar para onde possa ter ido. Mas ele subiu ou desceu o rio?

— Desceu — sussurrou o outro homem. — Ele vai seguir a correnteza. É inútil lutar contra ela. — O homem parou para pensar. — Desça e vá atrás dele. Mate-o, se puder; deixe o corpo apodrecer no rio.

— Por que não o agarramos na rua? — perguntou a voz áspera. — Por que causar toda aquela confusão fingindo que o garoto era um ladrão?

— Pegá-lo na rua atrairia muita atenção — cochichou o outro. — Alguém poderia ter interferido. Há policiais por toda a cidade. As instruções foram para tirá-lo do caminho. Prendê-lo era a melhor opção, mas agora, que está fora das vistas, podemos aproveitar para tirá-lo do caminho... de uma vez por todas. Desça e vá procurá-lo.

— Está brincando? A água deve estar congelando!

— Tem uma ideia melhor?

— Sim. Você vai!

O homem que sussurrava bufou.

— Quer falar com o policial, vá em frente. Ele não vai ouvir você como me ouviria; eu, um russo nativo! Além do mais, já estabelecemos que o garoto roubou minha carteira. Que sentido fará se, de repente, eu desaparecer e você assumir meu lugar?

— Tudo bem. — O homem de voz áspera parecia conformado. — E o que você vai fazer?

— Vou chamar aquele policial idiota para organizar uma busca nas ruas, ao longo do curso do Neglinnaia. Encontro você no escoadouro do rio Moscou.

A mente de Sherlock estava a mil. Tinha de seguir em frente, tinha de se mexer agora, antes que o bandido de voz áspera começasse a descer a escada!

Ele deu alguns passos, tentando não fazer barulho. A água gelada envolvia seus tornozelos, penetrava nos sapatos e encharcava as meias, que faziam barulho a cada passo. Sentia um cheiro rançoso: talvez aquilo fosse um rio, e não um esgoto, mas Sherlock imaginava que algumas pessoas o usavam dessa forma.

Atrás dele, barulhos indicavam que o homem de voz áspera descia a escada devagar. Ele também devia ter escorregado, porque gritou, um berro que ecoou pelo canal um segundo antes do baque do corpo mergulhando na água. Uma onda passou por Sherlock, empurrando-o para frente. Ele comemorou por

dentro. Talvez estivesse com sorte; o homem podia ter se afogado! Em seguida, ouviu uma voz gaguejando na escuridão, e o entusiasmo momentâneo desapareceu. Teria de resolver o problema da maneira mais difícil.

Mais sentindo do que vendo as margens do rio, Sherlock se perguntou se não poderia escalar uma delas e sair da água, mas logo rejeitou a ideia. Pelo que vira, as encostas eram íngremes e lamacentas. Era provável que ele escorregasse e caísse na água, o que o faria perder um tempo precioso. Não: por mais que a opção parecesse atraente, tinha de continuar andando pela água. Pela água gelada e fétida.

Sherlock percebeu que se aproximava de outro bueiro. Se não tomasse cuidado, os raios de sol o iluminariam e delatariam sua posição. Ele se aproximou da margem direita.

Na luz fraca que se infiltrava como chuva, Sherlock conseguiu identificar os degraus da escada que descia do bueiro. Estava presa ao teto e provavelmente descia até o leito do rio. Os degraus e corrimãos pareciam corroídos, enferrujados e úmidos. Por um segundo, Sherlock pensou em subir a escada e tentar abrir a tampa, mas logo desistiu. Havia muitas coisas que poderiam dar errado. O perseguidor o veria no momento em que se colocasse na luz, e ele só teria de puxá-lo da escada. Mesmo que tivesse a sorte de chegar ao topo, ainda havia a possibilidade de não conseguir afastar a tampa do bueiro, ou, se conseguisse, de simplesmente emergir no meio do grupo que o procurava na rua lá em cima. Não; por mais que detestasse a situação, precisava seguir em frente.

Os dedos de Sherlock tocavam a água enquanto ele caminhava pelo leito do rio. Alguma coisa roçou nele e ele retirou a mão com um movimento brusco, sufocando um grito. Imaginou que fosse um rato nadando na água poluída, mas talvez fosse só lixo jogado por um buraco na rua. Talvez. Mas seu coração ainda batia acelerado, e suas mãos tremiam.

O leito do rio era irregular e lamacento. Seus pés afundavam e ficavam presos, e ele precisava se esforçar para soltá-los. Impossível prever em que estado estariam seus sapatos quando saísse dali — se saísse. Também havia plantas na água, mato que se enroscava o tempo todo em seus tornozelos e retardava o ritmo da caminhada. Precisava puxar os pés para arrancar a vegetação pela raiz. Pensou nos calçados cobertos de lama, arrastando tufos de plantas a cada vez que ele se movia.

Os sons atrás dele eram mais regulares agora: pegadas constantes indicando que o perseguidor seguia em frente. Sua respiração era ofegante, chiada e áspera, um ruído que se repetia como se fosse uma máquina prestes a dar defeito.

Sherlock se esforçava para enxergar melhor na escuridão, esperando identificar o escoadouro do rio adiante. Imaginava que a passagem fosse um arco

ou uma abertura circular para o rio Moscou, que ele imaginava ser uma corrente larga e caudalosa cruzada por pontes. Mas não conseguia ver nada. A escuridão à sua frente era intensa e ininterrupta.

E se a abertura ficasse sob o nível da água, e acima da superfície não houvesse nada além de uma simples parede de tijolos indicando o ponto onde um rio desaguava no outro? E se houvesse uma grade separando os dois rios? E se não conseguisse passar e tivesse de voltar, passando pelo homem que o seguia, o homem que tinha ordens para matá-lo? Os pensamentos giravam em círculos em sua mente, sem nunca chegar a nenhuma conclusão, colidindo uns com os outros e provocando ondas de choque que reverberavam pelo cérebro.

Precisava se controlar. Tinha de se concentrar, ou não sobreviveria.

Alguma coisa tocou seu rosto. Ele se encolheu, quase gritando de horror, mas conseguiu sufocar o som apertando a boca com o dorso da mão e mordendo com força. Havia sentido algo frio e escorregadio. Ele balançou a mão na frente do rosto e alguma coisa molhada envolveu seu pulso. Sherlock percebeu, aliviado, que era apenas um musgo como os que vira anteriormente pendendo do teto. Sherlock puxou a mão e a planta se soltou do teto com um barulho de sucção.

Quando voltou a caminhar, percebeu que havia perdido completamente a sensibilidade nos dedos dos pés.

O tempo todo, atrás dele, seguiam as pegadas e a respiração pesada do homem que o perseguia. Quando olhou para trás, tudo que viu foi a escuridão. A qualquer segundo poderia sentir a mão em seu ombro, puxando-o para trás, forçando-o sob o rio Neglinnaia, onde ele se afogaria na escuridão completa e seu corpo nunca seria encontrado.

De repente um pensamento lhe ocorreu, e ele hesitou.

Talvez pudesse escalar a margem nesse ponto e esperar seu perseguidor passar. Quando chegou ao bueiro seguinte, ele se aproximou mais uma vez da lateral do rio, onde a margem começava a subir, para que não fosse visto. Esticou as mãos e agarrou um tufo de grama clara que poderia usar para facilitar a subida.

Alguma coisa saiu das sombras e rosnou.

Andava em quatro patas curtas e tinha um focinho pontudo na cabeça triangular que se projetava para trás, com duas orelhas grandes. Os olhos eram pequenos e escuros, e a boca estava retraída, exibindo muitos dentes afiados como cacos de vidro. O pelo marrom e preto que cobria seu corpo era manchado e cheio de falhas.

Atrás dele, três outras criaturas semelhantes se aproximaram. Sherlock percebeu que eram cachorros, mas não pareciam com nenhum cachorro que já tinha visto. Deviam viver ali embaixo, no escuro, geração após geração,

descendentes de vira-latas que conseguiram encontrar o caminho para o rio subterrâneo, alimentando-se de ratos e talvez de peixes. Sem nada para ver, seus olhos haviam sumido e deixado de funcionar, mas as orelhas haviam aumentado para substituir o sentido perdido. Sherlock desconfiava que, para eles, o som era tudo.

Por um momento, ele se lembrou dos túneis sob a estação de Waterloo e das crianças selvagens que lá viviam. Sherlock teve pena delas, uma emoção que estivera ocupado demais para sentir durante a fuga. Aquelas crianças haviam sido forçadas a viver como animais selvagens, mas pelo menos os cachorros de Moscou tinham as garras e os dentes para garantir sua sobrevivência. As crianças não tinham nada além da inteligência, e Sherlock achava que até isso perderiam em pouco tempo.

O líder da matilha franziu o focinho. Era como se tentasse farejar o ar, mas o cheiro de podridão que subia como um gás do rio tornava o esforço inútil. As orelhas balançaram ao, também em vão, tentar determinar para onde Sherlock fora. Estava bem em frente, com a mão estendida, mas, enquanto não se movesse, o animal não poderia ouvi-lo.

Bem, essa era a teoria, pelo menos.

Sua mão estava tão fria que precisou cerrar o punho para conter o tremor, mas era difícil suportar o torpor. Seus dedos sofreram um espasmo repentino. O ruído de sua mão se movendo, apenas um sussurro para Sherlock, deve ter sido como uma explosão aos ouvidos dos cachorros. O líder saltou para a frente. Sherlock tirou a mão do caminho, e os dentes afiados do animal se fecharam sem atingi-lo. O cachorro inclinou a cabeça para trás e começou a latir. Os outros três o imitaram. O som ecoava pelo túnel.

Sherlock recuou, mas o barulho que fez ao vadear o rio delatou sua posição, facilitando o ataque dos cães.

O líder deu alguns passos e saltou por cima de Sherlock com a boca aberta.

Um braço envolveu o pescoço de Sherlock e o apertou com força, girando-o na água.

— Peguei!

Seu perseguidor só teve tempo de gritar aquela palavra antes que o líder da matilha o atingisse como uma bala de canhão, cravando os dentes em seu braço. O alvo do animal não era esse, mas ele não era exigente. Mordeu com força.

O perseguidor de Sherlock gritou, um som estridente e agudo demais para um homem de voz tão áspera. O braço em torno do pescoço do menino enfraqueceu, e ele se libertou.

A luz que penetrava pelos buracos nas tampas dos bueiros permitiu que Sherlock visse o homem se debatendo na água, tentando livrar-se do cachorro.

Dois dos três que ainda estavam na margem também pularam na direção dele. Um mordeu a perna do homem enquanto o outro caía em seu peito e abocanhava a garganta. O homem caiu para trás no rio sujo, os braços se debatendo loucamente.

Sherlock se afastou com cuidado pela água quando o último cachorro mergulhou e desapareceu. Por um segundo, ele pensou em subir a margem, mas podia haver mais cachorros escondidos. Relutante, seguiu em frente.

Atrás dele, ouviu ruídos de luta na água e grunhidos, depois só os movimentos na água, depois nada.

Adiante dava para ver uma luz fraca, como uma lamparina a óleo pendurada em uma porta em uma noite escura. Sherlock continuou andando, vendo a água formar ondas a sua frente enquanto corria. A luz tornou-se mais brilhante, ferindo seus olhos, e assumiu a forma de um arco — um arco pelo qual era possível ver a água azul-acinzentada de um rio maior correndo perpendicular àquele em que ele estava.

Seus olhos já se haviam habituado à luz do dia quando ele alcançou o arco. Não havia grades nem quaisquer obstáculos impedindo a passagem. O rio Neglinnaia desaguava no rio Moscou por uma abertura nas margens a cerca de trinta centímetros de altura, formando uma pequena cachoeira.

Sherlock continuou andando. Segurando-se à abertura na parede com uma das mãos, debruçou-se e olhou para o lado, para as margens do rio Moscou.

O rio corria entre muros de pedras. Se havia algum solo, areia ou outro tipo de piso, estava escondido sob a água. Ao olhar para cima, Sherlock percebeu que o leito pelo qual o Neglinnaia corria ficava uns dois metros abaixo do nível da rua. Uma escada de ferro com a pintura preta soltando flocos vermelhos de ferrugem subia ao lado da abertura. O problema, Sherlock sabia, era que, se subisse aquela escada, poderia acabar nos braços do policial e do homem que o acusara de roubar sua carteira.

Ele olhou para o rio outra vez e notou uma coisa que não percebera antes: uma altura em que as pedras recuavam cerca de trinta centímetros. Parecia acontecer a intervalos de dois metros e provavelmente era uma tentativa do arquiteto de garantir que o espaço sobre o rio se tornasse mais largo conforme o nível da água subisse, talvez para evitar que transbordasse. Qualquer que fosse o motivo, isso dava a Sherlock uma saída. Tudo o que tinha de fazer era seguir por aquela faixa de pedras como se andasse na corda bamba.

Foram necessários trinta minutos de manobras cuidadosas, durante os quais ele quase caiu três vezes nas águas do rio Moscou, que fluía sob ele. No começo estava molhado e com frio, mas no final estava seco porém congelado, embora não soubesse se o vento encanado que corria pelas margens do rio secara suas

roupas ou se as roupas ensopadas haviam congelado. Quando finalmente encontrou a escada enferrujada que o levou à superfície, também teve a sorte de encontrar um braseiro a poucos metros, cheio de carvões em brasa, em que um russo assava castanhas. Por alguns kopeks, o homem deixou Sherlock se aquecer ao lado das brasas.

Passada meia hora e depois de comer dois sacos de castanhas torradas, Sherlock sentia-se decente o bastante de novo para voltar ao hotel. Tinha quase certeza de que agora estava seguro: não vira ninguém andando pela margem do rio à sua procura e, pelo que pudera compreender, os bandidos o haviam encontrado por acidente, como os de Londres. Ele acenou agradecido para o vendedor de castanhas e se afastou. As pernas doíam, a cabeça também, e as roupas estavam duras, muito diferentes do jeito como eram antes, mas pelo menos estava relativamente aquecido e seco.

A caminhada de volta levou apenas vinte minutos e, quando finalmente viu a porta de entrada do Hotel Slavianski Bazar, Sherlock suava por causa do esforço. O vento frio de Moscou transformou a umidade em sua testa suada em gelo após poucos instantes.

Acontecia alguma coisa na frente do hotel. Uma carruagem negra puxada por cavalos, sem marcas ou brasões visíveis, estava parada na rua. As portas ficavam na parte traseira do veículo, e não nas laterais. O condutor usava roupas cinzentas simples e chapéu de pele, assim como os dois homens que saíram do hotel e se dirigiram à carruagem. A diferença, porém, era que esses últimos arrastavam um terceiro homem entre eles. Ele vestia um terno preto de qualidade e colete.

Era Mycroft.

Ele protestava em voz alta e resistia, mas Sherlock não conseguiu ouvir o que dizia.

O condutor desceu do seu lugar para ajudar os dois homens a empurrar Mycroft para o veículo. Os outros entraram depois e fecharam a porta. Parecia que o condutor passara um ferrolho para trancar a porta por fora.

Então o condutor voltou a seu lugar e estalou o chicote acima da cabeça dos cavalos. Os animais afastaram-se trotando, levando a carruagem para longe de Sherlock.

O desânimo o dominou. Tudo o que havia enfrentado nas últimas horas, nas últimas semanas, tudo levara àquele momento: estava sozinho na rua de uma cidade estrangeira enquanto seu irmão era levado pela polícia secreta. Sherlock tentou pensar em alguma forma, em alguma pequena semente que pudesse tornar-se um plano para trazer Mycroft de volta, mas não conseguiu nada. Ele literalmente não fazia a menor ideia do que fazer em seguida.

CAPÍTULO CATORZE

— SE VOCÊ VALORIZA SUA VIDA e liberdade, não olhe!

Sherlock olhou em volta. Havia um homem de pé ao seu lado, vestindo um casaco puído fechado até o pescoço e um chapéu de pele que ele mantinha quase tapando os olhos. Sherlock nem conseguia ver sua boca.

— Por que não?

— Porque a Terceira Seção é invisível. Chega, leva as pessoas e ninguém vê. Ninguém vê porque ninguém olha.

— O que vão fazer com ele?

— Se tiver sorte, talvez uma execução rápida — disse o homem. — Se não tiver, então será o *knout* ou o *pleti*.

— O que é isso? — indagou Sherlock, horrorizado.

O homem estremeceu.

— São como chicotes, só que piores. Muito piores.

Sherlock percebeu que o homem falava francês, não russo.

— Quem é você?

— Meu nome é Robert Wormersley.

— Mycroft disse que você era... — Ia dizer “agente”, mas trocou a palavra no último instante — amigo dele.

— De fato. — O rosto de Wormersley sob o chapéu de pele era radiante e atento ao encarar Sherlock. — E você é irmão dele. O único irmão. Tem os mesmos olhos. Ele sempre falava de você.

Os olhos de Sherlock seguiram a carruagem, que desaparecia na esquina.

— Ele se foi. O que vamos fazer?

— Vou lhe dizer o que não vamos fazer. Não voltaremos àquele hotel. Não voltaremos ao hotel porque eles devem ter deixado alguém esperando por você. — Wormersley olhou em volta. — Há um bom café não muito longe daqui. Vamos comprar uma bebida quente, porque parece que você está precisando de uma e eu com certeza quero me sentar e descansar um pouco. Podemos pensar em um plano de ação enquanto estivermos lá.

— Tudo bem. — Sherlock estava tão cansado que só queria que tudo isso acabasse. Queria que outra pessoa assumisse o comando. — Vamos lá.

O café ficava a dez minutos de caminhada, no porão de um prédio comercial, ao qual se chegava descendo uma escada de ferro externa. No final da escada havia um pequeno pátio e uma área envidraçada onde funcionava o café.

Wormersley indicou o caminho e conduziu Sherlock a uma mesa rústica. Então andou até o minúsculo balcão e comprou duas xícaras de chá, que foram servidas de um grande cântaro.

Sherlock examinou os outros clientes. Havia homens, mulheres e crianças sentados em duplas ou sozinhos, todos vestindo muitas peças de roupa. A maioria dos homens lia jornais ou livros. Ninguém olhava na direção dele e de Wormersley.

Sherlock observou um homem em especial, um desconhecido usando um pesado sobretudo e comendo uma espécie de panqueca. A pele de seu rosto era vermelha e irregular como uma batata. Nunca o vira antes, mas havia algo de familiar nele.

— Pirozkhi — disse Wormersley, colocando um prato na mesa deles. — Salgados russos: um pouco de carne, alguns vegetais, tudo apimentado.

Ele despiu o casaco, tirou o chapéu e os deixou em uma cadeira vazia. Era magro, de uns vinte anos, calculou Sherlock, com cabelos louros e ralos, grandes costeletas, um bigode estreito e curvo que parecia desenhado com uma pena, e um pequeno e bem cuidado cavanhaque.

Sherlock bebeu de bom grado um gole do chá preto. Olhou novamente para o homem na mesa vizinha, tentando entender por que ele parecia familiar, mas era um desconhecido. Sherlock percebeu que sua mão tremia. Estava nervoso.

— Mycroft achou que você podia ter sido preso — disse ele.

— E ele veio até a Rússia verificar? Mycroft veio até a Rússia verificar? — Wormersley sorriu. — Eu devia me sentir honrado.

— Então, o que aconteceu?

Sherlock deixou a xícara na mesa e provou um dos salgados. O recheio saboroso estava quente: carne moída e cogumelos. O vapor queimou seus lábios.

— Um dia eu encontrei a Terceira Seção revirando meu apartamento. Sabia que era a Terceira Seção por causa dos ternos baratos. Saí de lá antes que percebessem minha presença. Desde então, tenho mudado de lugar constantemente, indo de um hotel ruim para o outro, sem nunca ficar muito tempo no mesmo endereço. Tentei mandar notícias para Mycroft, mas todos os postos de telégrafos são controlados por oficiais do czar. — Ele balançou a cabeça. — Quem poderia imaginar, o velho Mycroft abandonando o conforto de sua poltrona em Londres e vindo até aqui só para ver se estou bem!

— Não é só você — disse Sherlock.

Rapidamente, ele contou a Wormersley o que havia acontecido em Londres e em Moscou.

Wormersley se reclinou na cadeira e bebeu o chá.

— Interessante — comentou. — Interessante e bizarro.

— É como ter parte dos fragmentos de uma porcelana quebrada — comparou Sherlock. — Não tenho ideia de que tipo de objeto os fragmentos comporiam se fossem colados.

Ouvindo o que acabara de dizer, ele tentou compreender por que a comparação com uma porcelana quebrada surgira de repente em sua mente.

— Tudo depende do motivo pelo qual Mycroft foi preso — refletiu Wormersley. — Ele está no país com o nome verdadeiro ou com um falso?

— Ele aqui se chama Sr. Sigerson — respondeu Sherlock. — Veio com uma companhia de teatro para fazer algumas apresentações a convite de um príncipe russo. Iusupov, acho.

Wormersley assentiu.

— Bom disfarce. Ele esteve no meu apartamento?

— Nós dois estivemos.

— Então é provável que seja por isso que ele tenha sido preso. Estavam vigiando o apartamento e prenderam Mycroft, supondo que ele soubesse onde eu estava escondido.

— Isso não faz sentido. — O chá e os salgados estavam ajudando Sherlock a recuperar a capacidade de raciocínio. — Se isso fosse verdade, eles o teriam detido, e também a mim, no apartamento, em vez de esperar até voltarmos ao hotel. E o que você disse não explica por que tentaram me acusar de furto.

Parou por um momento, tentando organizar as ideias e examiná-las, como Amyus Crowe havia ensinado. Tentar vê-las como rastros deixados por algum animal no solo e na vegetação. Para onde foi o animal e de que tamanho era? E quantos animais havia? De repente ele se espantou com um pensamento.

— É quase como se houvesse duas organizações distintas em ação: uma secreta, que atua acusando pessoas de coisas que não fizeram, e outra que prende as pessoas abertamente e as joga em carruagens. Uma não oficial, a outra sim.

Wormersley assentiu com cautela.

— Estou acompanhando seu raciocínio. Continue.

— A organização oficial, que suponho que seja a Terceira Seção, não tinha nenhum motivo para prender o Sr. Sigerson, o inocente gerente de uma companhia teatral. Por outro lado, se sabiam que ele é na verdade Mycroft Holmes, um oficial britânico em Moscou em missão secreta, então teriam todos os motivos para detê-lo.

— Sim, mas quem contaria a eles? — Wormersley assentiu. — A misteriosa e secreta segunda organização de que falou há pouco, presumo. Mas por que desejaria Mycroft preso?

— Para tirá-lo do caminho? — Sherlock refletiu por um instante. — Não, isso não faz sentido. Há maneiras mais simples de se tirar alguém do caminho.

Não, eles deviam querer que Mycroft fosse preso. — Pausou por mais um momento para analisar as pistas. — Deviam querer que ele fosse preso pela Terceira Seção, que é controlada por um homem que Mycroft disse conhecer: o conde Piotr Andreievitch Chuvalov. Eles se conheceram na França alguns anos atrás.

Wormersley gesticulou para Sherlock baixar o tom de voz.

— Melhor não mencionar esse nome em público — avisou. — A Terceira Seção tem ouvidos em todos os lugares. Falar o nome dela é o suficiente para atrair a atenção da organização.

Sherlock estava agitado demais para parar. Era como se estivesse diante de peças de um quebra-cabeça e as movesse mentalmente até conseguir descobrir qual era a imagem. Ou, sugeriu o cérebro novamente, como vários pedaços de porcelana que ele reunia em pensamento até formar algum objeto. Agora estava claro para ele que a segunda organização — a secreta — queria que Mycroft fosse preso porque sabia que o conde Chuvalov o interrogaria pessoalmente. Seu irmão era um importante diplomata e Chuvalov o conhecia. Era improvável, pensou Sherlock, que o conde confiasse o interrogatório de um importante diplomata a um subordinado, e provavelmente não iria querer que ninguém mais estivesse presente caso algum segredo diplomático fosse revelado. Seria uma conversa educada entre dois cavalheiros que se conheceram no passado — um encontro que aconteceria no escritório de Chuvalov, porque era lá que ele se sentia mais confortável, mais à vontade. E por Mycroft ser um homem importante, que merecia respeito.

A verdade invadiu a cabeça de Sherlock de repente, tão óbvia, tão monumental, que ele ficou sem fôlego por um momento, surpreso por não tê-la percebido antes. Isso tudo tinha sido armado desde o princípio! Tudo que acontecera em Londres fora planejado para levar Mycroft a Moscou! O assassinato no Diogenes Club não fora uma tentativa de impedir que visse os relatórios no escritório — era um jeito de garantir que ele os veria. Se achasse que tais relatórios eram importantes o bastante para que alguém o incriminasse por assassinato de modo a impedir Mycroft de lê-los, ele então prestaria muita atenção aos relatórios quando voltasse ao escritório! Eles eram a isca no fim da linha de pesca que se estendia até Moscou!

Wormersley encarava Sherlock intensamente, mas os pensamentos do menino se desdobravam rápido demais para ele conseguir dizer alguma coisa. Os pedaços de porcelana se uniam em sua cabeça. Os detalhes iam ficando cada vez mais claros.

A companhia de teatro era uma farsa, deduziu Sherlock, surpreso. Só podia ser. Era outro relatório sobre a mesa de Mycroft — parecia uma coincidência,

mas não era. A organização secreta, seja lá qual fosse, queria seu irmão em Moscou para conseguir prendê-lo, e por isso deram a ele uma razão para ir a Moscou e um jeito de chegar lá, tudo pronto e perfeito!

Sherlock via os rostos dos membros da companhia de teatro — Sr. Kyte, Sr. Malvin, Srta. Dimmock, Sra. Loran, sem mencionar o regente, Sr. Eves, e seus músicos. E os ajudantes — Pauly, Henry, Judah e Rhydian? Todos eles faziam parte da farsa? Todos estavam interpretando, até os que não eram atores? A escala dessa empreitada era fantástica!

Pensando em retrospecto, tudo ficou muito óbvio. Essa organização secreta estava contando com o fato de que Mycroft ficaria confuso depois da prisão em Londres e agarraria a primeira boa oportunidade de ir a Moscou. Mas Sherlock e Amyus Crowe também estiveram lá, forçando a organização a encontrar um jeito de tirá-los do caminho. Isso explicava o ataque no museu. A organização reagia rapidamente a eventos inesperados, e era por isso que havia sido tão difícil entender seus planos.

Sua respiração estava acelerada, e Sherlock sentia o entusiasmo de saber que estava certo, uma sensação que inundava seu corpo e estimulava todos os nervos.

Tudo havia sido projetado, fato a fato, para garantir um encontro privado entre Mycroft e o conde Piotr Andreievitch Chuvalov, o chefe da Terceira Seção, no escritório dele. Tudo havia levado àquele momento. Mas por quê? Pensando em tudo que havia acontecido, Sherlock concluiu o óbvio ululante. Queriam matar o conde Chuvalov, e queriam colocar a culpa em Mycroft. Esse era o *modus operandi* da organização — culpavam pessoas por coisas que não haviam feito. Haviam incriminado Mycroft por assassinato e Sherlock por roubo.

Sherlock encarou Wormersley.

— E você é parte disso, não é?

As palavras saíram de sua boca numa torrente repentina, mas ele sabia que eram verdadeiras. Sua mente, uma fração de segundo antes, relacionara todas as provas.

— Você é realmente irmão de seu irmão. Bravo!

O silêncio invadiu o café. Era como se todos os outros clientes tivessem feito uma pausa em suas conversas ou refeições, deixando o momento prolongar-se.

Wormersley assentiu e abriu um sorriso com os lábios finos.

— É claro que sou parte disso. Não me surpreende que você tenha percebido, não mesmo, considerando quem é seu irmão, mas estou interessado em saber o que me delatou.

— Duas coisas — respondeu Sherlock, tentando manter a voz calma. — Sua barba é uma delas, claro. Você disse que está fugindo há mais de uma semana, indo de um hotel ruim para o outro, mas a barba e o bigode estão perfeitamente

aparados. Era de se esperar que um homem na sua situação teria em mente coisas mais importantes que a aparência.

Wormersley passou a mão no queixo.

— Um bom argumento. Nunca resisto ao impulso de me apresentar bem. E a outra coisa?

— Seu apartamento. Supostamente foi revistado, mas a bagunça era organizada demais. — Agora ele percebia que era isso que sua mente tentara mostrar quando fez a comparação com pedaços de porcelana. — Se alguém houvesse mesmo revistado o apartamento e quebrado tudo que via pela frente, os objetos estariam espalhados de forma aleatória, mas as peças de decoração menores que foram destroçadas ainda estavam em cima da mobília destruída. Alguém percorreu o lugar de forma metódica, quebrando primeiro as coisas maiores, depois os objetos menores. Isso não é uma revista, é uma cena.

Wormersley assentiu.

— Vou me lembrar disso na próxima vez. Excelente capacidade de observação, Sr. Holmes. Excelente, de fato.

Sherlock olhou em volta.

— Estamos em público, sabe? Não pode me arrastar daqui, esperneando e gritando, sem ninguém reagir.

— Ah, acho que você subestima a capacidade dos russos de não se envolverem em assuntos alheios. — Ele riu de repente. — Mas, só para o caso de querer experimentar...

Ele olhou em volta e estalou os dedos.

Todos no café se viraram em sua direção. Não havia surpresa no rosto daquelas pessoas. A expressão era a de soldados diante de um oficial comandante: de paciência enquanto aguardavam suas ordens.

Sherlock olhou para as duas mulheres do outro lado da sala. Uma era jovem, com cabelos castanhos presos sob um lenço, e a outra de meia-idade, com um chapéu de pele. Srta. Dimmock e Sra. Loran? Ele não conseguiu afirmar com certeza, não até a mulher mais jovem sorrir e, de repente, a fina linha de seu maxilar aparecer sob a maquiagem.

Os homens podiam ser o Sr. Malvin, o Sr. Furness, o Sr. Eves e os vários músicos cujos nomes Sherlock jamais decorara? O regente da orquestra, se era mesmo ele, havia raspado o bigode — ou, o que era mais provável, retirado o bigode falso —, mas um dos homens era alto o bastante para ser ele.

O desconhecido com rosto de batata piscou para Sherlock. Depois, ergueu a mão e puxou a pele irregular. Pedaços se soltaram como massa moldável, e ele tirou vários pedaços até exibir seu rosto verdadeiro: bochechas cobertas de finas veias vermelhas e um nariz de couve-flor. Era o Sr. Furness.

— Que alívio! — exclamou ele. — Isto aqui pinica que é um inferno! Maquiagem artística, lembra?

Agora que olhava para aqueles rostos, Sherlock viu que as quatro crianças eram, na verdade, Judah, Pauly, Henry e Rhydian, todos juntos e encolhidos contra o frio, com sujeira cobrindo o rosto, dentes falsos sobre os verdadeiros, enchimento nas bochechas e uma sutil maquiagem alterando as linhas do rosto. Pauly assentiu pra Sherlock; Henry apenas deu de ombros, como se isso fosse uma ocorrência diária.

Embora houvesse compreendido a maior parte do que acontecera com uma série de deduções, Sherlock não havia antecipado essa parte da história.

— E agora? O que vai acontecer? — perguntou.

— Agora — respondeu Wormersley —, vamos ficar aqui sentados, bebendo chá e comendo nossos salgados. O dono do café não vai nos incomodar; ele foi bem pago para não se intrometer. Ficaremos aqui até o conde Piotr Andreievitch Chuvalov estar morto e seu irmão ser preso pelo seu assassinato.

— Mas para que isso vai servir? — indagou Sherlock. — Por que todo esse trabalho para trazer Mycroft a Moscou? Por que você mesmo não matou o conde Chuvalov?

Wormersley deu de ombros.

— Você não imagina como ele é bem protegido. Nunca é visto em público e quando viaja está sempre acompanhado de guarda-costas, homens que o acompanham há mais de vinte anos. Gente de uma lealdade fanática. Quando o conde viaja, envia diversas carruagens em diferentes direções, e ninguém sabe em qual delas o homem está. É uma pessoa importante, a segunda mais importante da Rússia, atrás apenas do czar. Acredite, nós tentamos. Muitas vezes. A única solução foi criar uma situação na qual sabíamos onde e quando ele estaria sozinho.

— Mas o que ele fez a vocês?

— Ele sabe que nós existimos, mas não aprova. E quer nos deter.

— E quem são vocês?

— Somos a Câmara Paradol — anunciou uma voz atrás de Sherlock.

As palavras causaram um arrepio de medo no garoto.

Sherlock virou o rosto. A Sra. Loran, a mulher que sempre o tratara com bondade, havia deixado sua mesa para se aproximar da deles. Ainda sorria com a simpatia de sempre, envolta em roupas que a faziam parecer uma avó russa, mas havia nos olhos dela um brilho duro que Sherlock não notara antes.

— O que é a Câmara Paradol? — perguntou Sherlock. Sua voz instável revelava medo e decepção por, mais uma vez, ter sido desapontado por um adulto de quem gostava e em quem confiava.

— Uma organização — respondeu ela. — Um clube. Um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante. Um estado mental. Talvez até uma nação sem território. Tudo isso e mais. Somos as pessoas que enxergam como o mundo se move e decidiram que não gostavam disso. Somos aqueles que decidiram mudar o curso da história.

— Então, tudo aquilo sobre a venda do Alasca para a América e a possibilidade de os americanos não realizarem os pagamentos, abrindo espaço para a Espanha se manifestar e comprar o território...? Tudo isso era mentira?

Ela riu.

— Não. É tudo verdade. Verdadeiro, mas muito irrelevante. A isca da armadilha. As melhores mentiras são aquelas que, em sua maioria, são verdadeiras. Apenas tiramos proveito de uma situação política real e a usamos como uma isca para seu irmão. Isso, e o desaparecimento do Sr. Wormersley aqui.

— E quanto a Mycroft? Por que ele?

— Foi uma escolha conveniente. Um homem que, mesmo jovem, passou a ser identificado como uma peça central do Governo britânico. Vai ser difícil para o seu Primeiro-ministro alegar que Mycroft Holmes era uma espécie de idealista violento. Não consigo imaginar alguém mais diferente disso que Mycroft Holmes. Não... Quando Mycroft for identificado como o assassino do conde Chuvalov, todos os governos do mundo saberão que a Grã-Bretanha cometeu um assassinato sancionado pelo Estado. A Inglaterra será uma nação pária. Ninguém mais vai ouvir seu país. A influência inglesa sobre os assuntos mundiais deixará de existir.

— E isso é importante para vocês? Tão importante quanto se livrar do conde Chuvalov?

— Somos a Câmara Paradol — a Sra. Loran respondeu simplesmente. — Quando fazemos algo, nunca é por uma só razão. Cada atitude que tomamos atende a muitos propósitos diferentes. É mais elegante assim.

Sherlock olhou para Wormersley com ar crítico.

— Mas por que você? O que envolveu você nessa história toda?

Wormersley olhou para a Sra. Loran como se pedisse permissão para falar. Ela assentiu.

— Já viajei muito — começou Wormersley —, e em todos os lugares em que estive vi pessoas abusando umas das outras, escravizando e ferindo seus semelhantes, sempre em nome da política e da religião. — Sua expressão distante sugeria que ele estava se lembrando de outros tempos e lugares. — O mundo mergulha no caos. Alguém precisa se manifestar e assumir o controle. — Ele sorriu, um sorriso perigoso e sonhador ao mesmo tempo. — Imagine,

Sherlock, um governo mundial! Desde o tempo de Alexandre, o Grande, isso não é possível, e agora o mundo é muito maior! Duvido que aconteça durante minha vida, mas posso ajudar a construir esse futuro... trabalhando para a Câmara Paradol.

— Em uma versão mais prosaica — interferiu a Sra. Loran —, Wormersley estava preso no Japão. Os japoneses não gostam de estrangeiros. Ele teria sido torturado e executado. Conseguimos enviar uma mensagem a ele prometendo tirá-lo de lá se aceitasse trabalhar para nós.

Sherlock mudou a expressão.

— Mas há uma coisa que não entendi. Mycroft e o conde Chuvalov vão estar no escritório dele, sozinhos. E então o que vai acontecer? Como Chuvalov morre, e como Mycroft é responsabilizado pelo assassinato? Não vão poder usar o truque da faca de gelo outra vez, sem dúvida. O conde não vai se matar.

— O truque da faca de gelo foi útil e um bom ensaio para algum assassinato futuro, mas você tem razão, não poderemos usá-lo novamente nessa ocasião. Não, temos um plano diferente, melhor.

— Que plano? — quis saber Sherlock.

— Vamos deixar essa parte como uma surpresa, está bem? — disse ela.

Sherlock balançou a cabeça.

— Todos os seus planos são assim complicados? Sei que Mycroft veio até aqui, foi preso e está prestes a ser interrogado pelo conde Chuvalov, mas várias coisas já poderiam ter dado errado a essa altura. Mycroft poderia não ter sido liberado pela polícia, ou poderia ter decidido não vir, ou fazer a visita de forma oficial, com seu nome verdadeiro. Ou talvez Chuvalov tenha deixado alguém interrogar Mycroft no lugar dele ou resolvido realizar o interrogatório em uma cela, enfim... Qualquer um dos elos dessa corrente poderia ter se partido. As chances de esse plano funcionar eram astronomicamente baixas.

— Não pense nisso como uma corrente — explicou Wormersley. — Pense no plano todo como uma... ah, não sei... uma rede de pesca. Cada nó é uma decisão, mas há muitos caminhos para ir de um lado ao outro da rede. Por exemplo, se Mycroft não tivesse sido solto, teríamos conseguido orientação jurídica para ele, contratado um advogado usando um conhecido benfeitor. Teríamos plantado pistas e indícios que levariam a polícia a concluir que Mycroft era inocente, embora não muito facilmente. Ficamos surpresos quando você e o americano grandalhão se envolveram, mas isso nos poupou muito trabalho. — Ele deu de ombros. — Tivemos de tentar tirá-los do nosso caminho no museu, e depois adaptamos os planos quando ficou claro que Mycroft não viajaria sem você. Se Mycroft não houvesse mordido a isca e vindo a Moscou, teríamos arriscado um pouco mais. Eu poderia enviar a ele uma mensagem

pedindo socorro. De uma maneira ou de outra, e havia muitas maneiras planejadas, Mycroft teria vindo a Moscou e, uma vez aqui, informaríamos a Terceira Seção para que fosse detido. Dizem que a genialidade é a capacidade infinita para controlar detalhes, e a Câmara Paradol conta com vários gênios a serviço de seus propósitos. E assim, inevitavelmente, tudo converge para um único ponto hoje, às três da tarde, quando Chuvalov receberá Mycroft Holmes em seu escritório e morrerá.

— Mas como sabe que isso vai acontecer às três da tarde? — perguntou Sherlock, impotente.

O garoto considerava-se inteligente, mas estava perplexo com a incrível paciência e capacidade de planejamento demonstradas pela Câmara Paradol.

— Temos acesso à programação do conde — informou a Sra. Loran. — Subornamos um secretário do baixo escalão. Ele nunca vê Chuvalov nem se aproxima dele o suficiente para poder assassiná-lo, mas tem conhecimento de sua rotina. Chuvalov tem um intervalo de meia hora entre as 15h e as 15h30 de hoje. Antes, ele estará em uma reunião no Kremlin; depois, deve apresentar-se para uma audiência com o czar. Se acontecer hoje, será às três da tarde. Se não for hoje, saberemos quais são os intervalos em seus horários até o fim da semana.

— E o que vai acontecer comigo?

Wormersley olhou para a Sra. Loran mais uma vez.

— Ah, você sabe demais — disse ela, em voz baixa. — Por isso Wormersley o interceptou na porta do hotel e trouxe você para cá. Tínhamos de determinar o que você sabia e o que poderia deduzir a partir dessas informações. A resposta foi que você sabe demais e que é tão astuto quanto seu irmão. O barão Maupertuis já nos dissera isso, mas precisávamos ter certeza. Não podemos deixá-lo vivo. Você será levado a uma área rural da Rússia e eliminado. Os ursos e os lobos limparão os vestígios por nós.

Um arrepio percorreu o corpo de Sherlock. Olhando em volta, não conseguiu ver nenhuma saída. Estava cercado por agentes da Câmara Paradol. Se tentasse correr, eles o alcançariam em segundos.

E Mycroft? Pobre Mycroft, prestes a ser acusado de um assassinato que não cometera... outra vez. Mas dessa vez não haveria ninguém para provar sua inocência.

Poderia haver uma guerra, uma guerra entre a Rússia e a Inglaterra. Um incidente diplomático de tal magnitude poderia alterar o curso da história. Mas não era exatamente isso o que a Câmara Paradol queria?

— Leve-o — falou a Sra. Loran ao Sr. Furness por cima do ombro. — Certifique-se de que o corpo nunca seja encontrado.

O Sr. Malvin aproximou-se dela, segurando uma caixa de madeira. Sherlock notou que havia alguns buracos na tampa, mas não conseguiu imaginar por quê.

— Isso — disse ela a Wormersley, apontando a caixa com um gesto casual — é para você. Tome cuidado. E lembre-se, três da tarde, em ponto. — Ela se virou para Sherlock. — Por favor, entenda, nada disso é pessoal. Não temos nenhuma antipatia por você, apesar do que aconteceu com o barão Maupertuis. Você é apenas uma pedra no caminho, uma pedra que precisamos remover antes que o carro da história siga em frente.

— Vamos — ordenou Wormersley enquanto se levantava. — Vou levá-lo a um lugar muito perigoso.

Mil estilhaços de vidro se partiram nos degraus do lado de fora. Sherlock ergueu os olhos e viu o pátio explodir em chamas.

CAPÍTULO QUINZE

EM POUCOS SEGUNDOS, O CAFÉ foi dominado por uma fumaça preta e suja. Wormersley praguejou e tentou agarrar Sherlock pelo ombro, mas o menino escapou. Sua cadeira caiu para trás e ele caiu no chão. Afastou-se rapidamente, engatinhando à procura de abrigo sob uma mesa desocupada.

Os outros clientes do café — os membros da companhia teatral com que ele havia viajado, com quem fazia suas refeições e em quem confiara — levantaram-se depressa, assustados com o fogo repentino. Mesas e cadeiras caíram no chão.

— Peguem-no! — gritou a Sra. Loran. — Peguem o garoto!

As chamas lambiam a fachada de madeira do café. Vidros explodiam com o calor. A mesa da frente, mais próxima da porta, pegou fogo.

Alguém agarrou o braço de Sherlock e o puxou para longe, em direção aos fundos do café. Ele tentou resistir, mas uma voz com sotaque irlandês falou:

— Se for confiar em apenas uma pessoa em algum momento de sua vida, rapaz, confie em mim agora.

Rufus Stone!

Sherlock se deixou arrastar para trás do balcão perto da parede dos fundos. Um dos capangas de Wormersley — Sherlock acreditava que fosse o Sr. Malvin, mas não podia ter certeza — os viu e tentou alcançá-los, mas Stone o empurrou, derrubando o homem no chão.

Havia uma portinhola escondida atrás do balcão. Stone empurrou Sherlock e fechou a porta depois de passar.

Estavam em um depósito. Pesadas sacas de farinha e engradados de chá formavam pilhas encostadas às paredes. Stone começou a empurrar as pilhas contra a porta. Sherlock o ajudou, com os olhos ardendo por causa da fumaça.

— Como eles vão sair? — gritou o menino.

— Não é problema meu — respondeu Stone. Ele olhou para Sherlock e, vendo a expressão em seu rosto, acrescentou: — Eles podem usar as mesas mais distantes como escudo e abrir caminho até a escada. Se forem rápidos, vão conseguir chegar à rua. As pessoas devem estar tentando apagar o incêndio pelo lado de fora. Não se preocupe, não estamos condenando ninguém à fogueira, por mais que a ideia me agrade!

— Como provocou o fogo?

— Simples. Havia um carrinho de um vendedor de chá do outro lado da rua. Ele usava álcool para aquecer o samovar.

— Aquecer o quê?

— O cântaro de chá... Chama-se samovar. Ele tinha uma garrafa de álcool que peguei emprestada, então espalhei o líquido enquanto estavam concentrados em você e joguei um pedaço de papel em chamas depois. Funcionou bem, modéstia à parte.

Stone levou Sherlock aos fundos do depósito, onde uns degraus de pedra subiam para um pequeno quintal.

— Como me encontrou? — perguntou Sherlock.

— Eu estava a caminho do hotel para conversar com o Sr. Holmes. Vi quando ele foi preso e quando você foi abordado por um desconhecido alto e sombrio. Fiquei intrigado, por isso segui vocês dois até aqui. Estranho o quanto se pode descobrir simplesmente ficando parado ao lado de uma janela aberta.

— Você ouviu tudo?

O rosto de Stone era duro.

— Sim.

O quintal terminava em uma viela estreita que seguia por entre dois edifícios. Stone virou à direita e andou depressa. Sherlock estava quase correndo para conseguir acompanhá-lo.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou ele, ofegante.

— Vamos à Embaixada britânica e pediremos ajuda ao embaixador. É isso que vamos fazer.

— Não!

Sherlock parou na mesma hora.

— Vamos. Corremos perigo a cada momento que permanecemos nas ruas — insistiu Stone.

O garoto continuou onde estava: teimoso, rebelde e dolorosamente exausto.

— Temos de ajudar meu irmão — disse ele com a expressão fechada.

— Garoto, não há nada que possamos fazer por ele agora. O melhor é deixarmos o corpo diplomático resolver a situação. É para isso que ele existem: crises diplomáticas urgentes. E para coquetéis, é claro. Se tivermos sorte, os diplomatas podem chegar ao conde antes que Wormersley ou a Sra. Loran o encontrem. — Stone olhou para trás, na direção do café. — Tudo depende de eles conseguirem sair de lá. Talvez já tenhamos acabado com seus planos. — Ele sorriu. — Ou com eles.

— Os planos talvez não dependam deles — argumentou Sherlock. — O Sr. Kyte não estava no café, não poderia ter se disfarçado. Talvez seja *ele* o mandante da tentativa de assassinato.

Stone olhou para Sherlock por um momento.

— Reconheço essa expressão. Você tem nos olhos o mesmo brilho que vi quando estava tentando dominar escalas e arpejos no SS *Scotia*. É um garoto teimoso, não é?

Sherlock deu de ombros, momentaneamente constrangido.

— É de família — resmungou.

Stone deu um suspiro profundo.

— Tudo bem — concordou Rufus —, vamos até o prédio onde fica o escritório de Chuvalov. Talvez possamos alertar a segurança, os guardas, ou alguma coisa assim.

— Você *sabe* onde fica o escritório?

— Praça Lubianka. — Stone sorriu. — O endereço é conhecido em Moscou, embora poucos tenham ido até lá e voltado para contar a história. — Ele deu uma olhada no relógio. — Não temos muito tempo. Se a programação de Wormersley estava correta, Mycroft será levado à presença de Chuvalov em cerca de vinte minutos.

Sherlock olhou em volta.

— Não estou vendo nenhuma carruagem de aluguel!

— Não temos tempo — decidiu Stone. — Vamos chegar lá mais depressa a pé, cortando caminho pelas vielas.

Ele foi na frente, correndo por becos e ruas como se houvesse passado a vida toda em Moscou. Sherlock seguia atrás dele. Prédios passavam depressa: cores diferentes, mas a arquitetura quadrada permanecia semelhante. Pessoas saíam do caminho quando se aproximavam correndo, evitando fazer contato visual. Bandos de pardais levantavam voo quando a dupla passava. O ar estava gelado, e, mesmo com o suor morno escorrendo pelas costas e pelo peito por conta do esforço físico, Sherlock também sentia o rosto formigar quando os cristais de neve levados pelo vento aderiam à pele. Imaginava as bochechas cobertas por milhares de pequeninos cortes causados pelos cristais. Pensar nisso o fez lembrar do rosto do Sr. Kyte, nos pequenos cortes em torno de seus olhos, nas bochechas e no nariz. O que os provocara? Imaginou que nunca mais descobriria.

Seu coração batia no mesmo ritmo dos passos. Havia participado de provas de corrida na escola, mas elas eram curtas e intensas — só um tiro até a linha de chegada. Agora corria uma maratona, uma prova interminável, quase insuportável.

O impacto dos passos vibrava pelas pernas, reverberando em cada osso do corpo. Havia neve no chão em todos os lugares. Em um certo momento, ao atravessar uma rua e desviar das várias carruagens e carroças, Sherlock escorregou. Por um instante terrível, pensou que iria cair. Seus braços giraram no

ar enquanto o corpo se inclinava para frente, tentando manter o equilíbrio. O momento pareceu durar para sempre, mas, por fim, Sherlock esbarrou em uma russa que passava envolta em muitas camadas de roupas e conseguiu recuperar a estabilidade.

— Desculpe! — gritou Sherlock por cima do ombro.

Tentou obrigar as pernas a se moverem mais depressa. Stone já estava bem longe.

O movimento dos pássaros que fugiam quando ele se aproximava se tornou um leve tremor na periferia de seu campo de visão. O mundo parecia fechar-se enquanto Sherlock perseguia a silhueta veloz de Rufus Stone.

Stone reduziu a velocidade depois de um tempo. Percorreu mais uma alameda inteira antes de parar. Sherlock o alcançou, seus pulmões pareciam queimar. Ele inspirou enormes porções de ar e se dobrou para a frente, apoiando as mãos nos joelhos. Era como respirar fogo. Stone se apoiou a uma parede enquanto tossia.

Depois de mais ou menos um minuto, eles se recuperaram o suficiente para falar.

— Estamos na praça Lubianka — arquejou Stone. Ele inclinou a cabeça, indicando o prédio do outro lado da rua. — Aquela é a Base de Operações da Seção Três.

Sherlock olhou para o edifício. Mais parecia uma fortaleza: pequeno, com janelas estreitas fechadas à grade, paredes vermelhas e lisas impossíveis de escalar, torres que eram como minaretes nos cantos do prédio, de onde os guardas tinham uma boa visão das ruas laterais e provavelmente podiam atirar em qualquer eventual invasor.

Do outro lado da rua, havia várias carroças e carruagens paradas perto da calçada. Os condutores descansavam. Deviam estar ali para servir de imediato a qualquer russo importante que saísse do edifício, presumiu Sherlock.

— Qual é o escritório do conde Chuvalov? — perguntou Sherlock com voz rouca.

Os olhos de Stone estudaram as diversas janelas.

— Não vou apontar — disse ele. — Não quero atrair mais atenção do que já merecemos com nossa breve demonstração atlética. Olhe para a torre à esquerda, depois acompanhe a linha do telhado até aquela janela aberta, a que é maior que a outras e fica meio destacada do prédio. O escritório dele é ali. — Ele parou para tossir novamente. — Perceba as grades extras e o fato de não haver acesso a ela a partir dos andares inferiores, pelas laterais ou por cima. Não há parapeitos. O vidro é escuro para que ninguém do lado de fora consiga mirar lá dentro, e se olhar em volta vai perceber que é o prédio mais alto dos arredores. Não existe

posição favorável para um atirador. E lá dentro é igualmente difícil: dizem que um visitante precisa passar por seis postos de verificação antes de chegar aos guardas posicionados do lado de fora do gabinete, que são escolhidos a dedo pelo próprio Chuvalov. Não entendo como Wormersley pode achar que vai assassinar esse homem.

Sherlock ergueu os olhos para a janela do escritório e depois olhou para o relógio. Eram quase três horas! Se a Câmara Paradol estava correta — e Sherlock suspeitava de que eles sempre estavam corretos —, Mycroft agora estava a caminho daquele escritório!

Ele olhou em volta, em busca de alguma coisa que pudesse indicar o que aconteceria em seguida.

E notou um detalhe.

— Não há pássaros — comentou Sherlock.

— O quê?

— Não há pássaros. Esta cidade é cheia de pardais e outras aves, mas onde estão agora? Não vejo nenhum.

Stone olhou em volta.

— Tem razão, mas não entendo o que quer dizer com isso.

— O que afugenta pássaros?

O violinista deu de ombros.

— Gatos?

— Gatos, sim, e outras aves. Aves de rapina.

Stone franziu o cenho, depois arregalou os olhos, compreendendo.

— Aquele falcão de que Mycroft falou, o do museu em Londres! Acha que é *esse* o plano de Wormersley?

— Olhe para a janela do escritório — instou Sherlock. — Ninguém poderia chegar lá, nem por fora, nem por dentro, pelo que você contou. Mas uma ave pode *voar* até lá!

— E fazer o quê? Um pássaro não pode esfaquear Chuvalov nem atirar nele, e se o atacar com as garras, não parecerá que Mycroft foi responsável pelo ataque.

Os pensamentos de Sherlock se sucediam rapidamente.

— Quando o falcão me atacou no museu, tinha alguma coisa presa às garras, uma espécie de lâmina afiada. Imagine que Mycroft foi levado ao escritório de Chuvalov, passando por todos os postos de verificação. O conde e Mycroft estão sozinhos no gabinete. O falcão treinado de Wormersley entra pela janela aberta e ataca Chuvalov. Ele corta o pescoço do conde com a lâmina presa em suas garras e sai pela janela. Chuvalov grita, talvez, ou Mycroft pede socorro. Os guardas entram na sala e encontram o conde à beira da morte, perdendo muito sangue

pelo corte feito em seu pescoço, e Mycroft está lá, na sala onde ninguém mais entrou e de onde ninguém saiu!

— Mas Mycroft não terá uma faca — apontou Stone.

— Não importa. Todas as evidências estarão contra ele. Os guardas vão presumir que ele simplesmente jogou a faca, a navalha ou qualquer que seja a arma pela janela!

— Não sei... E se a janela estivesse fechada?

— Nesse caso, eles provavelmente usariam uma pedra e um estilingue para quebrar o vidro. Na comoção que se seguirá, todos vão imaginar que Mycroft quebrou a vidraça ao tentar fugir. É a Câmara Paradol. Eles pensam em tudo! Faz sentido! Nunca entendi por que fui atacado por um *falcão*. Quem leva um falcão vivo a um museu de aves empalhadas? Eles devem ter treinado o pássaro lá e usado o museu como quartel-general.

Uma lembrança voltou à sua mente, e ele enfiou a mão no bolso do paletó. Lá, ao lado do frasco de vidro que pegara no Diogenes Club, aquele vindo do bolso do paletó do homem morto, havia o corpo do rato morto que encontrara no trem entre Dunquerque e Moscou. Esquecera completamente aquilo. Ele cabia perfeitamente na palma da mão.

— E isto aqui deve ter escapado do estoque de comida da ave — disse, com urgência. — Encontrei o rato no trem. O Sr. Kyte devia estar cuidando da ave, por isso passou tanto tempo em seu compartimento durante a viagem. Ele a mantinha calma e alimentada, cuidando para que não escapasse.

— Vamos imaginar que você esteja certo — disse Stone, olhando em volta. — De onde ela virá?

— De algum lugar próximo. Um prédio, talvez, se eles tiverem acesso ao telhado ou a um cômodo vazio. — Sherlock estudou o cenário rapidamente. — Ou então algum lugar na rua.

Seus olhos foram atraídos por uma carruagem preta parada do outro lado da rua. Era parecida com as outras que passavam por ali, mas alguma coisa nela chamou a atenção de Sherlock. Talvez fosse o tamanho do motorista, ou a tentativa fracassada de esconder os abundantes cabelos vermelhos sob um lenço.

— Ali — apontou ele, aflito. — Naquela carruagem.

Stone olhou na direção do veículo.

— Aquele é o Sr. Kyte.

— Foi o que pensei.

— Wormersley deve estar lá dentro. Com o falcão, se você estiver certo. — Seus olhos voltaram ao prédio onde ficava a sede da Terceira Seção. — Temos de ir à recepção. Eles precisam mandar um alerta à sala do conde.

— Não temos tempo! — disse Sherlock.

Na carruagem, a janela voltada para o prédio se abria.

Alguma coisa surgiu do quadrado escuro que era o interior da carruagem. Um braço — um braço sustentando uma ave de penas marrons. Talvez fosse o pássaro que o atacara no museu em Londres, talvez fosse outro, mas parecia igualmente letal.

Um assobio baixo cortou o ar: três notas; o mesmo tipo de assobio que Sherlock ouvira no museu.

— Lá bemol, mi, sol menor — murmurou Stone.

O falcão alçou voo, subindo com um impulso das pernas e batidas fortes das asas, uma, duas, três vezes, erguendo-se até o céu. Planou por um momento, orientando-se, depois bateu as asas mais uma vez, ganhando mais e mais altitude. O sol era refletido pelas duas cruéis lâminas de metal presas às pernas da ave, acima das garras.

O homem na carruagem — Wormersley? — assobiou de novo, emitindo notas diferentes, e o falcão ajustou o curso, fazendo uma curva suave para a esquerda e planando. Os assobios o guiavam para a janela correta! Wormersley provavelmente o treinara com uma réplica do edifício, ou alguma coisa pintada da mesma maneira, mas ele não se arriscava. Dirigia a ave para o local exato.

— É tarde demais — disse Stone.

— Não — advertiu Sherlock, e havia tanta certeza em sua voz que até ele se surpreendeu. — *Não!*

O garoto cerrou o punho que segurava o rato morto e recuou. Equilibrando-se com o braço esquerdo estendido para frente, Sherlock arremessou o rato como um jogador de críquete arremessaria uma bola.

O pequeno cadáver descreveu um arco no ar na direção da janela aberta. Sherlock assobiou, tentando reproduzir o som dos comandos de Wormersley. O falcão virou a cabeça para ver quem emitia o sinal. O rato morto, que começava sua longa queda para o chão, atraiu seu olhar. A ave descreveu uma curva no ar e mergulhou. O rato caía com a força da gravidade, mas o falcão impulsionou o corpo com duas poderosas batidas das asas e, depois de um instante, as fechou. Cortou o ar em alta velocidade, e sua rota convergiu com a do rato.

O bico se abriu e fechou, e o rato desapareceu, engolido por inteiro.

Novos assobios soavam enquanto Wormersley tentava recuperar o controle sobre a ave, mas a fome vencera o treinamento. Os falcões tinham de ser mantidos com fome, Sherlock sabia, ou perdiam o interesse pelo que os donos queriam que eles fizessem. O pássaro descreveu uma curva ampla voltando para a carruagem. Para a coisa mais próxima de um ninho que o falcão tinha naquele momento: a caixa que Wormersley havia recebido no café.

No quadrado escuro dentro da carruagem, Sherlock viu o rosto de Wormersley flutuando como uma aparição fantasmagórica, uma máscara distorcida de frustração.

Sherlock pensou nos sinais que ouvira no museu: os sinais que mandaram o falcão atacar. Ele forçou o cérebro a lembrar as notas. Sabia tocar violino, mais ou menos. Sabia ler partituras. Certamente seria capaz de identificar uma nota musical se fosse preciso.

O menino assobiou alto, repetindo a sequência de que se lembrava.

Descendo em direção à carruagem, o falcão ouviu o sinal. Em vez de se preparar para pousar no braço estendido de quem o comandava, abriu as garras e as transformou em dois poderosos instrumentos de destruição.

O falcão mergulhou pela janela da carruagem direto no rosto de Wormersley.

Um grito explodiu do interior do veículo, que balançou freneticamente nas rodas enquanto Wormersley lutava contra a ave lá dentro. Sentado no banco do condutor, Kyte virou-se para ver o que estava acontecendo. Assustado, o cavalo que puxava a carruagem empinou, levantando as patas dianteiras.

— Vamos! — gritou Sherlock para Stone. — Você cuida de Kyte... Eu pego Wormersley.

— Mas...

— *Vamos!*

Não iria deixar a Câmara Paradol escapar, não se pudesse detê-la. Aquelas pessoas tinham muitas mortes nas mãos, muitas explicações a dar. Tiraria Wormersley daquela carruagem e o levaria à presença do conde Chuvalov, obrigando-o a explicar exatamente seus planos.

Ao ver que Stone passara por ele, correndo na direção do preocupado Kyte, Sherlock se jogou na porta mais próxima da carruagem. Quando estendeu a mão para a maçaneta, a porta se abriu com um tranco violento, jogando-o para trás, para o chão. Wormersley saltou do veículo, tirando o falcão de sua cabeça e lançando-o em Sherlock. Seu rosto e a camisa estavam sujos de sangue, e havia marcas de bicadas na testa e cortes no pescoço.

Com uma manobra confusa, o falcão decolou. O treinamento tinha limites: agora, tudo o que o animal queria era liberdade.

Wormersley esfregou a manga do paletó no rosto, espalhando o sangue e criando uma máscara carmesim em torno dos olhos que brilhavam de fúria.

— Seu garoto *intrometido*! — gritou ele. — Anos de planejamento, e eu teria conseguido se você não *arruinasse* tudo em instantes!

— Desista — disse Sherlock. Estava preparado caso Wormersley tentasse atacá-lo. — Você não tem como escapar.

— Sempre há como escapar.

Ele se virou e pegou alguma coisa na carruagem. Um aro, aparentemente. Um brinquedo de criança. Mas em seguida Wormersley balançou a mão e o círculo se desfez, transformando-se em uma linha que se desenrolou até o chão.

Era um chicote, mas não como os que Sherlock vira antes. Não como aquele que o Sr. Surd, criado do barão Maupertuis, usara contra ele meses atrás. Não, este parecia ser feito de metal trançado, e na extremidade havia uma garra metálica afiada.

— Lembra-se de quando mencionei o *knout* russo? — perguntou Wormersley. — Bem, você está prestes a conhecê-lo *bem* melhor.

Ele estalou o chicote. A ponta zuniu, cortando o ar. Sherlock encolheu-se para o lado e o gancho de metal passou bem perto de sua orelha.

Ele enroscou em seu paletó quando Wormersley o puxou de volta.

O corpo de Sherlock foi puxado para frente, e ele perdeu o equilíbrio, caindo de quatro no chão coberto de neve.

Wormersley colocou-se atrás de Sherlock e prendeu o *knout* em torno de seu pescoço. Puxou com força, interrompendo a passagem de ar.

O mundo ficou vermelho diante de seus olhos. Sherlock tentou desesperadamente inspirar, mas nada passava pelos elos de ferro do *knout* em contato com sua pele. Atacou o chicote com os dedos, tentando colocá-los sob o metal, mas Wormersley o puxava com tanta força que não havia espaço para isso.

A bruma vermelha que preenchia seu campo de visão começou a ficar negra. O mundo tornou-se uma confusão abafada de luzes e sons.

Sherlock chutou para trás com o pé direito, mas Wormersley havia afastado as pernas, inclinando-se para a frente no movimento de enforcá-lo. Enfiou os nós dos dedos com força contra a nuca do garoto.

— Morra! — sibilou ele, aproximando a cabeça da orelha esquerda de Sherlock. — Apenas *morra*!

Tentando encontrar algum apoio no chão, qualquer coisa que servisse de alavanca para conseguir se levantar, Sherlock tocou na parte externa do bolso de seu paletó. Sentiu um objeto duro e cilíndrico lá dentro — o spray que havia encontrado na sala do Diogenes Club. O que fora utilizado para drogar Mycroft.

Com a visão escurecida e ouvindo apenas o eco de sua pulsação, Sherlock usou o restante das forças para pegar o frasco. Seus dedos se atrapalharam ao tentar levantar a tampa com o polegar. Nem sabia para onde estava apontando, mas segurou o frasco acima da cabeça e apertou a válvula desesperado.

Atrás dele, Wormersley engasgou. Suas mãos perderam a força. Sherlock caiu para a frente, puxando o ar até os pulmões pela boca e pelo nariz. Ele se virou de costas, levantando os braços para se defender de Wormersley caso fosse

atacado novamente, mas pela névoa avermelhada Sherlock viu seu atacante paralisado, olhando para o nada, com uma expressão atordoada no rosto.

Sherlock fechou os olhos e relaxou a cabeça nas pedras do calçamento.

Mãos o agarraram e levaram dali. Por um momento, ele pensou que fosse o Sr. Kyte, mas outra pessoa soltou o metal e a tira de couro do *knout* de seu pescoço. Virando a cabeça, Sherlock viu-se cercado por soldados vestindo uniforme azul e cinza. Um deles o segurava enquanto outro retirava o *knout*. Um terceiro soldado estava com Wormersley, cujo rosto coberto de sangue estava inchado e quase irreconhecível. Mais um soldado tirava Rufus Stone da carruagem. Ele perdia sangue por um corte no braço, um corte que havia penetrado o tecido do paletó e a carne.

Não havia sinal do Sr. Kyte.

Os minutos seguintes foram confusos. Sherlock e Rufus Stone foram levados ao prédio na praça Lubianka e meio empurrados, meio arrastados por corredores escuros e lances de escada acima. Sherlock não sabia mais em que parte do prédio estavam. Por fim, foram levados para além de uma barreira de guardas uniformizados até uma série de escritórios interligados.

No último cômodo, dois homens os esperavam de pé.

Um deles vestia um uniforme militar em uma versão muito mais ornamentada que a dos soldados com um manto por cima. Devia ter uns quarenta anos, tinha cabelos grisalhos curtos e um bigode que se encurvava nas pontas. O outro tinha pouco mais de vinte anos e vestia terno preto e colete listrado.

— Ah, Sherlock — cumprimentou Mycroft em um tom calmo. — Esta é Sua Excelência, conde Piotr Andreievitch Chuvalov. Conde Chuvalov, permita-me apresentar meu irmão, Sherlock.

Chuvalov encarou Sherlock. Depois olhou para Mycroft.

— Sim — disse ele, com um inglês excelente. — Presumo que *ele* tenha puxado à família de seu pai.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O RESTAURANTE DO DIOGENES CLUB era silencioso como uma catacumba, razão pela qual Mycroft tomara providências para que a refeição fosse servida na Sala dos Visitantes. Ao menos ali os quatro poderiam manter uma conversa decente.

Mycroft estava sentado à cabeceira da mesa, com Sherlock à esquerda e Amyus Crowe à direita. Rufus Stone estava na frente de Mycroft.

Olhando em volta, Sherlock sentiu dificuldade em lembrar que fora naquele mesmo lugar que começara toda aquela aventura. Ele verificou o carpete em busca de manchas de sangue, lembrando-se do pobre desafortunado cujo desespero para deixar um pouco de dinheiro para a família o levara ao suicídio, comandado pela Câmara Paradol só para fazer com que Mycroft fosse à Rússia. Ou alguém havia feito uma limpeza caprichada ou todo o carpete fora trocado.

Mycroft e Crowe discutiam o que o governo norte-americano faria com o Alasca, agora que finalmente pagara pelo território. Sherlock voltou a se concentrar em seu jantar. Garçons silenciosos vestidos de preto serviram tigelas de sopa.

Crowe olhava indeciso para o líquido cremoso avermelhado.

— Isso não deve ser apropriado para consumo humano — comentou ele. — Parece uma mistura de leite com sangue de vaca.

— É *borscht* — explicou Mycroft. — Uma sopa russa feita de beterraba com *smetana*, ou coalhada. Achei que seria apropriado compartilhar com você uma pequena recordação de nossas aventuras. O *chef* foi muito prestativo. Singularmente ousado, na verdade. Eu não acreditava que ele sequer tentaria preparar alguma coisa além de sopa Brown Windsor, mas ele ficou entusiasmado com o desafio.

— Por falar em desafios — disse Stone —, temos alguma notícia sobre o Sr. Kyte?

Sua mão esquerda tocou o outro braço, no qual o curativo escondia um corte profundo. Havia em suas palavras uma entonação que, aos ouvidos de Sherlock, sugeria que Stone ainda tinha assuntos inacabados para resolver com o ruivo grandalhão.

Mycroft balançou a cabeça com pesar.

— Nem uma palavra. Ele parece ter sido tragado pela terra. Presumo que a Câmara Paradol o esteja protegendo em algum lugar, se é que eles são do tipo

que perdoa, é claro.

— E sobre o restante da Companhia Teatral Kyte? — perguntou Sherlock.

— Todos desapareceram como o Sr. Kyte; supostamente estão escondidos. — Seu rosto era grave. — Ter estado tão perto da Câmara Paradol, ter me aproximado tanto da Sra. Loran, que agora acredito ser um de seus membros mais importantes, e não ter percebido... Isso me atormenta, Sherlock. Minha mente foi afetada pela acusação de assassinato e pelo período de confinamento, mesmo que ele tenha sido breve. Eu devia ter percebido que havia algo estranho naquela companhia. Devia ter percebido que éramos vítimas de uma farsa desde o início.

— E Wormersley?

— Ah, para isso tenho uma resposta. Por razões compreensíveis, o conde Chuvalov não permitiu que o trouxéssemos conosco. Ele ficou detido em uma cela na praça Lubianka. Irônico, considerando que fomos a Moscou porque era lá que eu acreditava que ele estava. — Mycroft suspirou. — Ele mudou. Não era o homem que eu pensava que fosse. Mas suponho que viajar pelo mundo tenha esse efeito sobre as pessoas, razão pela qual pretendo viajar o mínimo possível pelo resto de minha vida.

— Fiquei surpreso por Chuvalov ter acreditado em você tão prontamente — comentou Crowe.

Ele ainda olhava indeciso para a sopa, na qual mergulhou a colher em um gesto experimental.

— Essa é outra ironia — respondeu Mycroft. — Eu conhecia Chuvalov bem menos do que conhecia Wormersley, mas, no final, foi essa a relação que sobreviveu e se mostrou digna de confiança, diferentemente da outra. Pensamos de maneira parecida. Quando foi informado sobre minha prisão, o conde ordenou de imediato que eu fosse levado a sua presença. Tomamos chá e conversamos de maneira muito civilizada. Ele se desculpou por qualquer tipo de comportamento rude de seus homens e eu pedi desculpas por ter entrado em seu país sem o aviso apropriado. É assim que as relações internacionais devem ser conduzidas: de maneira polida e com os devidos acompanhamentos, e não com falcões treinados agindo como armas.

— E ele acreditou em toda essa história maluca?

— Quando Sherlock contou sua história, ficou óbvio que as evidências a sustentavam. As pessoas viram o falcão, com suas garras de metal, voar para dentro da carruagem e presenciaram também a luta entre Sherlock e Wormersley e a luta entre o Sr. Stone e o Sr. Kyte. Chuvalov já havia recebido relatórios sobre minha prisão aqui em Londres pela acusação de assassinato. Ele tem os próprios agentes em Londres, é claro, como eu tenho, ou tinha, na Rússia. —

Pensativo, ele fez uma pausa. — Embora seus agentes provavelmente *não* trabalhem em segredo para a Câmara Paradol, o que é um ponto a favor dele em nosso jogo atual.

— Jogo? — repetiu Sherlock.

— A contínua batalha estratégica entre a Rússia e a Grã-Bretanha pelo controle da Ásia Central: Afeganistão e Índia. Nós chamamos de o Grande Jogo.

— Nosso pai está na Índia — apontou Sherlock. — Ele está lutando lá. Não é um jogo, Mycroft.

Mycroft teve a elegância de se mostrar constrangido.

— Você tem razão, meu caro irmão. Não é um jogo, muito menos um grande jogo. Aqui em Londres, sentado em uma poltrona confortável, é fácil perder de vista a realidade. Talvez o tempo que passei na Rússia tenha servido para me ensinar uma coisa: as peças que movemos tão alegremente no tabuleiro são pessoas de verdade, com sentimentos de verdade. Essa é uma lição que não vou esquecer. — Ele deu um sorriso hesitante. — Mas você acaba de me lembrar de que ainda não lhe mostrei a carta que nosso pai enviou da Índia, a que você veio de Farnham para ler. Estou com ela aqui. Deixarei que você a veja mais tarde.

Amyus Crowe pigarreou.

— Então, qual é o plano agora? — perguntou ele, obviamente tentando mudar o assunto para questões mais amenas. — O que vamos fazer? De minha parte, pretendo passar algum tempo com minha filha.

— Eu pretendo voltar aos meus aposentos e para o meu trabalho — respondeu Mycroft.

— Acho que vou voltar para a mansão Holmes, para meus tios e para a maravilhosa Sra. Eglantine — declarou Sherlock sem entusiasmo.

Ele olhou para Rufus Stone. Por um momento, pensou em Farnham, na mulher vestida de preto que o espionara e desaparecera em um beco. Na ocasião imaginara que fosse a Sra. Eglantine, mas agora não tinha tanta certeza. Talvez fosse a Srta. Aiofe Dimmock estudando o irmão de Mycroft antes de a Câmara Paradol pôr em prática seu plano complexo. Ou talvez *fosse* mesmo a Sra. Eglantine. Sherlock decidiu que, quando voltasse à mansão Holmes, esclareceria esse mistério e descobriria que tipo de poder a mulher tinha sobre sua família.

— E quanto a você, Sr. Stone? — perguntou Mycroft, interrompendo os pensamentos de Sherlock.

Stone sorriu e olhou para o menino. Um dente de ouro no fundo da boca brilhou, refletindo a luz do candelabro.

— Soube que tem um bom violino — disse ele. — Esperava que me desse o prazer de ouvi-lo tocar. Duas vezes por semana, uma hora por dia. Terças e quintas seriam dias convenientes para você?

— Perfeitamente — respondeu Sherlock.

NOTAS HISTÓRICAS

O MUSEU ONDE SHERLOCK FOI atacado por uma ave de rapina se baseia em minhas lembranças do museu Passmore Edwards em Stratford, East London. Lembro-me de ter sido levado lá em excursões escolares no início da década de 1970, e minha principal lembrança é da quantidade de animais empalhados espalhados pelos vários salões vitorianos (isso e o cheiro de mofo). Desde então, descobri que John Passmore Edwards (1823-1911) foi jornalista e dono de um jornal britânico cujos legados resultaram na construção de setenta importantes edifícios (principalmente hospitais, bibliotecas, escolas, casas de repouso e galerias de arte), além de onze fontes de água potável e trinta e dois bustos de mármore. Um verdadeiro filantropo vitoriano.

A Ferrovia Necrópoles realmente existiu. Só os vitorianos poderiam ter pensado em manter uma ferrovia somente para os mortos. Para ser justo, se os egípcios tivessem ferrovias, provavelmente também teriam pensado nisso, mas só os vitorianos teriam cobrado valores diferentes por passagens de primeira, segunda e terceira classes para os caixões. Encontrei pela primeira vez uma menção à Ferrovia Necrópoles em um livro sobre as coisas que se escondem sob as ruas de Londres e desde então tenho procurado mais detalhes em outros livros semelhantes. Os importantes são:

- *London Under London: A Subterranean Guide*, de Richard Trench e Ellis Hillman
(John Murray, 1993)
- *Underground London: Travels Beneath the City Streets*, de Stephen Smith
(Abacus, 2005)
- *Necropolis: London and its Dead*, de Catharine Arnold
(Pocket Books, 2005)

O King’s Theatre em Whitechapel é baseado em grande medida no Theatre Royal, em Stratford. Eu fazia teatro amador quando estava na escola, e algumas das nossas apresentações aconteceram no Theatre Royal. Ele foi construído em 1888, e passei muito tempo vagando pelos bastidores, absorvendo aquela atmosfera.

A temporada de Sherlock e Mycroft na Rússia foi, surpreendentemente, muito difícil de pesquisar. A maioria dos livros de história sobre o país concentra-se na revolução russa (1917), nos anos da União Soviética (focando

principalmente Lênin, Trotsky e Stálin), e no período posterior ao fim da URSS. Os meados do século XIX são uma espécie de vácuo. No final, decidi abordar esse período por outro ângulo, pela Guerra da Crimeia (1853-1856), mas descobri tarde demais um livro com citações de escritores russos daquele período, e os entremeei em uma espécie de documento descritivo. Pelo bem da informação, os livros eram:

- *A Brief History of the Crimean War, d*e Alexander Troubetzkoy (Robinson, 2006)
- *Literary Russia: A Guide*, de Anna Benn e Rosamund Bartlett (Gerald Duckworth & Co, 2007)

Admito com certa vergonha que a Wikipédia forneceu muitos detalhes sobre o czar, sua polícia secreta e a compra do Alasca. Tarde demais descobri alguns números do *London Illustrated News* da década de 1850 on-line. Alguns tinham relatos de um jornalista que havia viajado a Moscou, e tomei emprestadas algumas de suas descrições da cidade e seus habitantes.

O conde Piotr Andreievitch Chuvalov era uma pessoa de verdade, e realmente comandava a Terceira Seção, que era mesmo a polícia secreta do czar. Chuvalov passou algum tempo na França, local onde teria conhecido Mycroft Holmes. O príncipe Iusupov também era uma pessoa real, e um conhecido patrono das artes.

E, em uma nota não histórica, posso aproveitar os pensamentos de Sherlock no último capítulo e revelar que o próximo livro — que provavelmente terá o título de *Tempestade de fogo* — contará (entre outras coisas) como Sherlock vai por fim confrontar a desagradável Sra. Eglantine.

Até lá...

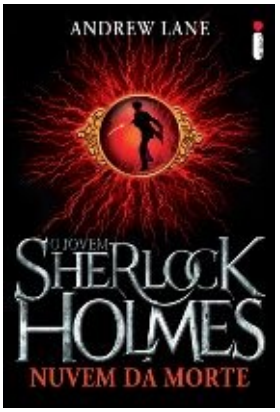
SOBRE O AUTOR

© Helen Stirling

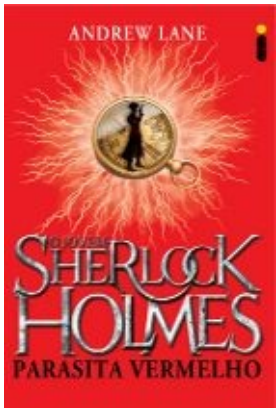


ANDREW LANE, que por anos atuou como redator de imprensa especializado em televisão, é autor de vários romances ambientados no universo de conhecidas séries da rede BBC inglesa, como *Doctor Who*, *Torchwood* e *Randall and Hopkirk (Deceased)*, além de obras de não ficção dedicadas a filmes e personagens famosos, como James Bond. Vive em Dorset, no sul da Inglaterra, com a mulher e o filho, em meio a uma vasta coleção de livros sobre Sherlock Holmes, acumulada ao longo de vinte anos — o que, agora ele afirma, foi uma despesa mais que justificada.

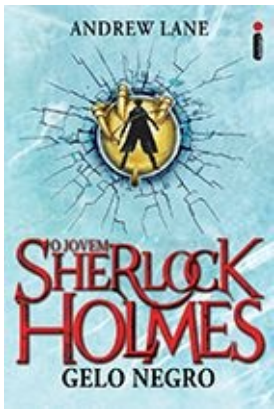
CONHEÇA OS LIVROS DO AUTOR



O jovem Sherock Holmes:
nuvem da morte



O jovem Sherock Holmes:
Parasita vermelho



O jovem Sherock Holmes:
Gelo negro